BRIEF
BR
0032299

Santo Antonio de Lisboa

ESTUDO DE HISTORIA E CRITICA

POR

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1895

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/santoantoniodeli00mont

SANTO ANTONIO DE LISBOA

Quadro de Murillo (parte central) existente no museu de Berlim
Gravura de M. Diogo Netto

Santo Antonio de Lisboa

ESTUDO DE HISTORIA E CRITICA

POR

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1895

BK
00 22 999

Publicação feita pela grande commissão central
do setimo centenario de Santo Antonio
para commemoração e justificação do mesmo centenario

Ha pouco dizia a Don Locatelli de Padua o Pontifice que gloriosamente preside na Igreja universal: «Importa amar muito a Santo Antonio e procurar que os outros o amem. Santo Antonio não é só de Padua, é do universo inteiro»[1].

Tem este livro, de mais ambições que paginas, o expresso proposito de fixar com a exacção possivel algumas das feições do engenho e da alma do grande portuguez.

Sob tres aspectos distinctos, embora estreitamente unidos entre si, se pode estudar os homens, dignos d'este nome: o pensamento, a palavra e os actos. Investigar-se-ha, pois, attenta, embora summariamente, o pensamento, a palavra e os actos d'esse homem singular, que foi, sem contestação que mereça ouvidos,

---

[1] *Les grandes gloires de Saint Antoine,* par le R. P. Marie-Antoine, apud Chérancé, *Saint Antoine de Padoue.* No prefacio.

luminar formoso de seu seculo — seculo de trevas, dizem, mas trevas em todo caso tanta vez cortadas de luz intensa.

Se por mim, se n'estas linhas breves, lograr entrever alguem a luzentissima figura que soube em vida confirmar na fé as almas vacillantes e reaccender na caridade, a santa oriunda do céu, os corações gelados para o bem, beijarei agradecido a penna que, no dictar de convicção sincera, traçou as paginas sentidas d'este livro obscuro.

Terei realisado, em parte quando menos, o desejo de um grande Papa.

Não ha meio melhor de amar a Santo Antonio que conhecel-o.

23 de junho de 1895.

O MYSTICO

Santo Antonio foi principalmente grande, foi principalmente *heroe,* como diria o Carlyle, pela palavra e pela acção. N'elle o pensamento, importa asseveral-o desde já, é menos em si do que nas seguras consequencias digno de attenção e apreço. Na sua, como em todas ás bellas, fortes e amplas constituições moraes, a palavra e a acção, em que foi tão grande, derivam do pensamento que as explica. O agigantado orador, o descommunal asceta, acha-se em resumo em seu pensamento, do mesmo modo que na amendoa, exigua na apparencia, da arvore fructeira se inclue, em mysteriosa summa, o perfume da flor futura e o sabor do fructo amadurado.

*

Considerado sob o aspecto do Pensamento, foi Santo Antonio clara, precisa, indubitavelmente um Mystico.

Para evitar inexactas comprehensões, dada a confusa noção que esta palavra muita vez accorda, direi o que por ella exactamente exprimo.

*

A sciencia do ser, na definição comprehensiva e certa de Platão, ou a sciencia das cousas divinas e humanas — *divinarum humanarumque rerum scientia* — no redundante dizer de Cicero, a tão extremecida outr'ora quanto hoje esquecida Philosophia, tem procedido, e procederá, emquanto lhe for dado abrir a larga envergadura ao sol da vida, de um de tres precisos termos: a substancia material, o espirito pensante ou ser humano, e Deus[1].

Correspondem a estes tres termos na historia do pensamento humano, banhada tanta vez de luz mas embebida tanta vez de sombras, tres philosophias, as unicas merecedoras d'este nome, que é dado registar.

Ao primeiro — a substancia material — corresponde a philosophia da Grecia. Esta philosophia, em que cantam os rythmos das ondas do Egeu crespo de virações perfumadas de urzeira brava e redolente thymo, em que se accusam os graciosos contornos dos montes da Hellade cara a Apollo e ás musas, foi sempre a philosophia da natureza em todos os seus tres grandes e cheios periodos: de Thales a Anaxagoras, em que esse termo é a pura substancia material; de Socrates aos scepticos, em que a materia se esconde sob o nome de rasão; do neo-platonismo até a dissolução d'este e a de toda a philosophia grega, depois da morte de Julião, em que é simultaneamente rasão e materia.

Ao segundo termo, — o ser humano, — corresponde toda a philosophia moderna desde o claro ingenho do

---

[1] Uma nimia subtileza introduz talvez um quarto termo, em que se fundem os dois primeiros. Sem rasão. A synthese philosophica que procede de dois termos não procede primariamente de nenhum. Não existem a um tempo dois termos de tal nome. Termos assim coexistentes presuppõem um terceiro, que será o primeiro realmente.

francez Descartes até o allemão Hegel, o enredado e escuro, mas profundo genio.

Ao terceiro termo,—Deus,—a philosophia christã. De feito, o termo essencial da synthese christã é Deus,—o Deus revelado pelos prophetas, pela Incarnação do Verbo, pela obra da Redempção humana, o Deus Absoluto, Uno, e ao mesmo tempo Trino, Creador Supremo, Supremo Moderador de tudo.

Foi esta a philosophia da meia idade. Esse singular periodo tão revolto e convulso, tão cheio de sangue e fogo, tão de ferro e armas, na esphera do pensamento só tratou de Deus. Quando se occupou do homem, e da natureza não o fez por elles. No homem, na propria natureza, o que estudou foi Deus. O estudo de ambos só devia servir ao melhor conhecimento d'esse Deus.

Sem nos preoccuparmos das ligações que tentou formar com a philosophia ou philosophias que encontrou dominando nos espiritos pensantes, sem nos preoccuparmos de suas diversas fórmas determinadas pelas noções que de taes philosophias adoptava, podemos dizer que esta synthese philosophica manifestou duas tendencias perfeitamente distinctas. Na primeira, alliou-se ora a Platão ora a Aristoteles, no empenho de conciliar a Fé e a rasão humana representada nas cogitações dos dous potentes pensadores gregos, ora a ambos n'uma conjuncção que parecêra impossivel, mas que chegou a realisar-se, e estudou principalmente o Ser dos seres em Si, em seus predicados e attributos, procurando constituir-lhe a sciencia suprema n'um todo concatenado, perfeitamente harmonico. Na outra, partindo da noção de Deus, tal qual a ministrava ás almas e aos corações necessitados de luz e amor a Nova Idéa, e de si mais propensa a não discutir essa Idéa augusta, embora lhe não repugnasse absolutamente o esforço de concilial-a com os resultados obtidos pela rasão humana tambem illuminada em revelação embora indirecta e primitiva, affirmou a necessidade do homem se elevar

ao Deus de que proviera, por ser esse o objecto principal da creação e principalmente da incarnação do Verbo, mysterio mais estupendo que o da propria creação. Assim como Deus, a Segunda Pessoa da Trindade Augusta, descêra por amor a unir-se intimamente ao homem, assim tambem o homem, correspondendo á infinidade d'esse amor, devia, por analogos meios aos por que aquelle tremendo e ineffavel mysterio se realisára, isto é, pelo sacrificio, pela abnegação, pela dor, procurar a effectuação de outro mysterio, tambem ineffavel e tremendo na pequenez da humana natureza, o alar-se ao céu e fazer-se alguma cousa parecida a Deus pela união da sua com a divina vontade.

Caracterisa a primeira tendencia o esforço mais accentuado e constante de conciliar a Fé com a Rasão, ou com o que então se dizia a Rasão humana; caracterisa a segunda o esforço de affirmar, de demonstrar a necessidade do regresso a Deus, pela pratica das virtudes e por exercicios de piedade, da alma apartada de Deus por tantas culpas.

Em rigor e sem embargo das duas definidas tendencias, toda a philosophia christã da meia idade devia appellidar-se mystica.

Com effeito, de que se occupava toda essa philosophia? Dos dogmas, a saber, das verdades divinamente reveladas. Ora desde o primeiro alvorecer da fé christã se deu aos dogmas o nome de mysterios. Mysterios e dogmas são synonymos quanto o podem ser duas dicções diversas. S. Paulo nomeia os apostolos administradores dos mysterios de Deus[1]. Na epistola aos Ephesios[2] refere-se ao mysterio do Evangelho. Na epistola aos colossenses[3] ao mysterio de Christo. No proprio

---

[1] «Sic nos existimet homo ut ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei.» S. Paulus, I ad Corint., IV, 1.

[2] Cap. VI, 19.

[3] Cap. IV, 3.

Evangelho[1] falla Jesus nos mysterios do reino dos céus. Santo Agostinho comprehende sob o nome de mysterios a inteira revelação do Velho e Novo Testamento, as verdades que nos convem conhecer, mas que não logràmos conhecer por nós[2]. Os christãos são denominados por elle *sacris mysteriis imbutos*[3]. S. Gregorio Nazianzeno designa com o mesmo nome toda a fé christã. S. Basilio inclue sob igual denominação todo o conjuncto da mesma fé. Santo Athanasio attribue pela mesma fórma a todo o teor d'ella o caracter de um mysterio[4].

Proveiu aos dogmas este nome da necessidade nos primeiros christãos de resguardarem dos pagãos, dos judeus e até dos proprios neophytos as verdades principaes da Fé. Emquanto a sinceridade d'estes se não confirmava pela perseverança, era prudente este segredo. Até então subsistiria o perigo de que, arrastado pelo exemplo ou succumbindo ás tentações, abjurasse o neophyto e entregasse ás affrontas e riso dos pagãos as verdades santissimas da Fé. A iniciação fazia-se pois lentamente e, com toda a probabilidade, na proporção da confiança que ia inspirando o adepto. Conhecem-se as verdades que em geral e principalmente se escondiam, as que só em ultimo logar se entregavam ao affecto, á guarda e crença dos novo-conversos.

Era natural porém que, variando em parte com as circumstancias as verdades que tinham de acautelar-se dos profanos ou recemvindos, se fosse a pouco e pouco estendendo a todas o nome que primeiro só a algumas

---

[1] Math., XIII, 2; Marc., IV, 11; Luc., VIII, 10.

[2] «... res quas ignorare non expedit, nec per nosmetipsos nosse idonei sumus.» *De civit. Dei*, XI, 3; X, 32, 2.

[3] *De Pecc. mer. et remiss.*, I, 25, n.º 38.

[4] Mattés no *Diccionario de Theologia Catholica* de Wetzer e Welte (traducção franceza de Goschler), *v.* Mysterios.

com justa rasão se déra. Havia tambem entre os pagãos mysterios, como os de Eleusis e Mithra, isto é, principios, doutrinas accessiveis aos iniciados, mas desconhecidas pelo vulgo. *Procul, procul ite, profani,* exclama Ovidio, devoto e fremente, no poema religioso dos Fastos. Do Paganismo passou de certo o termo estranho á Fé Divina[1].

Toda a philosophia christã pois da meia idade, repito, sem distincções de escolas ou tendencias, podia denominar-se Mystica. Não succede porém assim. Só á que chamei segunda tendencia se applica a denominação. Mystica é a philosophia em que se accusa a necessidade e os meios da alma humana se elevar, pelos differentes graus constitutivos da perfeição, ao Deus superno e santo que a creou, e que para isso, para essa elevação a creou exclusivamente. Mysticos são os philosophos christãos, sequazes do Lyceu ou da Academia, pouco importa, mais frequentemente da Academia, que investigaram diligentemente esses meios e insistentemente os expozeram á acceitação das almas anciosas d'essa elevação suprema.

A fonte, o primeiro manancial de tal doutrina a que sofregamente beberam tantas e tão grandes almas, foi Dionysio, chamado o Areopagita das funcções que exercia de membro ou talvez presidente do Areopago. Em torno d'este homem singular que a eloquencia de S. Paulo reduziu das trevas do paganismo ás claridades da Fé, a quem o sabio Hierotheo acabou de doutrinar nas verdades ultimas, e que foi o primeiro bispo de Athenas, pairam densas sombras. As duvidas mais duras de apagar envolvem a origem das obras que lhe foram attribuidas e de que o esbulhou a critica do seculo XVII, pelas avisadas vozes de D. Nicolau le Nourry, Du Pin, Tillemont e outros.

---

[1] Vide nota I.

Seja, porém, como for, as obras attribuidas ao pseudo-bispo de París, commentadas nos escholios de João Scythopolitano no VI seculo, e de Maximo no VII, que as completaram e diffundiram largamente, são a origem da mystica, do mysticismo do Occidente.

Teve este primeiro conhecimento d'ellas no IX seculo, quando o imperador grego Miguel Balbo enviou uma copia por embaixada a Luiz *o Bondoso*. Luiz mandou logo fazer uma traducção latina, e Carlos *o Calvo* encarregou da difficil tarefa de outra ao famoso Scot Erigena. Foi esta a que prevaleceu: a primeira saíra indigesta e obscura. Comparte assim o famoso mystico com o auctor anonymo do IV ou V seculo, que se esconde sob o nome do Areopagita, para cuja celebridade trabalhou sem querer, a gloria de ser o pae d'essa luminosa serie de poetas-philosophos que tem subsistido até hoje, e mais ou menos subsistirá até o termo final de tudo.

Conhecer o pensamento fundamental de Scot Erigena, que importa na essencia o de seu commentado, é conhecer nos rasgos fundamentaes o pensamento da mystica medieva. É claro que nos mais notaveis mysticos se encontram differenças; mas essas differenças em accessorios e meros accidentes não alteram de modo algum a essencia da doutrina grande.

Póde resumir-se n'isto sem maior custo esse pensamento fundamental:

1.º O estudo de Deus, seus attributos, seus intuitos, independente ou não das verdades apuradas pela rasão humana n'um constante labutar de seculos, realisado nas doutrinas dos santos padres, que as beberam, quer nos documentos escriptos da sciencia dos apostolos, quer na tradição oral; na Igreja, em todo caso.

As fórmas d'este pensamento, a exposição d'elle concatenada e harmonica, podem pertencer, como em tanto privilegiado engenho, á escola, quer sob esta designação concisa entendamos o *divus ille Plato,* quer o que a meia idade em pasmo, sem exclusão de nosso santo,

denominou por antonomasia o Philosopho[1]. O pensamento em si, as verdades contidas n'essas formas, não lhe pertencem. Nada ou pouco tem que ver com os conceitos e doutrinas da Grecia triumphadora.

2.º O estudo do modo pelo qual, segundo o pensamento christão, as creaturas saíram das mãos do Feitor Supremo e da fórma — aqui principalmente se denuncia a mystica — por que a alma do homem, a mais perfeita das creaturas, refugindo ao que é terreno, póde regressar a Deus, sua origem e consequentemente seu fim ultimo.

O regresso a Deus, diz o Areopagita ou o pensador a que elle prestou por querer de outros o seu nome, é o fim, e preoccupação essencial do homem. Tem este regresso de corresponder ao anterior egresso. O egresso do homem, e de todo o creado, consiste n'um desenvolvimento de Deus, que póde conceber-se como a exposição de uma unidade absoluta manifestando-se em multiplicidade infinita. Conseguintemente o regresso a Deus tem de realisar-se pelo regresso da multiplicidade (dos individuos) á unidade, isto é, pelo envolvimento do que se desenvolveu na creação, pela negação, em summa, do que existe. Opera-se esta negação pela hierarchia ecclesiastica, cujos graus correspondem á hierarchia celeste, isto é, pela purificação (o Baptismo), a illuminação (a Eucharistia) e a consagração (a Uncção).

João Scot Erigena, cujo pensamento encheu tanto espaço da alma humana na idade media principalmente, e cuja vida, bastante longa ao que parece, occupa o mais breve espaço concebivel nos registos do homem, pois é dos mais densissimos mysterios da historia[2] medieva, o mystico auctor do *Egresso e regresso da*

---

[1] *Passim* em seus sermões.

[2] Todos os esforços sinceramente empenhados em esclarecer esta grande vida têem sido absolutamente estereis.

alma para Deus, resume e completa o pensamento de seu commentado illustre n'estas palavras: «O verdadeiro ser, o ser essencial da creatura, é seu ser ideal, isto é, seu ser em Deus; a existencia material é a negação do ser essencial; conseguintemente o homem tem de restabelecer o seu ser em Deus pela negação de tudo o que pertence á sua existencia material».

Eis, succintamente expressa, a idéa fundamental da mystica[1]. Manifestam-se, disse-se já, diversidades, mas puramente accidentaes. Em si é, em todos e sempre, a mesma.

Reconhece-se Deus como principio e fim, *principium et finis,* da creatura. Quer dizer, o homem tem por missão regressar a Deus de que proveiu. A consequente união, imperfeita n'este mundo, deve ser perenne e cabal no outro.

A via que reduz a Deus diverge, segundo a indole de cada grande mystico, e tanto mais quanto é mais propria e original essa indole. Os termos essenciaes são em geral os mesmos. Differençam-se apenas na preferencia e na intensidade. Ha de ver-se que Santo Antonio e seu grande patriarcha exprimem admiravelmente duas das maiores virtudes, mas, possuindo-as ambas, exprimem-as em differente grau. É tão vivaz a natureza humana que nem o céu logra, ainda nos que mais são d'elle, modifical-a em tudo. Através do que é do céu e do céu lhes vem, transparece o que é proprio da indole e conceito d'elles.

Os graus d'esse regresso[2] são a Purificação, a Illuminação e a Perfeição (o Areopagita diz consagração) pelos quaes o homem chega á desejada união com Deus.

---

[1] Chamo em geral mystica, a theoria; e mysticismo, a pratica.

[2] Scot inclue no que a fé christã ensina, o regresso da creação e principalmente o regresso do homem para Deus por Jesus Christo, isto é, a realisação do designio primitivo de Deus ao crear o homem. Gams em Wetzer e Welte, *v.* Scot Erigena.

É ocioso acrescentar que o grande escolho em doutrina tão bella e grande, escolho que nem todos os mysticos souberam evitar, é o pantheismo, ás vezes uma especie de budhismo christão em que a alma na elevação para Deus, se despe de sua individualidade, se absorve, perde, funde no incommensuravel infinito da Divina Essencia, como scentelha que tornasse á chamma viva de que saíra. Este pantheismo, alguma vez imperfeito, por isso que a identidade das duas essencias, a absorvente e a absorvida, se não affirma sempre anteriormente, e não depende de emanação primeira, foi condemnado pela igreja[1].

Comprehende-se agora com que intenção chamei a Santo Antonio mystico. Vae ver-se que o era effectivamente, e tão cabal que o agil e feliz batel de seu conceito esquivou o perigoso escolho, onde outros se espedaçaram, afundando-se na espumea marulhada.

Os momentos essenciaes de tal doutrina são em resumo:

1.º A existencia independente da alma — creatura, e não emanação de Deus;

2.º A existencia independente do mundo, creatura, como a alma, e não emanação do Ser supremo;

3.º Deus soberano creador e moderador, principio e fim de tudo, alpha e omega, na imagem apreciada e vulgar;

4.º O regresso do homem a Deus, como fim essencial e ultimo de sua terrena existencia;

5.º Indicação dos meios por que esse regresso se realisa.

---

[1] É o de Amaury de Chartres, o de Bène, o pobre mystico coevo de Santo Antonio, que morreu de mágua (1204), diz-se, ao ver confirmada por Innocencio III a quem appellára, a sentença da Universidade de Paris que o condemnava. É o dos grandes mysticos allemães do seculo XIV, quando estes não affirmam decididamente, como mestre Eckart, a doutrina da emanação.

A demonstração da verdade indiscutivel no tocante a Santo Antonio, não póde ser completa. Não existe livro em que o orador insigne expozesse com precisão e methodo o systema que seguiu, extrahindo-o das profundezas de seu engenho, ou, com as modificações impostas pelo seu conceito individual, dos pensadores coetaneos ou anteriores, dos philosophos da fé christã ou do paganismo extincto. Os escriptos que principalmente nos restam d'elle, são discursos moraes a que em outra parte tenho de referir-me largamente; não eram, por isso, o mais proprio ensejo á expressão precisa a um tempo e completa de seu pensamento philosophico. É certo que, segundo narrações coevas ou quasi coevas, Santo Antonio prégou a heresiarchas, discutiu com elles e d'elles triumphou; mas n'essas occasiões mais propicias á expressão de conceitos philosophicos, quer tradição piedosa que elle appellasse com frequencia, modestamente desconfiado de seus dotes, para os prodigios com que Deus assignalava entre os homens a santidade de seu servo. Accresce que esses sermões, tão curiosos hoje, desappareceram.

Ha todavia nos existentes que a critica reputa authenticos, phrases, referencias rapidas muito embora, que deixam ver, com sufficiente precisão, o seu conceito sobre a alma humana, sujeito pensante, Deus, objecto supremo, o mundo, a natureza, feitura de Deus, objecto secundario do pensar do homem. Em um, o da decima terceira dominga depois da Trindade, depara-se-nos materia puramente philosophica. É inutil dizer que n'este mesmo logar tal materia vem apenas justificar doutrina moral. Na sua qualidade de mystico, Santo Antonio não discursa, moralisa; não philosopha, exhorta.

Explana n'um sermão, ante o auditorio que deseja confirmado no amor de Deus, unico objecto da preoccupação da alma e do coração, o texto do Decalogo: *Diliges Dominum Deum tuum,* amarás o senhor teu Deus.

Define summariamente a alma. E substancia incorporea, intellectual, racional, invisivel, de origem ignota, mas nada tendo em si de terreno, que se move sempre e sempre move o corpo — e por isso em latim *anima* do grego *anemos* sopro e movimento — dotada de tres virtudes ou energias essenciaes: a racional, com que distingue o bem, a concupiscivel com que o deseja, a irascivel com que detesta o mal. N'esta substancia, apesar de incorporea, reside, em sua parte superior, a mente, *mens* — assim chamada de *eminere,* torrejar — na qual se comprehende toda a intelligencia e rasão *(per quam omnis ratio intelligentiaque percipitur).* É a mente o que na alma sobreleva *(quod excedit in animo),* a parte melhor e mais prestante d'ella, por isso pela mente o homem se diz imagem de Deus. Mente, alma, virtudes ou energias, tudo se encontra conjuncto, commixto, formando um todo unico, o homem. Póde a alma ser considerada sob diversos aspectos, que lhe dão nomes diversos. Esses aspectos são as varias operações de que é capaz. Assim, emquanto vivifica é alma, emquanto quer, animo; emquanto sabe, mente; emquanto julga, rasão; emquanto sente, senso.

D'este exacto resumo conclue-se:

1.º Que a alma é uma substancia distincta do corpo que move e anima;

2.º Que essa substancia é distincta de Deus, de que sómente pela mente é imagem[1].

Está claramente excluida toda tendencia materialista ou pantheista[2].

---

[1] Reminiscencia de Anaxagoras que reduzia a idéa a um principio primario e divino, o qual denomina «Nous», em latim «Mens»?

[2] A mais d'estas affirmações ha duas que, embora não sirvam directamente a meu intento, não desejo omittir:

1.ª Sobre o numero de substancias no homem. É Santo Antonio, apparentemente, trichotomista como S. Paulo (I Thess., v, 23),

É, como se viu, o segundo momento a existencia independente do mundo creado e não emanado de Deus. Das accepções que a esta palavra dá, e que diz multiplas, registo duas:

1.ª Todo o creado, a fabrica do universo. «É este, escreve, o mundo de que falla S. João: *Mundus per ipsum factus est*».

2.ª A vida mundana, em que ha quatro elementos como no mundo physico, a saber: a terra da avareza,

---

como S. Clemente de Alexandria, como S. Justino, como tantos outros, mas na realidade dichotomista. O terceiro elemento que nomeia *mens,* funde-se na alma de que é apenas parte, onde reside. Como sempre, não discute o pensador, affirma.

2.ª Sobre a origem da alma. Declara-lhe desconhecida a origem, «habens ignotam originem». A escola discutiu com affecto este assumpto, nascido de Platão, que admittiu a preexistencia das almas, anathematisada no segundo concilio de Constantinopla de 381 e no concilio de Braga de 563 contra os Priscillianistas. Contrapoz-se a essa theoria a do traducianismo de Tertulliano. Segundo esta theoria nasce a alma, com o corpo, de germens que se propagam no momento da geração physica. A ella contrapoz ainda o mesmo Tertulliano outra, ou, se preferem, a mesma expressa sob outra fórma, o generacianismo. Segundo esta, a alma e o corpo são gerados no mesmo acto. A ultima e mais commum entre orthodoxos é o creacianismo, segundo o qual «a alma é de creação divina, unindo-se ao corpo no momento em que este, em consequencia do acto gerador, é concebido como germen organisado, como organismo vivo». (Wörter em Wetzer e Welte, *v.* Alma). Job exclama (XXXIII, 4): «O espirito de Deus me creou e o sopro do Omnipotente me deu vida». E o Ecclesiastes (XII, 7), na sua phrase tão intensamente dorida: «Volva o pó á terra de onde foi tirado e a alma a Deus que a deu».

Santo Antonio, hesitando talvez, declara a origem da alma ignota ao homem. Tinha um exemplo grande e apressa-se a seguil-o, pois lhe dizia com a indole. Santo Agostinho, que reputava esta questão de si propria obscura — «res naturaliter obscura»—, duas vezes se recusou tenaz e energicamente a decidir-se: «nullam (sententiam) temere affirmare opportebit» *(De lib. arbit.*, t. III, cap. XXI, n.º 59). «Nec tunc sciebam, nec adhuc scio» *(Retract.*, lib. I, cap. I, n.º 3). Wörter, *l. c.*

a agua da sensualidade, o fogo da soberba e o ar da inconstancia.

Pela citação que faz do texto de S. João affirma a doutrina da creação e conseguintemente a distincção absoluta entre Deus e mundo, pois a relação que entre elles reconhece é a de creador e creado, de feitor e feitura, sem ressaibo, nem sequer remoto, de confusão ou mesmeidade de substancias.

Com respeito á segunda accepção, manifesta-se a união intima entre o mundo que n'ella se subentende e os vicios a que se allude, e que são declarados seus elementos constitutivos. Ver-se-ha adiante que, para haver o regresso da alma a Deus, é preciso que ella renegue d'esses vicios ou do mundo que os representa. Ver-se-ha tambem, ao tratar do moralista que foi o grande Santo, que contra tres dos quatro vicios que suppõe constitutivos de tal mundo, lhe relampeja principalmente a palavra acerada e viva.

O terceiro momento da theoria mystica é relativo á noção de Deus.

A noção de Deus que Santo Antonio tem e exprime é a de todos os mysticos. No sermão da Soiedade, da segunda semana da Quaresma, diz com Santo Agostinho, de cujos livros se nutria, que Deus é em si mesmo Alpha e Omega, isto é, principio e fim, e rediz com S. Bernardo (Sermo 88): que «o centro de Deus está em toda parte e a circumferencia em nenhuma — *cujus centrum ubique et circumferentia nusquam*» —, phrase admiravel em sua profundeza e concisão. Em outra oração[1] commenta e explica a noção de um Deus pessoal, creador do homem e de tudo, n'uma apostrophe á alma dada a Deus: «Tudo tens, pois tens aquelle que tudo fez, que só elle enche tudo, sem o qual tudo que é, é nada». E no sabbado da segunda semana da qua-

---

[1] Dominica xv post Trinitatem.

resma: Deus é «no mundo auctor e moderador». E mais adiante: «Deus é brando e suave e copioso em misericordia para os que o invocam». E em outra parte[1] aconselha o peccador «a recorrer á misericordia do Senhor» que «é aos eleitos guia e redemptor, espanto e terror aos réprobos».

Podia multiplicar exemplos. Estes bastam.

Temos assim em Santo Antonio um Deus creador, moderador, origem e fim de tudo, salvador, cheio de misericordia para os bons e para os arrependidos, aspero justiceiro para os perseverantes no mal, fim supremo a que tende todo existir humano.

Resta-nos ver expressamente a doutrina do regresso e por que fórmas, em seu conceito, esse regresso se realisa.

Outro livro do grande Santo ajudará a completar-lhe n'este ponto o pensamento. Refiro-me ás *Concordancias moraes da Biblia*[2]. Estribo o que vae ler-se a tal respeito nos sermões e nas indicações concisas, mas exactas que o summario das secções d'esse erudito, embora arido, trabalho nos ministra. A obra em si consiste em citações da Biblia relativas aos multiplos assumptos que os titulos indicam.

O homem não era mau quando saíu no Eden das mãos do Creador. Foi o peccado que o perverteu e separou de Deus, tornando necessarios os meios que designa para se realisar o regressso a Deus, regresso posto em risco pelas culpas do homem[3]. A alma ficou pelo peccado, mas só pelo peccado, cousa vil e desprezivel aos olhos do Senhor. Essa vileza é expressa por fórma pungente, cheia de vigor e amargura, em grande numero

---

[1] Dominica XVII post Trinitatem.

[2] O titulo exacto d'este livro é: *Concordantiae morales Bibliorum distinctae per quinque libros.*

[3] Livro primeiro.

de seus sermões. Ouçamol-o em alguns: a alma actual é de si mesma vil — *vilis siquidem in se ipsa,* — pois póde reduzir-se a nada, a peior que nada, á ausencia e separação eterna de Deus. É tambem vil «por nascida de peccados, offuscada de trevas, illaqueada de caricias, comida de concupiscencias, avassallada de paixões, pejada de prestigios, sempre propensa ao mal[1]». E assim é «a antiga dominadora de provincias reduzida a tributaria da carnal concupiscencia[2]». E assim é comparavel a Agar «que se interpreta abutre», a cujos baixos instinctos se conforma, quando «sáe pelos sentidos do corpo aos actos da carne[3]».

Mas se logra a alma estar em contacto com Deus, transforma-se. Toda a vileza se converte em gloria, toda a escura baixeza em esplendor e graça. Para esse milagre estupendo, o que é preciso? Que Deus venha e habite essa mansão pintada com tão feias côres. Venha e habite-a. Tornar-se-ha logo formosa e de preço. Será «a séde da sapiencia[4]». «Na alma exaltada pela humildade, elevada do que é terreno pela contemplação do que é eterno, descansa o Senhor, e então ella, a mansão dos cinco sentidos, se enche de sua magestade[5].» Para a alma assim divinamente transformada pelo contacto de Deus, todas as doçuras de sua palavra, todas as meiguices de seu pensamento. A alma piedosa é vinha eleita de Deus[6], campo de suaves linhas, com a memoria, a intelligencia e a vontade, tabernaculos em que o Senhor se compraz. É Ruth a gentil respigadeira[7].

---

1 Dominica I in Quadragesima.
2 Dominica XX post Trinitatem.
3 Dominica XVI post Trinitatem.
4 Dominica I Adventus.
5 Dominica post Epiphaniam.
6 Dominica in Septuagesima.
7 Dominica II post Pascha.

É a mulher vestida formosamente de sol; horto que, em etymologia levemente phantastica, assim se pretende denominado por alguma cousa nascer sempre n'elle — *hortus dictus eo quod semper ibi aliquid orietur*[1] —, horto de suaves flores e fructos sapidos. É Judith, a gloriosa salvadora de Bethulia, a decepadora illuminada do temulento Holofernes do peccado. E o orador-poeta se dilata n'este parallelo engenhoso e grato[2].

Por que meios se effectua esta transformação e o regresso a Deus? A estas perguntas responde positiva e terminantemente. Responde como respondêra Scot Erigena, seu mestre amado.

Em primeiro logar, deve a alma «desejal-o sempre na noite da adversidade e imploral-o na manhã da prosperidade[3]», esse Deus, «sabor e doçura aos anjos, guia e redemptor de eleitos, espanto e terror de reprobos[4]». Em segundo logar, tem de praticar virtudes que, auxiliadas pela graça, realisarão o sublime desideratum. Essas virtudes são:

1.ª Contricção do coração;
2.ª Confissão de bôca;
3.ª Satisfação de obra;
4.ª Amor de Deus e do proximo;
5.ª Pratica da vida intima e contemplativa;
6.ª Perseverança final.

Por ellas se eleva a alma para Deus com o auxilio de duas azas de que a muniu a divina piedade: o jejum e a oração[5]. A isto deverá ainda juntar a humildade e a contemplação do que é eterno e divino. A alma tem de tornar-se em casa que haja por fundamento a fé, e a

---

1 Dominica XII post Trinitatem.
2 Feria III hebdomadae secundae in Quadragesima.
3 Dominica IV Adventûs.
4 Sabbato Hebdomadae secundae in Quadragesima.
5 Dominica in Septuagesima.

esperança por paredes[1], espiritualmente edificada pela palavra divina[2], com duas portas por onde póde entrar e entra Deus: a compuncção das lagrimas e a confissão das culpas[3].

Para que isto se realise as suas exhortações arrancam em vôo poderoso e alto:

«Ó peccador! exclama[4] — pois não é ao homem em quanto homem, mas em quanto peccador, que se dirige essa palavra ainda quente, apesar dos seculos volvidos, do amor que a animára um dia — Ó peccador! se de ti em que está a subversão, para Deus, de quem depende a edificação fizeres notavel regresso, serás verdadeiramente edificado. Destroe primeiro em ti o teu edificio e Elle sobre ti edificará o seu.» E em outra parte: «Ó dizer mais doce do que o mel. *Semper in mente habeto Deum* (Tobias). Conserva sempre Deus na tua alma. Ó alma que possues a Deus, és mais bem-aventurada que nenhum bem-aventurado, mais venturosa que nenhum venturoso! Que te falta? Em que podes augmentar-te[5]?» «Converte-te, ó peccador! pela contricção da alma e pela verdade da confissão, que deves fazer com abundoso pranto e proposito de perseverança final[6].» E de novo: «Assim a alma apavorada ante o perigo da morte eterna, que impende ao peccador, recorra á misericordia do Senhor, dispa as vestes da gloria temporal, vista-se de luto e pranto, e esparja a fronte da alma de cinza, a saber, da memoria da propria fragilidade; applique, em vez de unguentos varios, isto é, deleitações da carne, fezes, isto é, a recordação da propria iniquidade, humilde o corpo e cubra tudo em que

---

1 Feria v in capite jejunii.
2 Dominica I in Quadragesima. Sermo III.
3 Dominica I post Epiphaniam.
4 Dominica XIV post Trinitatem.
5 Dominica XV post Trinitatem.
Dominica III Adventûs.

encontrou deleitamento, da penitencia que requerem crimes, a fim de formar de si tantos holocaustos quantos foram os gosos que em si teve[1].»

Os mesmos meios indica em outras partes[2] como indispensaveis ao regresso que se deseja. Ahi porém aponta mais um meio, que nem a todos póde ser recommendado, que recommenda naturalmente a quem destina o alludido livro, e que em toda a vida realisou com tanta efficacia e brilho: a pregação. O tratar da salvação alheia é seguro meio de cuidar da propria. E quanto elle o praticou, esse meio bello, e com que efficacia, é cousa facilmente reconhecida, como adiante se verá.

Do que fica dito se manifesta que Santo Antonio foi um mystico segundo o modelo immortal de Scot Erigena, e o pseudo-Dionysio. Algumas discrepancias accusára ao certo exame mais attento e longo. Mas essas discrepancias versaram tão sómente sobre pontos secundarios. Os tres nobres espiritos irmãos na profundeza e sinceridade do pensamento, no amor á doce obscuridade em que desejaram envolvidos seus nomes, podem reputar-se irmãos.

*

Ainda uns reparos breves.

Sobre a indole profundamente poetica e como tal religiosa que naturalmente o propendia aos ardores, aos extasis, ás alegrias indiziveis do pensamento mystico, algumas causas externas de investigação facilima levaram o glorioso minorita a alistar-se nas fileiras suaves dos grandes amadores de Deus. Essas causas podem reduzir-se a quatro:

1.ª Tinha a ordem dos agostinhos um natural pendor para a philosophia mystica. O convento de S. Victor,

---

[1] Dominica XVII post Trinitatem.—Vide nota II.

[2] *Concordantiae morales,* lib. II e lib. IV.

edificado por Guilherme de Campelo, o theologo, perto de Paris, onde ella refulgiu com tão vivo brilho — lá se formou o famoso Hugo de S. Victor e Ricardo, seu discipulo — era de conegos regrantes. Senão degenerou a ordem, sob o formoso céu de Portugal, e não ha motivo para suppor que sim, é natural que cultivasse em nosso Santo as sementes mysticas que a mão da natureza lhe espargiu na alma e uma educação piedosa desenvolvêra nos primeiros annos.

2.ª O descredito em que a tendencia philosophica representada por Abelardo e outros, caíra entre os sequazes da orthodoxia pura. Uma sentença da Universidade de Paris (1210) feriu de anathema a philosophia de Aristoteles. Os desmandos da doutrina mystica que necessitaram, decennios depois, condemnação publica e solemne, ainda não tinham apparecido.

3.ª A impressão produzida em seu sensivel espirito pelo grande mystico de Assis que desde logo se propoz imitar, santo e natural proposito em que o seguiram quantos pugnavam pela regra rigorosa, sem attenuação nem condescendencias á natural debilidade humana. Esta impressão em espirito que tanto por sua divina loucura similhava o d'elle, foi profunda. Se não creou, desenvolveu poderosamente tendencias preexistentes. Depois de ter visto, de ter amado e admirado o seraphim, Santo Antonio não podia deixar de ser o grande, o convicto mystico que foi.

4.ª A situação em Portugal. A reconquista do pequeno reino não havia chegado ainda ao termo luminoso. A lucta era constante. O estado dos espiritos que durante ella, e muita vez por causa d'ella se acolheram ao segredo e sagrado das crastas cenobiticas, seria eminentemente favoravel ás tendencias mysticas. Demais comprehende-se que os avocados por Deus á solidão e paz dos claustros procurassem sempre estudar, comprehender e amar, mas por meio d'aquelles que mais o tinham estudado, comprehendido e amado, esse Deus

que os avocava a si. Era natural ainda que os tristes, os quaes retiravam do mundo, e tanta vez de si proprios, de suas tendencias, de seus erros com frequencia encarecidos pela dôr, desejavam retirar-se, preferissem a doutrina que mais aconselhava essa negação e os induzia a ella. Era natural tambem que se sentissem propensos a estudar de preferencia quem os confirmava na Fé, na Esperança que os sepultava em vida, quem os confirmava no Amor que devia unil-os intimamente ao objecto unico e supremo d'esse amor — Deus.

Por todos estes, por alguns destes ou ainda por outros motivos, quem o sabe? foi Santo Antonio levado a inscrever-se no rol luminoso dos que preferiram á justificação das verdades do christianismo pelos conceitos da rasão humana que muita vez consideraram vãos, e perigosos quasi sempre por esfriarem do amor de Deus e induzirem facilmente em erro, a traducção, para bem de sua propria alma e da dos outros, das verdades santas na palavra pela prégação e nos actos pela vida.

A não ser isso, e dada a logica de seu espirito illuminado e recto, não teria de certo o illustre portuguez alcançado, a mais da immortalidade do céu com Deus, a da terra com os homens, que é para appetecida quando pura e justa como a d'elle.

O ORADOR

I

Na ha duvidal-o: foi Santo Antonio um dos mais insignes e applaudidos oradores[1], talvez o orador mais insigne e applaudido de seu tempo. Dizem-no as memorias mais antigas. Doutos e indoutos concorriam de uma e outra parte a ouvil-o, e ouvil-o, para doutos e indoutos, era admiral-o. Pasmo e enlevo das creanças e das mulheres, das mulheres promptas sempre, como as creanças a que na bondade e graça se assimilham, a amar o que é do céu e para o céu; pasmo e enlevo de grandes e pequenos. Pareceram pouco as amplas

---

[1] «... cujus Dominus aperuit sensum, ut intelligeret Scripturas, ut super mel et favum de Jesu verba dulcia eructaret in populo universo». Thomás de Celano, *Vita Prima Sancti Francisci Confessoris,* apud Bolland. Die quarta Octobris. — S. Boaventura chama-lhe «egregius praedicator», e acrescenta: «in exponendis divinarum paginarum eloquiis sapientiae spiritu plenus». Constantino Suyckeno no *Commentarius praevius,* apud Bolland. — «Pertingens (sermo ejus) usque ad divisionem animae ac spiritus, compagum quoque, ac medullarum». Diz uma antiphona de seu officio na *Liturgia Franciscana.* — «Antonius, quem ipse vidi et cognovi ... verbo et exemplo multos ab errore revocavit ... sermone facundus fuit». Bartholomaeus de Tridento, apud Bolland. Die XIII junii.

cathedraes para abrigar a turba, ou agitada ou extatica, de seus ouvintes. As praças publicas nas cidades populosas, os valles remotos e calados, as vastas planicies verdejantes, as descampadas charnecas, as desertas selvas, converteram-as muita vez em templo as multidões na sêde de sua palavra lucida como o céu que as cobria, fogosa como o sol a chammejar no espaço[1].

Muita vez, affirma tradição piedosamente encarecida talvez, mas de grande significação sem duvida, nada menos de 30:000 pessoas em fervor e ancia se congregaram, em plaino accommodado ao intento, para ouvir quem tão sublimemente lhes fallava de Deus e de suas cousas[2]. E ouviram, que para isso emmudeceu quanto em torno podéra perturbar a audição devota. E o encanto, a doçura que sentiram essas almas divinamente sedentas de verdade e luz, jamais a haviam sentido antes, não a sentiram jamais depois. Um dia, caso não menos singular e estranho, estando o prégador famoso a discorrer no congresso Arelatense da Provença, pelo anno de 1224, com grande fervor e devoção, sobre este texto tão simples e para pouco na apparencia: *Jesus Nazarenus Rex Judaeorum,* veiu de longe e de improviso S. Francisco ouvil-o, trazido por milagre summo, segundo a attestação de fr. Monaldo, que o viu todo attento, absorto mesmo, no favo e mel da palavra doce — *super mel et favum* diz o texto antigo —

---

[1] Hieronymus Platus, *De bon. Stat. relig.*, lib. II, cap. XXXII, apud *Elogia B. Antonii de Padua,* no volume de suas obras *Pedeponti,* vulgo *Stadt am Hof Anno 1739.*

[2] *Vita et miracula S. Antonii Olisiponensis ab anonymo, etc.,* Conimbricae, A. D. MDCCCXXX, cap. XIII.—O texto latino vem acompanhado de uma traducção portuguezissima e de um bello estudo critico. Traducção e estudo são de Fr. Fortunato de S. Boaventura, ao tempo simples monge de Alcobaça. Mais um obscurantista ignaro, este sagaz e culto monge! — *Vita S. Antonii, etc.,* nas edições de suas obras.

do orador potente. O assumpto, Jesus de Nazareth, era para trazer o grande louco do amor de Deus de mais longe ainda, para o ter ali mais preso, mais attento e absorto do que esteve. Mas a apaixonada eloquencia de seu filho em Christo, a quem o proprio Deus se dignára de abrir a mente á intelligencia das sagradas paginas não teve pequena parte na subita apparição do patriarcha[1].

Começou a sua nomeada quando, uma vez, em Forli, houve, por espirito de monastica obediencia, de exhortar uns ordinandos, elle, o minorita obscuro, mais proprio, no geral conceito, para limpar vasilhas de cozinha humilde do que para tratar cousas da intelligencia e da alma[2]; foi n'um crescimento successivo até o instante derradeiro de sua vida tão bella quanto curta; mantem-se na memoria humana em nossos dias, tão apartados d'elle em tempo e espirito...

Infelizmente das grandezas d'esse verbo santo restam só memorias, authenticas por certo, mas memorias, nas chronicas coevas, e varias paginas em parte attenuadas, empallidecidas, frias do frio de muitos seculos.

Eu proprio, ao percorrer com a attenção, com a admiração que merecem, as compactas paginas de seus esquecidos sermonarios, e os ingenuos registos de seus anonymos chronistas, mais cuidava ouvir o echo longinquo das admirações, dos brados de espanto, dos suspiros de dôr, dos soluços de compunção, arrancados rijamente a corações em mágua do que a voz do orador illuminado, que soubera arrancar taes brados, espantos e soluços...

Por singular acaso, a palavra de seus chronistas, uns obscuros narradores, cujos nomes o tempo se esqueceu

---

[1] Thomás de Celano, *Vita prima Sancti Francisci Confessoris, etc.*, pag. 695, apud Bolland. Die quarta octobris.—*Vita S. Antonii*, cap. x, etc.

[2] *Vita et miracula, etc.*, cap. VII.

de registar, parece ter sido mais tenaz na lucta com os seculos volvidos, ter resistido mais á sua destruidora acção.

É que não quiz desamparar na morte ao grande humilde, a mais profunda, constante e caracteristica virtude de sua alma. Sempre fez pouco em vida, e com que rasão diga-o a terrena mas funda indifferença de meu espirito, das honras, dos applausos, das transitorias distincções de um mundo pouco menos transitorio que isso tudo, tão parecido a nada[1]. Dispensou o ruidoso applauso, o louvor embora justo, por certo unanime, da posteridade em pasmo. Reservára para si, como outr'ora a doce irmã de Lazaro, a melhor parte, que lhe não foi tirada. Nunca o prendêra o mundo no que tem, na apparencia ao menos, de appetecido e grande. Não lograria captival-o com o que possue de mais mesquinho, esteril, falso e vão, a fama, que nunca soube dourar de luz, que justamente enleve, a lapide de um tumulo, nem coar para as sombras que lhe estão por baixo um pouco de calor suave.

Os sermões do grande Santo, na fórma em que se incluem em velho infolio esquecido, desdenhado sem rasão que preste, são, em geral, aridos e frios. Não ha negal-o. Não quer isso dizer, porém, que o fossem sempre. A frieza, a aridez actual não contradiz a tradição que em todo tempo os disse vivos, palpitantes, luzentes da luz do coração mais proficua sempre e mais intensa que a do espirito, quando brotaram de seus labios tocados do carvão em braza de Isaias[2].

O que são na realidade os sermões de Santo Antonio que hoje possuimos?

---

[1] «Nulla prorsus flectebat eum personarum acceptio, nulla favoris humani permulcebat opinio». *Vita et miracula, etc.*, cap. IX.

[2] Vide os *Elogia* que precedem a vida do Santo na collecção de suas obras.

Fez-se commum o conceito que reputa esses discursos cousas incompletas, meros resumos, extractos simplices, traças de discursos proferidos.

A origem das tres numerosas collecções, os Sermões do Tempo, os do Commum dos Santos, e os da Exposição dos Psalmos, os unicos que a critica reputa genuinos, é conhecida. Um prelado amigo[1], que sentado depois na mais alta séde sobre a terra o havia de expor nos altares á veneração de todos, e uma cidade justamente dedicada, solicitaram de seu carinho que registasse em paginas para guardadas com piedade a palavra que tanto os havia commovido. Assentiu o santo e poz mão diligente á obra.

Mas a quem consagrou directamente o fructo d'esse labor de mezes? É opinião geral que ao commum dos fieis. Dissinto da opinião geral e presumo que a futuros oradores, aos que depois d'elle houvessem de ensinar a fé e a moral no pulpito, reservou directamente a desejada escripta. Não eram então frequentes, nem baratas, nem faceis de obter as copias de manuscriptos; e não era tambem crescido o numero dos que podiam lel-as.

Confirmam a supposição indicações diversas. O orador parece dirigir-se sempre a uma pessoa unica. Escreve com frequencia, quasi em cada pagina: nota, observa, attende, no singular, ao passo que nas transcripções dos oradores que o precederam, Santo Agostinho, por exemplo, ou S. Bernardo, os mesmos verbos, quando occorrem, se lêem no plural. Depois essas mesmas ou outras transcripções apparecem com frequencia incompletas, como se se suppozessem na memoria, ou em livros sabidos e usados de quem lê. Accrescem ainda

---

[1] O cardeal Ugolino, bispo d'Ostia, depois Papa Gregorio IX. *Vita et miracula, etc.*, cap. x. *Vita S. Antonii, etc.*, cap. xi, na edição de suas obras.

abreviações, remessas, et ceteras frequentes, e até no mesmo sermão diversas exposições do mesmo texto[1]. Não parece pois o caso para duvidas.

É sabido que os sermões do grande portuguez são, na indole e no proposito, moraes. O orador não tentava convencer, persuadia; não se propunha esclarecer, exhortava. Os que o ouvem, crêem. Provar-lhes o que tinham por provado, para quê? Bastava-lhes amar e praticar a virtude, detestar e repellir o vicio.

Mas não ha discurso religioso, embora só moral, que não assente em principios, em asserções, que têem de justificar-se pela lição da Biblia ou dos Santos Padres e doutores. Demais, o dogma está tão intimamente ligado com a moral, que se não póde tratar do que prende com esta sem tocar ao mesmo tempo no que respeita áquelle. Assim o prégador famoso teve de expor doutrina ao tratar moral, tanto mais que, segundo a tradição consagrada, que elle com o exemplo roborava, o discurso deriva sempre de phrase textual dos livros santos[2].

---

[1] *E. g.*, no sermão da Dominga na oitava da Epiphania.

Eis o que se lê na collecção denominada do Commum dos Santos sob o titulo: Dos Evangelistas (*De Evangelistis*):

«In omnem terram exivit sonus eorum, etc.» Psalmo XVIII. Isto propriamente se applica aos Evangelistas, de cujos evangelhos se lê em toda parte, e se ouve na Igreja o som. Prosegue como no segundo sermão dos Apostolos.

«Item, se preferes, adopta o primeiro sermão dos Apostolos. *Quem são estes que voam como nuvens?*»

A secção precedente d'esta mesma collecção trata dos Apostolos. Compõe-se de nove sermões, ou antes e melhor, de nove esboços. O primeiro d'elles tem com effeito por epigraphe: «Quem são estes que voam como nuvens e como pombas a suas janellas?» Isaias 60.

Parece inutil dizer mais. Estas linhas desfazem toda possivel duvida quanto á correcta asserção do texto.

[2] S. Francisco, em tudo original, escolhia ás vezes uma phrase ou proverbio popular. O singular engenho!

Ora, como elle na versão escripta de seus sermões se não dirigia ao vulgo dos leitores, mas, como disse, legava exemplo e lição a futuros oradores, foi principalmente da parte doutrinal que se occupou. Nos discursos, taes quaes os possuimos, encontrâmos quasi apenas os fructos de seu saber e engenho, o que lhe segredava a assidua leitura, a interpretação em que era insigne, do texto santo. O resto, o que devia vir do coração ou da phantasia, a luz que dá realce e côr e o calor que presta movimento e vida, eram cousa pessoal de mais, demais d'elle, para os expor no que só tinha de servir á intelligencia de outros; eliminou-os, pois, quasi de todo. Sagaz entendimento, raro saber em letras sagradas e profanas, subtilezas de interpretação, finuras e excellencias de expressão, tanta vez original e audaz, agudezas e requintes de conceito, em todos ha e muito; mas em poucos — a mão escapou-lhe alguma vez e o proposito nem sempre lhe abafou o coração e a phantasia — ha movimento e vida, pois isso, só o dá o calor do coração, que elle intencionalmente adormeceu, em poucos ha realce e côr, pois isso só o dá a luz da phantasia, que elle amorteceu de fito feito.

Importa advertir ainda. Não prégou Santo Antonio os seus sermões em latim, como S. Bernardo, que lhe foi modelo em tantas cousas, entre as quaes incluo a de que me occupo agora, pregou-os em italiano. Era para o povo e pelo povo que pensava, sentia, fallava, como todos os oradores de sua ordem tão docemente, tão santamente popular, e o povo fallava já italiano, italiano rude, da rudeza ingenua e risonha das creanças, mas italiano. Os discursos que hoje possuimos estão redigidos em latim, o que é indicio ainda do destino que lhes dava seu auctor.

É a lingua latina sem duvida incomparavel instrumento. Não foi em vão que n'ella discorreu Cicero, narraram Tito Livio e Tacito, e cantou Virgilio, para delicia da alma e dos ouvidos, os primordios de Roma

e as excellencias do lavor agricola. Energica, abundante, ampla, obediente, deixa ver nos mais subtis delineamentos o sentir que veste; mas é lingua que morreu para nós; tem não raro a rigidez do cadaver, a mudez do tumulo. É certo que não era de todo morta para o refulgente orador, e a isso se deve o movimento, o brio, de longe em longe, de seu dizer. Não se sente que as palavras viessem do lexicon consultado para verterem laboriosamente, e no proprio momento da versão, conceitos expressos de principio em outra lingua; não. No momento de sua transcripção no glorioso idioma que os conserva, foram esses conceitos repensados n'elle. Mas para nós, sem embargo do parentesco da lingua que fallâmos com a da lingua em que o orador nos falia, a lição fica inteira, é certo, em seu sentido, mas fica alguma vez quieta, apagada, de articulações duras e nervos rigidos. Teremos de notar com mágua que, quando não aquecidos ao calor do coração que os ama, trechos de rara belleza e graça no venturoso instante em que nasceram, resurgidos mas a custo agora, conservam longes do tumulo em que jazeram seculos, adormecidos na paz e no silencio.

Ainda uma observação. Se nem tudo nas obras de Santo Antonio grangeia hoje o applauso e affecto do coração vencido, é que nosso espirito e o de nosso tempo se apartaram muito, e nem sempre com rasão, do d'elle e de seu seculo. Comprehendem-se, é certo, outras manifestações do engenho humano, embora no tempo mais remotas, como as que pertencem ás duas litteraturas classicas, mas porque o nosso espirito continuou tratando, mais ou menos directamente, os grandes espiritos que as crearam. Temol-os estudado sempre ou outros que d'elles derivaram. Não os encontrâmos inesperadamente, como nos succede com o grande mystico, após seculos de teimoso e insensato esquecimento.

Ainda assim, é mais que certo que os espiritos attentos e reflexivos não precisarão de grande esforço para re-

conhecerem como justa a grandeza attribuida ao famoso minorita. Se tal esforço acaso for preciso não será, por certo, a culpa de seu grande espirito.

Existe, toda a gente o sabe, ainda hoje em Padua a lingua do glorioso santo. Foi encontrada, devolvidos annos, no tumulo onde o heroico asceta repousou emfim, inteira e intacta[1]. Não ousára tocal-a e desfazel-a em si a invencivel corrupção da morte. Fôra ungida, sagrada pela palavra divina que fallára, não podia, não devia desapparecer. Quer Deus, para nosso consolo e ensino, que a propria natureza respeite ás vezes o que é grande e santo, o que d'Elle veiu e foi para Elle. Desde sempre os fieis do mundo inteiro tèem ido e vão, attrahidos do prodigio, venerar submissos a reliquia augusta. E todavia ella, no relicario que a protege e ostenta, está, ante o respeito e admiração de todos, immota e fria como o tumulo de onde veiu e a morte que a deixou intacta...

II

Tem no summo orador de considerar-se quatro aspectos differentes, como que outras tantas individualidades distinctas, que se incluem em sua poderosa individualidade.

Em primeiro logar, pois se trata de arte, o rhetorico, o rhetor,—assim dizem o latim e o grego,—o mestre, o cultor insigne da palavra dita.

Em segundo logar, o moralista. Ver-se-ha que, sem embargo de ser o grande santo, como notou alguem, um

---

[1] *Vita S. Antonii Paduani ordinis minorum*, cap. xxx.—*Vita anonyma* anteposta, em varias edições, ás obras de Santo Antonio.—A lição sexta de seu officio na Liturgia Franciscana diz: «Ao mesmo tempo que toda a sua carne estava como que reduzida a areia, a lingua que por trinta e dois annos estivera soterrada foi encontrada tão recente e rubra que mais parecia de homem vivo que de morto».

psychologo grande, mas do homem em geral, do homem de todo tempo e de toda parte, e não do homem de seu tempo, do homem que elle via e tratava em cada dia, do homem das cidades e logares da Italia, principalmente, que percorreu em sua peregrinação piedosa, seus sermões, as virtudes que exalta e os vicios que stygmatisa n'elles, nos deixam entrever, em traços certos, os homens e as cousas d'esses soltos e convulsos dias.

Depois, o sabio, o sabedor da sciencia das sciencias, da sciencia de Deus, e da sciencia da natureza, tão fundamente versado em tanta cousa na apparencia alheia á sua profissão e vida,—o erudito cabal em letras sagradas e profanas.

Por ultimo, o poeta, que não ha fallar de um grande filho de S. Francisco, tão penitente e tão poeta, de sua ordem tão amiga de Deus e por Deus da natureza inteira, feitura formosissima de Deus, perenne fonte de inspiração na arte, sem fallar de poesia.

O RHETORICO

Advirta-se desde já: os intuitos apontados na redacção actual dos sermões de que me occupo, tiveram como primeiro e natural effeito escurecer os dotes do orador insigne. É manifesto que as maiores, mais numerosas e vivas bellezas refulgiam n'elles, como em todas as obras congeneres, na exposição, no desenvolvimento oratorio das idéas, exposição e desenvolvimento que taes intuitos eliminaram quasi sempre. A belleza da figura humana não reside no arcabouço osseo, descarnado e nú.

No proposito porém de eliminar o que por nimiamente pessoal se julgava de pouca proficuidade a futuros oradores,—pois a exhibição de trechos meramente decorados seria fria e pallida, sem força de persuasão na alma,

que tem, para se mover, de ser colhida a subitas, e portanto vasia e esteril, — escaparam alguns trechos que a natureza do assumpto forçou o orador a registar, embora em reducção visivel, ou que seu coração fremente ainda não soube, por mais que fez, subtrahir á penna commovida.

Antes de mais nada, offereço ao exame e admiração de quem me lê, dois d'esses trechos attenta mas rigorosamente traduzidos. Leiam e digam-me, se ousam, que não era bella a imagem que taes fórmas revestiam, se não corria sangue, se não vibravam nervos, se não palpitava alma, vida, tudo que na alma ha de mais alto e bello, tudo que na vida ha de sentido e vivo, no orador de cuja alma e vida assim expressas, nem sete seculos, nem, o que é mais, as vicissitudes, mudanças e revoluções que nos separam d'elle em sete seculos, lograram totalmente separar-nos.

O primeiro é do sermão, — é quasi o proprio sermão, é quasi pelo menos quanto existe d'elle nas collecções das obras do orador, — que se intitula *No Dia da Parasceve*. É crivel que o sermão na integra, o que foi pronunciado, houvesse outro principio. O que possuimos hoje principia e segue depois com as suppressões que vão indicadas sempre[1].

Não é verdade que se sente o que quer que é do alento apaixonado, vehemente que animava, seculos depois, a palavra tão ardente e tão christã de Segneri?

O segundo trecho é extrahido da oração referente á segunda feira da primeira semana da Quaresma. Escolheu o orador para esse dia um assumpto singularmente vasto: o juizo ultimo, o fim do mundo, a resurreição, para a immortalidade, da humana carne. Assumpto que tentou sempre os grandes pinceis e as palavras grandes.

---

[1] Vide *Appendice*, I.

Extrahiu o thema da vigorosa oração que proferiu, do capitulo XXV de S. Matheus, versiculo XXXIII: «E, disporá as ovelhas á sua mão direita, os cabros porém á esquerda».

Depois de varias paginas dignas de leitura e reflexão, ataca o orador o assumpto amplissimo. Descreve com S. Gregorio o fim do mundo quando «Deus vier sobre as nuvens do céu com grande poder e magestade». E acrescenta em tom de amargo sarcasmo: «Em magestade o hão de ver então os que em humildade o não quizeram ver, para que lhe sintam tanto mais a immensidade quanto menos á sua presença inclinaram a cerviz do coração». Depois prosegue nos termos que podem ver-se[1].

Encontram-se n'este admiravel discurso outros trechos, merecedores por igual de transcripção. A grandeza do assumpto empossou-se do orador. E a palavra de seus labios, sem deixar de ser simples, como a dos grandes mestres em taes lances, é bella e altivola, digna em tudo do assumpto temeroso.

Mas estes ou outros trechos, que vontade sagaz e diligente com pouca lida encontra no compacto in folio dos Sermões, não invalidam a affirmação já feita, nem a seguinte affirmação: o que na redacção actual dos seus discursos fica principalmente em realce vivo e injusto são os seus defeitos[2]. Esses accusam-se com impertinente persistencia.

---

1 Vide *Appendice*, II.

2 Por motivos certos: 1.º É mais facil registar os defeitos do que as qualidades de um orador. 2.º Os defeitos n'um artista antigo são por vezes as cousas que mais foram prezadas em seu tempo. É o que se dá com Santo Antonio. Os discursos existentes foram redigidos a pedido para servirem de modelo. O que hoje chamâmos defeitos e então se dizia prendas é o que conservou no texto sua penna condescendente.

Não admira, pois, que alguns espiritos, muito embora justos, se apressassem a apontar esses defeitos, dando-lhes vulto, demasiado até. Santo Antonio é entre nós uma gloria mais acceita que provada. E a triste natureza humana parece sentir não sei que perverso gosto quando julga poder apagar, quando crê que apaga, ás vezes com mão duplamente sacrilega, rutilante aureola...

Uma pouca reflexão notará logo que muitos dos defeitos que se apontam e vamos percorrer de leve, se esvairiam no brilho e calor de sua palavra, como no esplendor do sol se dissipam as manchas que o desfeiam, se nos fosse dado ouvil-a, vel-a ao menos como em tempo foi ouvida.

Outros d'esses defeitos não são do santo, são apenas do tempo em que viveu, da escola a que pertencia, da philosophia que tratava. São, pois, defeitos que elle tem em commum com altissimos espiritos.

Finalmente outros ainda não são algumas vezes mais do que o excesso de uma qualidade applaudida e boa. Com varios dos mais nobres oradores succede o mesmo. A numerosa redundancia do maior orador da Roma antiga foi em seu tempo muita vez motivo de censura e até de riso e mofa. E não era mais do que a demasia de uma prenda summa: a elevação e amplitude de sua phrase tão perfeita sempre e musical. Quem não conhece os reparos, e tantas vezes com justiça, feitos ás subtilezas e requintes de palavra do padre Antonio Vieira. E todavia o criticado defeito era apenas o excesso de um dote no orador famoso: a aguda sagacidade e a finura arguta de seu espirito.

*

Arco, sem hesitação ou susto pela causa que defendo, com as accusações vibradas á eloquencia dominadora do grande franciscano. Não são para temor grande.

Em primeiro logar, abuso de divisões e sub-divisões.

Divide e subdivide, e, depois de ter dividido e subdivido, torna o orador a dividir e a subdividir. Sem duvida. Não é muitas vezes multipla, mas é com frequencia desnecessaria ou pouco clara tal pratica. É pouco clara, por exemplo, no discurso das *Bodas de Caná,* que cita e ri com mais irreverencia do que chiste um espirito claro, sabedor, devotado e bom, que ha pouco adormeceu no somno longo, cheio de annos e serviços á verdade e ao bem, o italiano historiador Cantú; é multipla — para que apontar mais de um exemplo? — no da quarta feira da quarta semana de Quaresma, em que o texto de S. João (IX, 11) *Abii et lavi et video* é dividido desde logo e facilmente em tres, e dá em breve logar a exemplo que se divide em quatro membros, dos quaes o primeiro se subdivide a pouco espaço em dois e assim por diante.

Mas o tempo era então propicio a discussões, e a escola amava-as. A divisão e a subdivisão, evitando a confusão e o equivoco ou promovendo-o ás vezes, são poderoso auxiliar de discussões. É vicio d'este orador, e, ao tempo, de todos quasi. Depois, os desenvolvimentos que nos faltam, separavam-as, distanciavam-as no discurso. Eram por igual sobejas; sentiam-se, porém, menos. Não é indifferente. O frio produzido era menor. Demais, não é pouco crescido o numero das que são justas e bellas, derivando sem custo de assumpto e texto. Esta do sermão do dia de Finados: Concede-nos Deus tres graças: viver, viver bem e viver eterno. A morte natural arrebata-nos o primeiro, a morte do peccado, o segundo; a morte do inferno, o terceiro. E explana. Ou esta do mesmo sermão: Ha quatro maneiras de morrer: morrem para o Senhor os Martyres; morrem no Senhor os confessores; morrem fóra do Senhor as creanças não batisadas; morrem contra o Senhor os adultos impenitentes. Est'outra do sermão da Alma: Reina Deus em nós. O Pae no appetite irascivel que domina; o filho na rasão que rege; o

Espirito Santo no appetite concupiscivel que modera. São em todo reino bem composto indispensaveis tres poderes: A Força que protege, a Sabedoria que dirige, e a Bondade que mantem.

Facilmente se citavam mil exemplos mais e todos optimos.

O uso frequente do symbolismo dos numeros. Quasi sempre o Tres. Ás vezes o Quatro. Raro o Seis. Uma vez o Cem. Exemplos: «Seis mezes, — diz-se no sermão de Terça-feira da segunda semana da Quaresma, a proposito de Judith, cujo nome se escreve com seis letras, — seis mezes são a perfeição da vida designada no (numero) senario». No sermão do terceiro Domingo depois da Trindade, «o numero cem exprime a perfeição». No Dante é frequente o mesmo symbolismo. Sabida infiltração, embora se ignore por que via directa e immediatamente effectuada, da philosophia pythagorica no pensamento christão da meia idade. Para o pensador de Samos, o mystico fundador da escola italica, era nossa alma um numero, a origem do mundo uma grande unidade, e o proprio mundo um conjuncto de unidades subalternas. O numero para elle tem vida, alma, ser. Actua. Santo Antonio era bem de seu seculo, em que poderosamente influiu, e ahi está sua grandeza, corrijo, uma de suas grandezas, mas que n'elle influiu tambem.

Etymologia, abusiva na qualidade e conta, de nomes de pessoas e logares. Enxameiam, quasi em cada pagina. Não ha nome, que em texto acuda ou que a exposição reclame, sem versão prompta. D'essa versão, muita vez engenhosa, deriva sempre uma lição moral. Duas etymologias, pois, duas derivações, para assim dizer, a natural e a mystica. Jonas significa pomba, e quer dizer o coração do homem em que deve haver a pureza de uma pomba. Ninive, germen da formosura; prefigura a belleza da alma em Deus. Tarsis, espelho que dissipa, significa a alegria mundana que dissipa

o espelho da fé. E tudo isto, e talvez mais, n'um sermão unico[1]. Forçadas, contrafeitas algumas na sua versão dupla, como por exemplo: Caná interpretada zêlo e Galilea transito, e significando o consorcio do Espirito Santo e da alma penitente pelo intermedio do zêlo e do amor do transito. Um amphiguri. Muitas, porém, de rara precisão e graça: Esther que se interpreta preparada e quer dizer a alma preparada aos esponsaes de Christo[2]. Bethania que tem interpretação triplice: é casa da graça, casa da obediencia e casa da afflicção, e nesta triplice interpretação exprime a santa Mãe dos homens, a Quem o anjo disse: Ave, cheia de graça, que lhe tornou: Eis aqui a escrava do Senhor, e que na morte e paixão do filho amado foi insondavel abysmo de amargura. Em nome e por amor d'estas facilmente se perdoa áquellas. Não?

Interpretações moraes do Antigo e do Novo Testamento arrastadas do texto santo para a trama do sermão com violencia, sem analogia e sem verosimilhança[3]. É defeito certo; mas não proprio. A outros tem sido assacado, igualmente grandes, de melhores dias. Corresponde n'elle ao summo engenho e penetrante sagacidade com que muita vez as faz absolutamente bellas, impeccaveis. Acertar sempre não é condão humano. Não se contestará que o d'estas sobreleva ao numero d'aquellas. O defeito, quando existe, deriva da preoccupação do espirito fecundo, vivo, scintillante do orador, de encontrar, obediente ao uso consagrado e ao que d'elle esperavam seus ouvintes, a significação moral, anagogica, até do facto mais positivo e natural, registado nas pa-

---

[1] Feria IV Hebdomadae primae in Quadragesima.

[2] Feria IV in capite jejunii.

[3] No sermão 2.º da segunda dominga da Quaresma comparam-se, a proposito de um texto dos Numeros, a vida contemplativa e a activa a Jacob liso e branco e a Isaú felpudo e aspero.

ginas que cita. Sempre a abundancia de phantasia e engenho foi attenuante seria de taes culpas[1]. Santo Antonio póde allegar em seu favor essa attenuante.

Exuberancia de comparações pedidas á natureza e desenvolvidas até a fadiga, até a exhaustação, dizem. N'este, como em outros defeitos apontados, deve o censor justo ferir sómente o excesso. Póde parecer estranha a approximação que se faz da febre, por exemplo, e suas especies varias, segundo Galeno no Passionario, com o peccado e suas diversas fórmas; não deixa todavia de ser engenhosa e feliz[2]. Outras, como a do vento e do mar revolto com as tribulações da alma[3], são absolutamente correctas e justas. Em outro logar se transcreverá uma de rara perfeição e graça[4]. A culpa do orador é, n'este ponto, quasi sempre uma feliz culpa.

Outras faltas, como a frequente mescla de citações profanas e sagradas, de poetas pagãos e santos padres, da mythologia e da Biblia, de Vegecio e S. Bernardo, de Santo Agostinho e Galeno, e o realismo de seu estylo que vae de longe em longe até a demasia e não recua em mais de um passo ante a crueza obscena[5], não merecem reparo longo. Ninguem ignora que a poetas essencialmente christãos como o Dante, e a oradores, como o Padre Antonio Vieira, foi feita, no tocante á primeira culpa, igual censura. Todavia o grande jesuita esplende entre os mais famosos oradores sacros. E o Dante — é o Dante. Quanto á segunda, o realismo da expressão foi sempre grato aos mysticos. Provem-lhes da Biblia a propensão. Parece que ha um cynismo divino.

---

1 Vide nota III.
2 Feria V hebdomadae tertiae in Quadragesima.
3 Dominica I in Quadragesima.
4 Vide nota VI.
5 Dominica I in Quadragesima. Sermo II.

Não o têem as creanças e os simples[1]? Depois, a Verdade tem direitos que não cedem a humanas conveniencias.

Valerá a pena fallar dos trocadilhos de palavra e idéa? No fim do mundo, Jesus «virá ás claras julgar com justiça os justos e os injustos, elle que veiu a occultas para ser julgado injustamente pelos injustos[2]». E n'outra parte[3]: «A oração, como diz a glossa, abranda Deus, a lagrima constrange-o. Esta unge, aquella punge». Mas se não diz isto Santo Agostinho diz cousa parecida. E todos desde o Dante até o P.e Antonio Vieira os tem e não desparecidos[4].

De todas as censuras assacadas, uma é na apparencia grave: a ausencia de regular estructura no discurso. Eu podia e devia recordar que o que possuimos hoje dos sermões do grande orador são os *disjecta membra poetae*, os dispersos membros do poeta — do poeta, sim; adiante se verá como lhe quadra bem o qualificativo illustre. Mas é certo que custára a achar em taes restos, adrede mutilados, vestigios da fórma absolutamente classica da oração. Não a conhecia o grande portuguez, elle que do vêlho mundo romano tanto conhecia?

Propendo a crer que a conhecia, mas que muito parcialmente se propoz adoptal-a. Quiz uma fórma nova? Faz-se difficil determinar até que ponto é original a que adoptou; mas que n'ella ha muito de pessoal, é irrecusavel.

É igualmente irrecusavel que lhe sobram finos requintes de arte. No sermão da Parasceve[5], não escapou de

---

1 *Fioretti*, cap. XXIX. Dois exemplos, e que exemplos, ambos do grande *Poverello*.

2 Feria II in Quadragesima.

3 Dominica XV post Trinitatem.

4 É sabido o do Dante no canto III do *Paradiso* e famoso o da *Eneida* (liv. VII, v. 295). «Num capti potuere capi?»

5 V. Appendice, I.

certo á sagacidade do leitor o artificio, que de agudo facilmente se pretere, com que no final do exordio se insinuam os pontos da oração, e a sciencia das transições com que d'elles se descáe na peroração, que cerra commovida esse discurso esplendido.

O sermão da Ceia do Senhor é de estructura classicamente bella e simples. Lê-o a gente e cuida ouvir, na justa admiração que esperta, a palavra refulgente de outro grande orador, tambem Antonio e tambem portuguez — que fecunda seiva a d'este povo tão pequeno a um tempo e tão grande! — que seculos depois fez da incomparavel lingua que fallâmos instrumento tão válido, sensivel e gentil do pensamento. Unam-se, para honra nossa e de ambos, no mesmo applauso os dois heroes. Quanto ao discurso, leiam-n'o[1].

Nas linhas da estructura simples, severa, mas elegante e forte, constitue este discurso a melhor resposta ás censuras tão numerosas quanto injustas contra as fórmas usadas do orador insigne. É uma homilia digna de sincero e ruidoso applauso. Desenvolvida n'um ou n'outro ponto em que a penna apressada do escriptor despontou e reduziu de mais, corrigida de algum leve excesso no citar e de alguma impropriedade no applicar dos textos, póde servir de modelo a oradores do genero. Que sirva. Lucrarão a verdade e o bem[2].

---

[1] V. Appendice, III.

[2] Será preciso lembrar que o Pedro de Ravenna, a que o orador allude — este e Hugo, que é Hugo de S. Victor, o luminoso mystico, são dos nomes citados os que podem reclamar explicação — é S. Pedro Damião, cardeal e bispo de Ostia em 1057, adormecido na paz de Deus em Faenza em 1073, o qual a si proprio se chamava por humildade — quanto seria assim grato a Santo Antonio! — *Petrus Peccator*, Pedro o Peccador?

Encontrou-o Dante na sua sobrehumana peregrinação e da sublime conferencia que com elle teve sobre duvida grave, nos deixou noticia memoravel no canto XXIII do *Paradiso*.

O MORALISTA

Nenhum dos vicios mortaes que estimagtisa a moral christã encontra, não digo já a indulgencia, mas nem sequer o silencio do censor asperrimo. A ira, inimiga do amor, destruidora da paz é comparada ao fogo que devora. Contra a gula, contra o que chama o Deus-ventre gladia sua ascetica virtude palavras justamente duras. Vê na inveja o livor da morte e increpa o invejoso, o qual cega com o bem alheio e morre com a gota da divina graça que resalva o proximo. A preguiça, em que a alma se stagna e perde, sente-lhe não menos a dureza da mão justa.

Mas tres erros capitaes, confirma-o o mais perfunctorio exame, são principalmente combatidos em combate a todo transe, sem vislumbre de piedade ou frouxidão no zelo: a soberba, a avareza e a sensualidade; as tres virtudes que se lhes oppõem são as que mais exalta sua palavra em pregão sentido e instante.

A situação da Italia d'esses tempos lugubres explica de per si a preferencia na censura e applauso.

Era então permanente a lucta entre as cidades da gentil peninsula. Sangravam-se as tristes feroz e mutuamente. Quando suspendiam a lucta fatigadas, combatiam-se a si proprias em dissidencias intimas. Havia odios implacaveis entre Pisa e Florença. Era em 1057 aspera a guerra entre Pavia e Milão, Modena e Bolonha, Cremona e Milão. Em 1002 e 1004, Pisa regista victorias contra Lucca e em 1006 Pisa e Genova conquistam a Sardenha[1].

Pequenas pela importancia das causas que as geravam ou pelas forças em conflicto, eram grandes estas luctas pela vehemencia das paixões, pela terribilidade

---

[1] Desde o tratado de Constança (1183) Milão tinha sujeito ao seu dominio duro Lodi e Pavia.

dos effeitos. Em 1111 Milão arrazava Lodi dispersando-lhe os habitantes. A dureza com que Crema foi tratada pelos cremonenses fel-a sublevar-se contra seu dominio. Se uma parte não lograva subjugar a outra, talava-lhe os campos, requeimava-lhe as cearas, abrazava-lhe as aldeias. Era o que se fazia nas guerras de principes e senhores. Frederico Barba-Roxa arrazou Tortona que vencêra, e quando submetteu e entrou Milão[1] chamou para cada quarteirão da cidade os povos de Pavia, Cremona, Lodi e Como, e deixou-os vingar-se em liberdade. «Em poucos dias as igrejas saqueadas erguiam-se solitarias entre as ruinas de Milão[2].» As minusculas republicas não valiam menos. Podiam competir em cruezas, competiam.

Eram ainda mais pequenas as guerras intestinas, mas não menos ferozes. Guerras entre os partidarios do Papa e os do Imperador; guerras entre os nobres e os burguezes; guerras entre as mesmas familias da cidade; guerras por preponderancia politica; guerras por influencia no governo; guerras por interesses materiaes; guerras por odios sem motivo, ou por motivo futil. Ha de tudo. É a historia triste do dominio de Eccelino e Alberico da Romano em Vicencia, Veneza e Padua[3]. Em Faenza atearam-se differenças graves entre nobres e plebeus em 1185. Em Brescia irrompeu guerra civil em 1200. De 1220 em diante ardem taes luctas em

---

[1] A classe media n'esta grande e populosa cidade era chamada *Motta*. Compunha-a, no dizer d'um documento antigo, «populus crassus, pinguis, ditior, nobilitior». Hüllmann, *Staedtewesen des Mittelalters,* Zweiter Theil., I, 3.

[2] Hallam, *State of Europe during the middle ages,* part. I, chap. III.

[3] Não está demonstrado cabalmente que nosso santo houvesse com a eloquencia de suas persuasões amordaçado as duas feras. A lenda, porém, se o é, não deixa de prestar louvor a sua memoria illustre.

Milão, Placencia, Modena, Cremona e Bolonha. São exemplos famosos de discordias sangrentas entre familias a tragica morte de Imelda de' Lambertazzi em Bolonha e a dos amantes de Verona, duas vezes immortalisados, — pelo seu proprio amor e pelo que lhe votou o genio de um inglez grandissimo. Estava por tal fórma inveterada, tão duramente arraigada a tendencia crúa que o anno de 1214, chamado do jubileu por n'elle se ter concluido a paz geral, assistiu ao nascimento de uma guerra nova entre Veneza e Padua, nascida da famosa contenda ante o Castel de amor, isto é, da propria festa em que era celebrada a paz[1].

A par d'estas sanguinolentas pugnas, e sem embargo d'ellas, manifestava-se um caso singular: as cidades prosperavam. D'essa mesma prosperidade provinha muita vez a lucta. Ensoberbecia-as e inclinava-as a sacudir de si o dominio alheio ou a impor em outros seu dominio. Tem a mesma origem a guerra entre classes e familias da mesma cidade, — quando se lhe chega a apurar alguma.

De feito, já em 1125 quasi todas as cidades da Lombardia e muitas da Toscana estavam na pratica de eleger seus magistrados e de proceder como communidades independentes no fazer a guerra e no gerir a paz. Meiado o seculo XII, contavam-se as familias nobres que nos campos não estavam sujeitas a qualquer cidade: Monferrato, Este, Malaspina, Saboia e poucas mais, se mais. As cidades trabalhavam, produziam, commerciavam. Era uma lida viva e fecunda. França e Inglaterra podiam gabar-se de mais esplendidas cathedraes, mas nem uma nem outra podia rivalisar com a Italia em palacios e edificios, ruas calçadas, pontes de pedra, casas commodas. Levava esta prosperidade os orgulhosos burguezes a hombrear com os nobres.

---

[1] Hazlitt, *History of Venice,* vol. II, cap. X.

Não se subtrahiu ao mal o que depois havia de ser o grande *poverello*. Sendo filho de um mercador dispendes como um principe, diziam-lhe[1].

Que d'este estado de violenta lucta e prosperidade perigosa proviesse o terceiro vicio que flagella o impiedoso asceta, não deve causar estranheza. A influencia da riqueza em seu crescimento é reconhecida. Não é debalde que na mythologia se consagra a criminosa união de Marte e Venus. As decisões celebres dadas pela formosa Ermengarda, condessa de Narbonna (1143–1197), «o enlevo de poetas e de reis» e por Leonor de Guienna em côrtes de amor — não é preciso recordar mais factos — mostram bem a que extremos havia chegado a corrupção dos costumes. Do sul da França o mal passára a toda a Italia, onde lavrava em chamma ávida.

É por isto que o orador ardente emprega alguns de seus mais rijos golpes na soberba, mãe da discordia e da sensualidade, mãe de todos os vicios. Ninguem logra mortificar a sensualidade sem expellir primeiro do atrio de seu coração o espirito da soberba[2]. Assim como todos os membros se firmam sobre os pés, assim todos os vicios na soberba, que é o principio de todo peccado[3]. Todos os caminhos que conduzem ao demonio procedem da soberba[4]. É a soberba que gera a discordia e a discordia é toda mal: o céu é incorruptivel porque não ha discordia entre as partes que o compõem[5]. Foi a soberba que fez immundo o espirito fulminado e o precipitou do céu.

---

[1] *Legenda, etc.*, cap. I. — N'uma das guerras a que acima alludo, entre Perugia e Assis, ficou prisioneiro S. Francisco. *Ibid.*, cap. II.

[2] Dominica III in Quadragesima. Sermo II.

[3] Dominica II post Pascha.

[4] Dominica XX post Trinitatem.

[5] Dominica III in Quadragesima.

A virtude que lhe é contraria todos os louvores de sua alma, todos os extremos de seu coração. Em taes circumstancias bem se entende que procurasse tanto identificar-se com ella que fosse como sua imagem feita homem, incutindo-a sempre com a palavra e ainda mais com os actos.

A avareza, isto é, o amor desordenado das riquezas, não lhe provoca menos santa indignação, e a virtude que se lhe contrapõe, merece todo seu applauso, todo seu affecto. O avarento é madeira, é feno, é palha. É o camelo que não passará pelo fundo de uma agulha. Tem o coração de pedra obliterado como os sentidos. É ferrugem. É o abutre que aventa de longe a preza, e quanto mais envelhece, mais obliqua o rosto. Não dá o que lhe sobra do repasto, mas esconde para que apodreça e a ninguem preste[1].

Quanto menos precisado mais cobiçoso. Verdadeiro alimento do diabo[2]. Arvore infructifera suffocada pela abundancia propria. O avaro e o soberbo — em seu espirito irritado e em sua palavra irritada como elle, não se separam os dois erros — convertem abjectamente a fé de Christo e a graça do baptismo que os ungiu, em esterclinio fetido[3]. Os miseros combatem, mas contra Deus. Chega o Santo a temer, em sua indignação que freme, que até a palavra de Deus seja impotente a illuminar taes sombras, a abrandar durezas taes. «Com homens assim é inutil que resoe a tuba da pregação: as lagrimasde nada servem. Nem a tuba poderia amaciar-lhes a dureza da alma, nem as lagrimas apagar o fogo da avareza que os consome». A lagrima que obriga Deus, em sua eloquente expressão, é vã, é esteril no avarento. As riquezas que tanto amam, fazem-os

---

[1] Feria VI in capite jejunii.
[2] Dominica III post Pascha. Sermo I e II.
[3] Dominica III post Trinitatem.

desconhecidos ao Senhor. São esterco e tem por pae o diabo. E com a eloquencia do coração, divinamente pungido, exclama: «Oh! quantos hoje se vestem de purpura, a saber, de panno tinto de suor e sangue do pobre, pois se vestem de rapina, furto, usura e lucro illicito[1]». E em outra parte[2], em movimento de esperança de que o coração do opulento não seja tão duro quanto havia dito: «Assim como no tempo do frio o gafanhoto entorpecido perde as forças, mas com o calor que volta se alegra e pula, assim tambem o pobre no tempo da fome e no frio da necessidade perde as forças, enregela no corpo, empallidece de fome, mas com o calor da esmola readquire forças, e do beneficio recebido dá a Deus e a quem lh'o presta merecidas graças.»

A pobreza, tão desestimada do mundo, tão aborrecida dos esquecidos de Deus, merece-lhe naturalmente affecto proporcional ao odio que devota ao vicio adverso.

O terceiro dos males contra que o forçavam a brandir a palavra aguda e penetrante as miserias do tempo em que viveu, sangra sob seu ferreo açoute. É insania e lepra[3] da alma. É como jumento a apodrecer nas proprias fezes de que irrompem vermes[4]. Absorvente da rasão, approxima o homem do animal e torna-o phrenetico, louco[5]. O lascivo é burro preguiçoso e timido. É rã a coaxar no charco das voluptuosidades. Aranha, cujos olhos se accendem e enchem de peccados, e que vae pelos fios que entretece, á morte eterna[6]. É cobra. É fogo que devora até a perdição. É immundicie que escurece a mente. Gosto que enche o humano coração do carvão da Gehenna.

---

1 Feria v Hebdomadae II.
2 Dominica IX post Trinitatem.
3 Dominica II Adventûs.
4 Dominica in Sexagesima.
5 Feria v hebdomadae tertiae.
6 Dominica VI post Pascha.

Pelo contrario a castidade é lyrio mais branco do que a neve, mais nitido do que o leite. É a tunica talar de Aarão, a Poderis[1]. É a zona de oiro de Daniel (c. 10)[2]. É a ante-camara da alma devota[3]. É luz ao coração obscurecido pelas sombras da sensualidade. E uma vez[4], para estancar toda duvida de que esses tres vicios eram os maiores inimigos da alma aspirando a Deus, á perfeição, reune-os todos e define-os n'este bello trecho: «Noto estes tres vicios. Na sombra que é fria e escura, se designa a soberba que extingue o calor do divino amor e a clareza da verdade. No calamo, isto é, na penna que é levada pelo vento, formosa por fóra, ôca por dentro, cujo fructo é pennugem, entende-se o avaro que é agitado em torno pelo vento da cobiça, se gloría das cousas externas, se priva da graça das internas, e cujas riquezas, congregadas por seu mal, como pennugem. pelo turbilhão da morte se dispergem. Nos logares humidos se exprimem os sensuaes que se reboleam nas voluptuosidades da lascivia.» E depois, no tom do mais sentido desprezo que poude achar em sua alma tão adversa a toda culpa, exclama: «Eis em que hospicio dorme aquelle porco, descansa aquelle immundo espirito!». O soberbo, o avaro, o lascivo formam assim o albergue, a estancia predilecta do espirito do mal.

E muitos dos que o ouviam, tocados do Senhor por intermedio de seu grande servo, saíam da culpa pela

---

[1] *Poderis*, do grego *poderes*, significa tunica e responde ao latim *talaris*. A palavra hebraica no texto do Levitico (VIII, 7), em que se trata da sagração de Aarão, é *kitonet* que significa «tunica», vestimenta de uso commum entre os hebreus e que de ordinario chegava apenas até os joelhos. *Jahn's Biblical Antiquities*, § 120. No texto approvado da Vulgata não se lê, no passo indicado, tal palavra.

[2] Dominica II post Pascha.

[3] Dominica VI post Trinitatem.

[4] Dominica III in Quadragesima. Sermo II.

dor e pela penitencia, conhecendo, para nos servirmos da expressão do grande asceta, «a immundicie de sua iniquidade».

O SABEDOR

I

A sciencia por excellencia, a sciencia das sciencias, é a sciencia de Deus, alpha e omega, principio e fim de tudo. Repetiu-o a Idade Media pela voz, pelos escriptos de seus mais subidos pensadores, ella que, na esphera do pensamento, parece ter-se occupado apenas d'este assumpto augusto. Pensava-o e sentia-o Santo Antonio. «Só a Theologia, diz no sermão da segunda dominga depois da Paschoa, é o cantico que resoa suavemente aos ouvidos do Senhor e nos renova a alma».

E assim só d'essa sciencia se occupou sempre com o pensamento e com a acção: com o pensamento prescrutando-a; realisando-a com a acção. Com a acção e o pensamento, pois; com a palavra nos sermões ou esboços de sermões que nos legou, não.

Disse-se já: a sciencia de Deus, assumida a expressão em seu sentido theorico, nunca dá thema á prégação de Antonio. Não discute a fé, acceita-a, pois a reputa acceita. Tambem a não define, a não explana ou justifica. Para quê? Não se propõe esclarecer espiritos, alimental-os com o pão da doutrina verdadeira; pretende trazer ao bom caminho corações transviados, restituir a Deus almas que o vicio ou a perversão dos tempos arrancou a Deus. A cadeira onde falla não é a cathedra do professor é o pulpito do apostolo.

Como, porém, se não póde separar de todo o dogma da moral, deparam-se-nos, sem embargo, referencias rapidas, breves allusões a cousas de mysterio e dogma. O moralista, ao desflorar com a penna viva no resumo que formava algumas d'essas cousas ineffaveis, tem uma

phrase, uma imagem caracteristica, não raro audaz, feliz quasi sempre—, ainda quando a não applauda o gosto mais requintado de hoje—phrase que passa ante nossos olhos em vôo airoso e rijo de garça ou de aguia na transparencia e luz do espaço.

Assim, ao referir-se, no sermão de quinta feira da quarta semana da quaresma, á resurreição de uma creança, resurreição operada por Christo, movido das lagrimas da mãe triste, tem esta bella imagem sobre a união hypostatica das duas naturezas em Jesus: «Que era grande o poder d'essa humanidade, é manifesto, pois sua divindade estava unida a ella, mais do que ao ferro em braza se acha unido o fogo. A união das duas naturezas é a maxima, depois da que subsiste na Trindade. Mas da união com o fogo assume o ferro a efficacia e o poder do fogo».

No sermão da vigesima dominga depois da Trindade, a proposito d'esta mesma Trindade, escreve: «Como se cunha o dinheiro com a imagem do rei, assim nossa alma se assignala com a imagem da Trindade. D'ahi o dizer o Psalmo 4[1]: Assignalou-se sobre nós o lume de teu rosto, isto é, o lume da graça, pelo qual se reforma em nós a tua imagem, pela qual, ó Deus, te somos similhantes».

E na dominga primeira depois da Paschoa: «Adverte tambem que n'este nome *Pax,* Paz, ha tres letras e uma syllaba. Assim se exprime a Trindade e a Unidade. No *P,* o Pae. No *A,* a primeira vogal, o Filho, que é a voz do Pae. No *X,* consoante dobre, o Espirito Santo, que procede dos dois. Quando nos disse, pois: *Pax vobis,* encommendou-nos a fé na Unidade e na Trindade».

Na dominga decima terceira depois da Trindade, depara-se-nos esta imagem em que luz sua phantasia ousada

---

[1] No versiculo setimo.

e ingenua, a phantasia dos fortes e dos grandes, a proposito dos dois summos mysterios da Encarnação e da Paixão: «Ó homem, a fórma e disposição de teu coração te ensina como deves amar a Deus. Em meio do peito, entre dois seios, tens o coração. No direito se entende a memoria da Paixão, no esquerdo a da Encarnação, das quaes a alma, como de dois uberes, se alimenta. Entre ambos está situado o coração, para que tudo que cogites, tudo que comtigo penses, o refiras á humildade e pobreza da Encarnação, á amargura da Paixão do Senhor.»

E no sermão da quarta Dominga do Advento: «Nota em quanto amor arde Quem deseja que se rasguem os céus para se contemplar o Invisivel visivel na carne humana. Rasgue-se embora o céu, desça o Verbo, ante cujo aspecto se desfaz a soberba dos proprios montes».

Mas tudo isto são phrases rapidas, breves allusões a cousas mysteriosas e profundas mais do que o azul do mar ou o azul mais azul ainda, mais mysterioso e profundo do céu. São meras affirmações, exhortações brevissimas, enunciadas de relance, ao correr da penna, de penna habituada a vôos.

A regra encontro uma excepção, que a não desfaz, confirma-a. É no sermão da VI Dominga depois da Paschoa. Santo Antonio expõe o mysterio superno da Trindade. Os homens dignos de serem, por sabedores e addictos a Deus e á Fé, ouvidos na materia santa acham perfeita a exposição do dogma. Bella, evidencia-se que o é.

Christo dissera pela voz de S. João (XV, 26): «Quando vier o Paraclito que eu vos enviarei do Pae». Santo Antonio commenta «o dom nobilissimo que se nos promette para amparo na presente lucta», d'este modo insigne:

«Nota-se, desde logo, claramente expressa a Trindade Santa. Do Pae e do Filho é enviado o Espirito. São os tres de uma unica substancia, de uma insepa-

ravel unidade; unidade na essencia, pluralidade nas pessoas. Insinua o Senhor a Trindade na Unidade da Divina Essencia. S. Matheus diz: «Ide e baptisae todas as gentes em nome do Pae, do Filho e do Espirito Santo». Em *nome,* diz, e não *nos nomes,* para que se revele a Unidade da Essencia. A distincção dos nomes affirma a Trindade das pessoas, origem de quanto existe, formosura perfeitissima, deleitação beatissima.

«Vejamos que vestigios da Trindade se revelam em nossa alma. Santo Agostinho (De Trinitate) diz: Posto que nossa alma não seja da mesma natureza de que é Deus, comtudo a imagem d'Aquelle que é Bem acima de todo bem, deve procurar-se e achar-se onde possue a humana natureza quanto de melhor possue. Eis que nossa alma se recorda, se comprehende, se ama. Vemos, ao vermos isto, a Trindade, não Deus, é certo, mas sua imagem. Pois se ostenta uma Trindade na memoria, na intelligencia e no amor ou vontade. Tres cousas que não são tres vidas, mas uma vida, que não são tres almas, mas uma só alma, uma essencia e não tres essencias. Presuppõe outra cousa a memoria, presuppõe-na a intelligencia e a vontade ou amor; a vida só a si, só a si a alma e a essencia. São conseguintemente estas tres cousas uma cousa só, pois são uma vida, uma alma, uma essencia. São distinctas entre si, mas dizem-se uma só, porque na alma existem substancialmente. A alma a si se manifesta e o conhecimento que de si tem, é filho seu. A alma quando se conhece, gera tal conhecimento e n'elle se patentea. Procede da mesma alma e do conhecimento que de si tem, o amor com que se ama; pois se conhece, ama-se. Não podera amar-se, se não se conhecesse. Ama o filho. isto é, o conhecimento de si proprio. Une o amor estreitamente o pae e o filho. É assim que n'estas tres palavras se revela alguma cousa da Trindade».

Logrei n'esta versão dar longes só da terrivel precisão do texto. N'estas alturas santas e por santas,

demasiado altas, não se resfolga bem. Tituba o animo e a palavra hesita.

Não reputo acaso que exista de tantas e tão varias exposições que luziram de certo em seus sermões, só esta da Trindade. Não quiz affirmar-se por certo seu auctor com forças de as fazer até dos mais arduos dogmas. Ninguem no tempo d'elle ousára duvidar de tal. Mas que ousasse, não lhe soffrêra trazer a desengano o sceptico a sentida humildade do grande mystico. Da posteridade que devia, sem que elle o presentisse ou desejasse, guardar-lhe o nome ungido de admiração, não curava sua alma, só feita a Deus.

Conjecturo na excepção rendida homenagem ao mysterio augusto entre os augustos. Opinam os theologos que se resume n'elle a sciencia de Deus[1]. O proprio Santo lhe chamou, vimol-o, origem de quanto existe, formosura, deleitação perfeitissima e beatissima. Comprehende-se a excepção.

N'um dos ultimos cantos da *Commedia*, — fallando-se de ceu não ha preterir-lhe o cantor — expressa o Dante, a convite de S. Pedro, o symbolo de sua Fé. Divinamente inspirado encerra o Poeta em seis tercetos a versão sublime. O derradeiro vê na Trindade o principio fundamental que dilatando-se a mão e mão, vem a constituir a integridade de nossa fé.

E o grande clavicularío do empyreo que o escutou attento, approva e applaude.

Mysterio dos mysterios, mais de que nenhum offuscas a fatigada intelligencia do homem! Mas acalma-se em ti o coração abeberado de pavor e duvidas.

---

[1] Um diz: «É precisamente por sua fé na Trindade que a igreja se distingue dos judeus e dos pagãos.» E outro: «A fé na Trindade é como que a propria substancia da fé e da sciencia christã, sua base e centro». Hagemann, em Wetzer e Welte.

II

Esta sciencia de Deus, ninguem nunca lh'a contestou. Pelo contrario. Gregorio IX ouviu-o interpretar os livros santos e chamou-lhe maravilhado arca do Testamento, armario das sagradas letras. Foi tambem esta a opinião de seu seculo. Tinha de cór a Biblia, e os Santos Padres. As citações que faz peccam até ás vezes por excesso. No sermão da Ceia do Senhor, por exemplo, citam-se evangelistas: S. Matheus, S. João; citam-se apostolos: S. Pedro, S. Paulo, S. Thiago; citam-se Santos Padres: Gregorio, Chrysostomo, Jeronymo, Bernardo, Agostinho, mais de uma vez alguns. Alem d'estes, Job, o Psalmista, o Ecclesiastico e Hugo de S. Victor, o Mystico. Os mais sermões correm o pareio n'isto.

No tocante ás sciencias profanas não voga igual juizo. O famoso abbade de Vercel, o sentido commentador do Areopagita, conheceu e tratou de perto a Santo Antonio e dil-o mediocremente embebido n'ellas[1]. Tambem o Santo parecia ás vezes tel-as em modesto apreço[2]. Chamava-lhes o «cantico velho, o cantico de Babylonia»[3]. Qualificava-as com mordente desdem de «mundanas e lucrativas». Que cousa mais desprezivel para a sua intelligencia do céu do que o mundo, para a sua vontade, feita de abnegação, do que o lucro?

Em todo caso a deficiencia accusada por Thomaz Gallo deve entender-se com esta restricção justissima: era n'ellas exiguo seu saber comparado ao que tinha de Deus e de seus Santos.

---

[1] «... Sicut expertus sum in Antonio ex minorum Ordine in familiari consuetudine quam habui secum: qui parum instructus disciplinis saecularibus...» *Thomas Gallus,* apud *Elogia.*

[2] Vide a nota IV.

[3] Dominica II post Pascha e Dominica XV post Trinitatem.

De feito, póde presumir-se que em nenhuma das artes ou sciencias de seu tempo se julgára com motivo hospede. Nem a medicina, attenta só ao corpo do homem, á parte material e transitoria d'elle, á qual votava seu conceito mystico exiguo affecto, nem a sciencia da guerra, a que sua alma de paz e amor refugia por instincto, lhe eram estranhas. É que seu espirito inventivo e ancioso de saber achára meio de saber sem perigo seu e com vantagem de outros; lográra supprimir a vaidade e frieza para Deus que de ordinario nasce da sciencia humana[1]: convertendo-lhe as noções e factos, por interpretação mystica, em lição moral. Todo esse cabedal lhe servirá para chamar a Deus almas feridas, para estreitar o reino lugubre do mal. Procure-se Deus nas creaturas. e o inteiro conhecimento d'ellas nunca será mau, póde até ser bom.

Para este fim plausivel sabia Santo Antonio, e bem, quanto se sabia em seu tempo.

Factos e noções de sciencia surgem abundantes de seu dizer; uns e outros, claro está, sem nexo ou methodo. Não fazia prelecções. Apontava noções e factos para tirar d'elles, muita vez com singular engenho, lição proficua. Acodem-lhe elles á memoria e á penna ao sabor das instancias do momento.

Dos quatro elementos constitutivos do mundo na sciencia antiga nenhum lhe recusa factos e noções á palavra a edificar para Deus.

O fogo, que era reputado o mais nobre d'esses elementos, pois aspirava como as almas para o espaço immenso, sua estancia natural, recorda-lhe, pela centelha subtil, agil e accendedora[2], a alma a abrazar-se em Deus. Com a qualidade que lhe attribuiam de recrudescer contra si, de a si se consumir á falta de elemento proprio, servia de castigo ao iracundo.

---

[1] «Scientia inflat». S. Paulus, I ad Cor., VIII, 1.

[2] Dominica III post Trinitatem.

O ar, o segundo na nobreza dos primarios elementos, dá-lhe o arco celeste que correctamente explica «pela reverberação do sol na nuvem aquosa[1]», e nas aves variadissimas que o sulcam ministra-lhes proveitoso ensino.

Os grous na fórma em que procedem em suas migrações ensinam-nos a ser misericordiosos[2]. As duas especies de contemplativos existentes comparam-se ás aves que voam de pés estendidos para trás e ás que os unem contra o ventre para que lhes não estorve o vôo rapido[3].

Dá-lhe a agua certos peixes que provando a da chuva morrem logo: o moderado sabor de uma só gota lhes é veneno. Suggere-lhe outros que ao contacto do ar cegam. Pois não lembram aquelles o invejoso que morre quando presente em outrem gota da divina graça, e estes os que não podem ver, sem se cegarem de cruel inveja, o bem do proximo? Assim o crê nosso santo e assim o diz. A perola, outra oriunda da agua, tão graciosa em sua tristeza e enfermidade, não passará despercebida; descobre-a seu desejo vivo de apurar almas pela natureza. É como a do justo, a perola. Faz-se branda na agua e endurece em terra. A alma languece nos prazeres, e enrija na austeridade[4].

A terra nas plantas e animaes que tem na superficie enorme, nas pedras e mineraes que esconde nas entranhas duras, presta-lhe mais abundante safra. É o myrto, «especie de arvore de bom cheiro e virtude tempe-

---

[1] Dominica XII post Trinitatem.—Outras noções e comparações, ás vezes levemente imaginosas, se encontram n'esta mesma oração, na da segunda dominga depois da Paschoa e em outras: In radiis solis atomi videntur . . . Atomus ut pulvis tenuissimus in radiis solis apparens . . . Sol enim guttas aquarum ad se trahit . . . etc.

[2] Dominica IV post Trinitatem.—Veja-se o breve mas interessante trecho a que se allude, na nota V.

[3] Dominica XV post Trinitatem.

[4] Dominica XVII, post Trinitatem.—Vide um trecho excepcionalmente bello sobre as perolas na nota VI.

rativa», comparado ao justo de suave odor para o proximo e de virtude temperativa para si; é o azevre ou espigue, «erva salgada, genero de arbusto ou salgueiro chamado tambem *abies,* faia, por subir mais alto do que as outras arvores — *altius eat* —», comparado á avareza amarga e infructuosa da qual, quando o Senhor infunde na alma graça, sobe o *abies,* a faia, da celeste contemplação[1]; é a urtiga «de natureza ignea, assim chamada, pois seu contacto escalda *(adurat)* a pelle», comparada á concupiscencia da carne. As serpentes que, em rasão de abundante veneno na cabeça não cessam de mover a lingua farpada e negra, primeiro mordem com o dente e depois embebem de peçonha a ferida, equiparadas aos maldizentes; o camelo que se submette de bom grado á carga a designar aquelle que se submette voluntariamente a Deus; a estopa, que é de si propria arida e arde promptamente, a significar os impacientes que desfallecem de prompto na tribulação; o pez viscoso e negro que tanto suja a quem o toca, a apontar os maus cujo contacto conspurca; o trigo, semelhante ao martyr nas prendas que possue e no destino que lhe cabe; por ultimo, as quatro virtudes cardeaes comparadas a quatro pedras preciosas n'este gracioso parallelo: «O carbunculo que afugenta as trevas, é a prudencia que, como diz Seneca, leva a lanterna ante as demais virtudes. A saphira, que acalma o sangue, a temperança. O jacinto que segundo o ar se colora, a justiça que a todos se adapta. A esmeralda de côr verde, a fortaleza[2]». O ouro, comparado aos martyres por quatro propriedades que possue: «limpa-se da escoria no fogo; dilata-se com a percussão; é rubro, e adorna os demais metaes entre os quaes se ufana de ser o preciosissimo».

---

[1] Dominica II post Pascha.

[2] «De uno vel pluribus martyribus.» Sermo II.

O que se dá com e no proprio homem, o rei da creação tanta vez escravo dos outros e de si, não podia preterir-se, contendo tanta e tão util lição. Assim refere-se ao sangue, que é o principio do coração, posto que se purifique no figado; aos olhos, chamados em latim *oculi* por que se occultam sob as palpebras para não serem offendidos de objecto estranho ou porque tem luz occulta; á saliva que desce da cabeça, assim dita porque é salgada, sempre mortal ás serpentes que a provam; ao coração que se inclina um pouco para o seio esquerdo «assim como a compaixão e devoção do coração se deve inclinar á amargura da Paixão de Deus[1]».

Nada engeita seu engenho agudo. Expõe de Galeno no Passionario a theoria sobre as quatro especies de febre, e de Vegecio as qualidades de um general na guerra, e faz, em ambos os casos, com igual largueza, applicação á alma enferma do homem[2]. E, tornando á medicina, refere-se extensamente ao modo de proceder com os loucos[3] que sagazmente aproveita, e com rara precisão allude ás influencias do que hoje se diz barbaramente *meio,* n'estas palavras: «Na primavera domina o sangue, pelo qual os homens se estimulam á sensualidade. No verão, a colera, pela qual se excitam á ira. No outono, a melancholia, pela qual se inclinam á acedia ou tristeza. No inverno, a phlegma, pela qual propendem á preguiça».

Estou a ver o sorriso de desdem de tanto consummado sabio por este saber feito de inexacções e sonhos, não antevendo o sorrir, que eu antevejo na sciencia de ámanhã, para as asserções da certissima sciencia de hoje. Nem exacta, nem segura, a do grande santo?

---

1 Dominica XIII post Trinitatem.
2 Dominica I in Quadragesima.
3 Feria V hebdomadae tertiae.

É a do seculo XIII, é a de seu tempo, a de Plinio e Aristoteles. Era então a melhor, a unica.

*

Duas palavras só de seu saber nas letras denominadas boas. Duas só, embora o assumpto requeresse mais. Tinha Santo Antonio larga lição dos poetas de Roma, pelo menos. Cita-os com frequencia. Na citação porém — é curioso o caso — omitte o nome do poeta. A citação acode, com a citação a lição que encerra; mas ha como que o deliberado proposito de occultar o nome do escriptor citado. Repete-se de mais, para não ser intencional, o facto. Artificio rhetorico? Ás vezes é. N'um sermão alludido adiante: «Fugi, ó justos. Roja sob a relva a serpe fria». Indubitavel referencia ao famoso hexametro de Virgilio:

Frigidus, ó pueri, fugite hinc latet anguis in herbis

É claro aqui o artificio. Mas no sermão dos finados ha referencia a um hemistichio de Horacio: *Pulvis et umbra sumus,* precedido das palavras: *Unde poeta.* Sem nome. No sermão da Dominga XVII depois da Trindade ha duas citações e duas omissões analogas. «É notavel, escreve, o dito do poeta: Perde-se em breve tempo o que se obteve em longo». E em outra parte: «D'ahi o poeta (sem designação do nome): empallideça todo o amor[1]». Não se póde attribuir o lapso a deficiencia de memoria que sabemos grandissima ou a artificio oratorio que fôra vão por muito repetido. Receiaria o orador escandalisar as almas timoratas com citar tão profanissimos profanos? Não quereria recor-

---

[1] «Notabile verbum poeta: Labitur exiguo quod partum est tempore longo»; «Unde poeta: palleat omnis amor».

dar em demasia poetas que raramente são para citar do pulpito. De feito, se não são lucrativos, são mundanos e de mais ás vezes. Seus canticos são peiores que o velho cantico. São canticos de Babylonia — da mais negra e ruim das Babylonias.

O POETA

Foi missão do Christianismo transformar a face da terra e as profundezas ultimas da alma. Esta, de serva que era do erro e subdita do mal, fez-se senhora da verdade e filha dilectissima de Deus. Não podia, pois, a Fé Christã deixar de transformar a Poesia, que o não é se não deriva das profundezas que o Verbo vinha transformar e transformou.

A Incarnação, a Redempção, a Santificação, mysterios e cousas sacratissimas, desconhecidas de todo em todo, ou apenas presentidas no mundo antigo, a vida dos santos occulta em Jesus Christo, Homem verdadeiro e verdadeiro Deus, como pequenino em seio bom de mãe, a lucta dos martyres contra o mundo, contra a dôr, contra si, mais heroica do que as sublimemente celebradas nas antigas epopeias, escripta com sangue esparso por amor de Deus em tormentos indisiveis, tudo isso e tanta cousa mais, potente e bella, que brotára no velho mundo á luz da Boa Nova, ministravam thema inexhaurivel, novo, intacto, a desvelar mundos de sentir tão ignorados quanto grandes.

Deu-se essa transformação mais prompta e cabal na Igreja do Occidente. Foi ahi menos duro ao Espirito Novo subjugar a poesia de Roma, a decaída dominadora, pois essa poesia era de si imitação, quanta vez bella, quanta vez immorredoura, é certo, mas imitação indiscutida. No Oriente, na Igreja grega, não se dava o mesmo caso. A poesia que na Hellade, berço augusto

da arte, brotára á luz, era de singular poder, original, profunda. Não foi pois no grego tão completa a victoria. A hymnologia christã no Oriente é inferior á sua irmã do Occidente na graça, na piedade, na espontaneidade e na uncção.

A transformação alcançou na igreja latina a propria fórma externa. No metro a Nova Poesia substituiu o accento á quantidade e creou a rima, complemento gentil, se não de todo ponto necessario, nas linguas fundamentalmente musicaes, como a nossa, do rythmo, que é elemento, esse, essencial, indispensavel, para alguem quasi unico, da poesia.

E desde logo se manifestou essa transformação. S. Paulo[1] já recommendava a seus discipulos: «Encheivos do Espirito Santo fallando a vós mesmos em psalmos e hymnos e canticos espirituaes, cantando e psalmodeando ao Senhor em vossos corações». Existiam, pois, esses canticos e hymnos. E a não serem distinctos das odes e elegias pagãs, quanto o nume que agitava e aquecia o cantor dos Fastos era diverso do Deus Inspirador dos novos poetas, a Terceira Pessoa da Trindade Ineffavel, não os recommendára o Apostolo ao coração fervoroso dos fieis.

Mas se a Idéa Christã foi, pelas rasões expostas, favoravel ao nascer e progredir da poesia nova, não se seguia necessariamente que tambem o fossem todas as instituições que d'essa Idéa divinamente fecunda proviessem. Mas todas mais ou menos o foram. Até aquellas que menos aptas para isso se creriam. As proprias ordens monasticas, e entre estas as que pareciam mais inadequadas ás cousas do pensamento e da arte, têem

---

[1] Ad Ephes., v, 18, 19.—Ad Coloss., III, 16.—Não deve passar sem menção que antes de dirigir-se ao Monte Olivete, Jesus entoou um hymno com os seus Apostolos. «Et, hymno dicto, exierunt in Montem Oliveti». Math., XXVI, 30.

seguro logar entre os mais efficazes promotores e cultores mais sublimes da Poesia[1].

Ozanam escreveu um livro interessante, na confessada modestia de seu proposito, sobre os serviços reaes e duradouros prestados á lingua e ás letras da renascente Italia pelos primeiros filhos do incomparavel S. Francisco[2].

Por estranho que pareça aos menos attentos o apontado facto, não deixa de ser de explicação facilima. Todos esses heroes da pobreza e da caridade, que vagavam pelo mundo com a indifferença e o desapego santo de quem nada quer nem espera d'elle, eram essencialmente mysticos, nas varias e nobres accepções que esta dicção admitte, e o mysticismo é já de si uma poesia[3], por isso que para os seus symbolos e interpretações carece da phantasia, elemento primario da Poesia. Depois, esses bellos e ingenuos espiritos, vendo nas cousas exteriores, animadas ou não, um mero espelho em que se reflecte o poder, o amor, a bondade infinita de Deus, luz de sua vida e vida de sua alma, sentiam-se invencivelmente propensos a amar essas cousas todas, senão por ellas, pela Imagem divina que n'ellas incompleta, mas irrecusavelmente se retrata. Ora, é esse amor um dos mais poderosos elementos da Poesia.

---

[1] Thomás de Celano, o historiador de S. Francisco, é, na opinião commum, o auctor do *Dies irae* e outro discipulo do grande pobresinho, Jacobonus de Benedictis, o do *Stabat*. Assim dois franciscanos foram talvez os gloriosos compositores das duas mais bellas sequencias de toda a hymnologia latina.

[2] A. F. Ozanam, *Les Poètes Franciscains en Italie au* XIIIe *siècle*. Para elle remetto o leitor que não espera de certo que lhe rediga aqui o que um homem de engenho e de saber já disse, e bem.

[3] João Scot Erigena, o incomparavel mystico, figura como poeta, na hymnologia latina. Não ha em lingua portugueza um grande mystico que não seja simultaneamente um poeta grande. Fr. Thomé de Jesus, o padre Manuel Bernardes, e quantos mais, são flagrante testemunho d'isso.

O serviço prestado á nascente lingua por estes grandes e santos sonhadores procede de outro facto, tambem simples. Preferiam elles aos grandes os humildes, os ignorantes aos sabedores; fallavam-lhes, pois, a linguagem que então em Italia começava a desenlaçar-se das fachas do latim. E assim, accesos de mobil phantasia e animados de quente amor de Deus, dos homens, de todas as creaturas, contribuiam sem o pensarem, fallando e poetando em romance, para a feitura e perfeição da lingua, que elevou logo depois ao apogeu da graça e força o genio incomparavel de um Poeta altissimo.

Na gloria d'esta grande obra, que eu prezo tanto mais quanto mais certo e singular é o affecto que devoto á lingua

Del bel paese là dove il si suona,

tem segura parte Santo Antonio. Sabe-se por tradição coeva, que era applaudida a fórma, reputada milagrosa, por que elle, estrangeiro — ainda o não tinham abusivamente naturalisado em Padua — fallava a lingua já tão gentil da terra em que se não contentou de dar luz a esse unico prodigio[1]. Não parecerá pois exagerada a conjectura. Era para aditar e enobrecer a mais bella das linguas actuaes a phantasia e o vivo amor á natureza do mystico poeta portuguez.

Não possuimos, é certo, versos de Santo Antonio. Não se presume que os haja feito. Mas n'elle a phantasia era de viveza e abundancia raras e a palavra tinha, como se verá em breve, quando o pedia o assumpto, o movimento rapido, elegante, altivo, em que fre-

---

[1] «... Linguam sic movit ut tam Graeci, Latini, Francigenae, Teutonici, quam Anglici omnes qui audiebant, clare intelligerent.» Hartman Scheydel, apud *Elogia* na edição citada das obras de Santo Antonio.—*Vita S. Antonii, etc.*, cap. XIII e Fioretti cap. XXXVIII.

mem azas, da estrophe metrica. Tambem o Apocalipse de S. João — eu sei que a critica protestante e racionalista allemã nega ao Discipulo amado a paternidade da obra incomparavel — tambem o *Gloria* em que não é preciso que resoem as divinas melodias e os potentes accordos da *Missa solemnis* de Beethoven para se entrever o céu, tambem os Prefacios que a igreja entoa como um hymno triumphal ao Santo, Santo, Santo Senhor Deus dos exercitos, entre os quaes avulta o da Trindade como uma das mais luminosas paginas que haja inspirado o céu á morta penna do homem, tambem essas maravilhas do sentir e da palavra humana são destituidas de metro preciso e certo. A poesia verdadeira, a estricta poesia, póde exigir e exige, como condição indispensavel, o metro. Mas o poeta dispensa-o muita vez sem deixar por isso de ser poeta.

Santo Antonio era poeta, e grande. A poesia deriva para sua alma illuminada de duas fontes, de dois livros unicos. Mas n'esses, os maiores que hajam sido dados á debil mente do homem, bebe sua palavra a largos e profundos haustos.

Dos dois livros alludidos é o primeiro a Biblia, a Santa Inspirada, a Inspiradora Santa de tanta cousa grande. Leis e instituições, nomes e titulos, cousas e pessoas, tudo comprehende seu saber profundo, tudo interpreta seu engenho agudo, tudo lhe transforma em luz, em harmonia, em graça a phantasia juvenil e prompta. Tudo ousa, pois tudo póde; e sua palavra engenha-se, lida, afadiga-se, mas nunca em vão, para traduzir com propriedade e esmero os requintes de um pensar que fulge, de um sentir que enleva.

Dois exemplos unicos. Eis o que são para sua phantasia de poeta e mystico os quatro rios do Eden:

«A *cidade,* a saber, *nossa alma será como oiro puro, comparavel a crystal luzente.* Que ha ahi mais puro do que o oiro, mais luzente que o crystal? O que, pergunto, na geral resurreição será mais puro e mais

luzente que a alma do homem glorioso? O Senhor sarará a ferida que em nós abriu a desobediencia do primeiro homem. Será então regado o paraizo de quatro rios que são o Phison, o Gion, o Tigre e o Euphrates, quer dizer, será nosso corpo glorioso ornado de quatro dotes, a claridade, a agilidade, a subtileza e a immortalidade.

«Pelo Phison, alteração do semblante, entende a claridade da resurreição, pela qual de tanta escuridade nos havemos de tornar em soes.

«Pelo Gion a subtileza, pois se interpreta peito, e assim como se não divide nosso peito, nem fere, nem lastima, nem abre, nem padece pena quando as cogitações se desprendem d'elle e partem, assim tambem o corpo triumphante se embeberá de subtileza que tudo hade penetrar, embora tudo fique infrangivel e indissoluvel, cerrado e solido, como o corpo de Christo glorioso, o qual entrou á estancia dos Apostolos, cerradas de todo ainda as portas d'ella.

«Pelo Tigre, que significa setta, a agilidade, que bem se exprime no voar da setta.

«Pelo Euphrates, o fructuoso, a immortalidade, onde nos inebriará a fecundidade da casa do Senhor, e plantados como arvores da vida fructearemos pomos de sabor eterno».

As nove portas da Jerusalem terrestre e da celeste não são menos poeticamente interpretadas:

«Em uma e outra Jerusalem ha nove portas. A Porta Antiga são os santos anjos que assim se chamam em rasão de sua prioridade. Existia esta porta em Jerusalem do tempo em que a cidade se chamava Salem, que quer dizer paz. Tambem nos santos anjos, expulso o grão rebelde, se firmou a paz. A Porta da Fonte são os Patriarchas; por elles primeiro se mostrou o caminho para a Eterna Fonte, Christo. A Porta Nebulosa, os Santos Prophetas, que sob a nuvem da letra ensinam o caminho da verdade. Esta porta pela sua altura

se chamou assim: os Prophetas por alteza de engenho com tal nome justamente se designam. A Porta Cerrada é a Virgem Maria, que foi Virgem antes do parto, Virgem no parto, Virgem depois do parto. *Varão não passará por ella.* Os Santos Apostolos são a Porta dos Cavallos, fronteira ao Templo, pois os que entrarem por essa porta entrarão até o Templo, Christo. Subiam os que subiam até ella nos cavallos da soberba, apearam-se, porém, d'elles e entraram humildemente. A Porta do Esterquilinio são os Martyres. Assim esta porta se chamava, pois escorriam por ella as immundicies da cidade. Chamam-se os Martyres Porta do Esterquilinio, pois seus corpos foram tidos como fezes, e vertido seu sangue como cousa vil. Porta dos Escudeiros, os Santos Padres, Agostinho, Ambrosio e quantos mais. Por esta do Paço Regio se entrava ao Templo, e a ella se achavam os que velavam armados esse Paço. São os Santos Padres esta porta, pois, por sua doutrina se passa da casa real, a Egreja Militante, ao Templo celeste; e a casa real, a munem elles com os escudos da auctoridade da Escriptura. A Porta dos Peixes são os bons subditos do claustro, que se elevam como os peixes nas barbatanas da virtude, não se encharcando em lodo de peccados. A Porta do Valle são as Virgens, assim denominadas, pois pelo valle se entende a humildade. A Virgem Santa só na humildade se revê: *Pois olhou a humildade de sua serva.*»

É fria esta poesia? Talvez; mas fulge. A frieza provém do symbolismo usado. Animada e quente, a que lhe vem de outro livro, a natureza, cujos effluvios, embebem, impregnam intensamente o poeta.

Em contacto instante de cada hora, com essa natureza que elle como seu patriarcha e mestre, S. Francisco, amava, e pela mesma rasão, por ser na terra tão eloquente pregoeiro quanto no céu das grandezas e glorias do Senhor; em união constante com a natureza sempre fecunda e válida, d'ella tirava o Poeta as imagens, as

côres e relevos com que representava a conceitos rudes cousas abstractas, immateriaes, de percepção difficil muita vez. Importa advertir tambem que, fallando principalmente ao povo, não podia o Santo pôr de parte em seu ensino, vivo pela alma de que provinha, vivo pela alma a que voava, o que mais intimamente amava e conhecia esta alma.

Mas nas comparações e similes que o summo orador pedia á Santa Biblia era principalmente um interprete mystico e só indirecta, embora indiscutivelmente um poeta; nas que vae beber á Biblia da natureza, inanimada ou não, é principalmente um poeta: escolhe com propriedade, debuxa com acerto, pinta com viveza; as linhas são exactas, as côres e tons observados finamente e expressos com rara verdade e força. Não fallecem provas.

Figura em suas homilias, com prevista frequencia, o varão justo, o santo. Convinha apresental-o muita vez á consideração, ao affecto de seus ouvintes. Era um modo provavelmente efficaz de confirmar os bons, que seriam poucos, no bem que aconselhava, de trazer os maus, que seriam muitos, á senda desdenhada. Oh! o mal! Corriam então, como os de agora, maus os dias. Eram, pois, sempre, por mais que o fossem, pouco luctuosas as côres com que vicios e erros tinham de afeiar-se a olhos e corações que não sentiam por elles horror summo; sempre pouco ridentes e luminosas as com que convinha realçar a bondade, a alegria, a grandeza e paz dos justos.

Na opulenta paleta dispõe o Santo as mais alegres tintas; dêem-lhe as mais gratas cousas em formosa imagem o homem justo. É assim que n'um sermão, o da duodecima dominga depois da Trindade, o compara á estrella matutina, á lua, ao sol, ao arco de que adorna a luz reapparecida as nuvens da tormenta quasi extincta, á rosa, ao lirio, ao incenso rescendente, ao vaso de oiro, ao cedro, á oliveira pullulante...

Mas nem seu santo proposito nem sua phantasia exuberante lhe permittiam ficar sempre na indicação precisa, mas rapida, do simile. É a lua, é o sol, é a rosa, é o lirio, é a oliveira que pullula, é o incenso que rescende, é: mas não lhe bastará dizel-o. Compraz-se-lhe no simile a vivaz palavra e insiste n'elle — dizem-me ás vezes que de mais — e expondo-o mais longamente, mais longamente o explica á alma, o insinua ao coração, o impõe á vontade vencida dos ouvintes.

Vejâmos, em alguns exemplos, quão bellamente o faz. Comparou o justo á rosa, ao lirio, ao incenso, ao vaso de oiro. Eis como define os quatro similes.

«*Como a flor da rosa em dia verno.* Duas cousas são de notar na rosa: a puncção e o deleite. Punge o espinho, a flor deleita. Assim na vida do justo ha o espinho que compunge, e o perfume que deleita. E isto em dia verno, que o justo folga com a adversidade em tempo prospero.

«*Como o lirio no discurso da agua.* Nos lirios se prefigura a pureza da alma e do corpo. Estão os lirios puros no discurso da agua. No seculo que passa, mantem-se puro o justo em meio da abundancia temporal.

«*Como o incenso rescendente em dia estivo.* Talha-se no estio a arvore do incenso para estillar no outono a goma embalsamada. Assim o justo é attribulado agora para colher depois o fructo eterno.

«*Como vaso de ouro massiço.* É a cavidade do vaso receptiva de liquidos; é a humildade do coração justo receptiva de graças. Com rasão se diz o justo vaso de oiro massiço. Vaso, porque humilde; de oiro, porque precioso e fulgido; massiço, porque cheio da esperança da propria immortalidade.»

N'estes similes, vê-se, o poeta se sobreleva ao mystico. Tudo isto é suave, gracioso, vívido, tocado com mão segura e subtil de mestre.

Mais vívido ainda e delicado é o simile que traça da alma penitente. Fallou do justo não podia esquecer

o peccador converso. Não o esqueceu com effeito no Sermão da ceia do Senhor. A visão do penitente perdoado e grato devia ser boa ao hesitante coração do peccador. Santo Antonio escreveu, praz-me crer que proferiu, estas linhas bellas:

«De manhã soltou Noé a pomba da arca. (Genesis, 8). A pomba que não canta, geme, é a alma arrependida e penitente das culpas commettidas, que, de manhã, no principio da Quaresma, se aparta da arca, a Igreja, na qual só quem perseverou se salva, como na Arca; mas á tarde, ao cerrar-se o tempo santo, regressa á Igreja, portadora do ramo de oliveira, da acção de graças, em rasão da indulgencia conseguida.

«Diz Jeremias, 30: *virão em choro*. Eis os gemidos da pomba. *E eu os reduzirei a misericordia*. Eis o ramo de oliveira. Assim procede o Espirito Santo; e os que haviam sido com rasão despedidos da Arca, regressam depois a Christo, gemebundos e penitentes.»

Mas o orador glorioso comparára tambem o justo á estrella da manhã. Pareceu-lhe asado o simile — o resultado mostrou com que rasão — a maior desenvolvimento. Praz ás almas que fraquejam ouvir tratar dos justos. Praz-lhes e faz-lhes bem. Santo Antonio fallou mais uma vez assim:

«A vida do justo é como a estrella da manhã em meio da neblina, isto é, da mundanal vaidade. O ladrão é de temer entre a neblina escura. O sol brilha mais claro, quando a espalha a aragem. Palpada é vã. Se se eleva, diz tormenta; se desce, serenidade. Parece crescerem as cousas quando immersas n'ella. Occupa agora todo o espaço, logo se dissipa e faz em nada. Na vaidade e pompa do mundo se occulta o salteador, que é o demonio ou o peccado. Fugi, ó justos. Roja sob a relva a serpe fria; o ladrão, na nevoa. Dissipada a nevoa, isto é, desprezada a gloria e pompa do mundo, brilha mais puro o sol da graça; rompe aos que sois tementes a Deus o sol eterno da justiça. Palpada, é vã.

Por isso o psalmo 55: «Dormiram seu somno e nada acharam em suas mãos os homens das riquezas». Faz d'este modo os homens das riquezas e não as riquezas dos homens, pois se mostram os homens escravos do dinheiro. Se se eleva, diz tormenta. Se te eleva a gloria temporal, tens seguro indicio de tua condemnação (Santo Agostinho). Não ha mais claro signal da perdição eterna do que sairem no mundo as cousas ao sabor e geito do desejo. Se desce, diz serenidade, isto é, perfeição. Parece crescerem n'ella as cousas. Tambem assoprada a bexiga e cheia de ar parece maior do que é: mas vem a puncção da agulha, isto é, da morte, e põe-lhe a nú a pequenez e a brevidade do homem».

As abelhas parece terem-lhe merecido especial predilecção. Talvez por douradas, modestas e laboriosas, quer dizer bellas e boas, boas passivamente como modestas, activamente boas, como laboriosas.

Duas vezes, pelo menos, lhe acodem, chamadas por essa grata predilecção, á phantasia em lida. Descreve as santas mulheres afanando-se em preparar perfumes a Jesus sepulto, em silencio e prece; e, «podendo trabalhar de novo» passado o sabbado e caído o sol, occupadas em «comprar á pressa aromas para de manhã ungirem o corpo de Jesus».

Começa: «Apressavam-se estas, e trabalhavam como as abelhas, na feitura da cera e do mel». E logo se lhe representa, como em visão palpavel, o lidar proficuo d'esses aureos entesinhos: «Fabricam umas cera — diz, ou antes pinta — outras mel. Sugam umas o nectar, transportam outras a agua requerida, recolhem e resguardam o mel feito. Sáem estas a forragear nos campos ao romper do dia, emquanto aquellas se refazem no descanso e esperam que as despertem para tambem saírem a lidar ao sol». Ellas, as santas mulheres, eram tambem douradas da ineffavel luz do amor divino, modestas e laboriosas. Quanto exacto e gracioso o simile.

Mas a seu espirito, que em tudo achava thema de lição, não podiam deixar de suggeril-a as gentis fabricadoras do mel grato á bôca amarga do homem.

No domingo decimo depois da Trindade achou ensejo para a lição e o simile. Não o desaproveitou e disse: «Recolhem as abelhas a cera das flores. Tomam-a nas patas dianteiras, passam-a depois ás medias, depois ainda ás coxas e patas derradeiras, e assim regressam carregadas á colmeia. E emquanto vae não se distrahe a abelha com a variedade e fragrancia do plantio, nem por esta esquece aquella flor. Tira de uma o que precisa e torna ao colmeal e lida, e se refaz ahi com o fructo de seu lidar. Tem seis pés tambem o penitente. Os de diante são o amor de Deus e do proximo; os do meio, a oração e a abstinencia; os de traz, a paciencia e a perseverança. Os passos dos Santos Padres são as flores de que extrahe a cera, a qual collige em seus seis pés e traz comsigo á colmeia da propria consciencia; ahi começa a lida e, com o que na lida apura, se refaz.

«Ó alma curiosa! — eis a exhortação com que remata — que em tanta cousa a um tempo te dissipas, não procures a formiga, mas a abelha, e d'ella aprende a sabedoria. Não requesta a abelha muitas flores de uma vez. Não cobices, pois, as flores de conceitos varios, não te afanes sempre por livros novos, nem passes d'esta áquella flor, como fazem os fastientos que almejam sempre por dizeres raros, por doutrinas novas, investigando, sem pausa, idéas e palavras sem alcançarem nunca sciencia verdadeira. Retira de um livro o que precisas e resguarda-o na colmeia da memoria.»

Ainda um exemplo, o ultimo. Desejo que o grande artista a si proprio se justifique. Ponho-lhe a causa em boas mãos. O trecho que vou citar do sermão setimo Das Virgens é sem duvida o mais bello, e assim devia ser. A sua alma, casta como os lirios, com elles se compraz, e facilmente esplende. Escreveu e disse, se não disse ainda melhor, o Poeta:

«*Como o lirio entre os espinhos, assim a minha amada entre as mulheres.* Diz isto o Esposo para que, se a Esposa se alegra de ser lirio, tema a vizinhança arriscada dos espinhos. Ha um lirio abaixo dos espinhos: a virgindade que succumbe. Um lirio entre os espinhos: a virgindade que é tentada. Um lirio acima dos espinhos: a virgindade triumphante. Pintam-se no primeiro lirio as virgens loucas, portadoras de lampadas luzentes por fóra, vasias por dentro do oleo da caridade. Como tardasse o Esposo, adormeceram; quando foram prover-se de oleo veiu o Esposo, que mandou fechar as portas e negar-lhes a entrada ao santo festim das bodas. Vê no segundo lirio as virgens ainda em lucta com as paixões que apertam. O terceiro lirio são as virgens prudentes, as quaes, cheias do oleo da caridade as lampadas, ouvindo a voz do Esposo se ergueram logo e entraram com elle ás bodas. Estão estas superiores a tentações e espinhos. O primeiro lirio é a filha de Herodiades, a famosa dançadora. O segundo é Santa Ignez, padecendo morte por se não submetter ao jugo nupcial. O terceiro é a Virgem Santa, Rainha das Virgens, que a graça elevou tanto acima dos espinhos, que lhes não sentiu jamais, nem só de longe, o estimulo.»

Era, ou não, um poeta e grande o grande mystico?

Notei muita vez para mim, com certa mágua, que nunca o Alighieri faz menção de Antonio em tanta occasião que teve de memorar seus meritos para o céu e para a terra. Tem d'estas injustiças a *Commedia*. Pois alguma cousa ha do grande portuguez no grande florentino, que eu, docil ao judicioso conselho de seu tumulo em verso sagrado por elle a outro poeta immenso, tanto honro[1]. Na sua voz tão sonorosa e grande que se

---

[1] «Onorate l'altissimo Poeta» (*Inferno*, cant. IV, v. 80) exclamam em côro Homero, Horacio, Ovidio e Lucano, vendo Virgilio que com o Dante se lhes avizinha. Virgilio ouve-os e diz para seu companheiro: «Fannomi onore e di ciò fanno benne».

ouvirá até que se apaguem na noite e no silencio os seculos que foram, vibram cordas da do grande Antonio. Justamente embellezado em seu canto, não as ouviu o poeta — elle havia sentir a voz do grande humilde! — mas vibram; ouço-as.

*

Sinto-me inclinado a distinguir terceira fonte, terceira e ultima, de poesia em Santo Antonio: infinito caudal de graça e luz: a maior, a mais louvada, a mais gentil das virgens, a Santissima.

Maria é para o poeta e orador que nos occupa, a Santa Mãe de Deus, a Cheia de Graça, a Virgem das Virgens, a Rainha das Rainhas, A que todas as prendas formoseam, A que todas as virtudes esmaltam á porfia[1]. Mas se n'isto ou em pouco mais se tem ficado, seria o grande artista um crente apenas, um devoto quando muito, como cada christão em todo tempo e em toda parte, da Mãe de Jesus.

Não succede, porém, assim, felizmente para nós que o lemos e para elle, cujo amor suave, tão suave, rendida e pungidamente expresso, o abeberou de encantos indiziveis.

Parecerá a principio estranho que na vasta collecção de esboços de orações do Santo não exista indicio de uma só sequer consagrada á Virgem em tudo unica. Não ousaria a palavra do grande humilde, apesar de tão segura e bella, tratar o thema doce. Pungíra-lhe o coração, se o tentasse, ficar, no applauso da Mãe Santa, abaixo do assumpto incomparavel. O silencio, não. Seria esse até, com tal origem, preito de amor submisso. Tanto mais que esse amor, vencendo a humildade do proposito, podia espargir, e poude, quasi em cada sermão de que ha registo, mãos cheias de

---

[1] Dominica v post Trinitatem.

flores das mais viçosas, que lhe ministrava a phantasia só comparavel na grandeza a seu coração sem termo.

Colligi e enramo algumas d'essas flores na esperança e no desejo que minha mão, colhendo-as, lhes não haja desmaiado a côr, ou dissipado o aroma.

Ás vezes a sua palavra, ao desflorar acaso o assumpto doce, tem o tom quente mas breve da jaculatoria, das figuradas invocações da ladainha. Maria é então a Estrella da manhã, a Cidade de refugio; é jubilo ao coração, mel á bôca, melodia ao ouvido. É arvore formosissima, cujos fructos são a pureza e a humildade. É monte, cuja cima luminosa se compõe de pureza angelica, e a base de caridade que abraça toda a humana grei, monte cheio em si da piedade que do coração lhe estilla sem cessar, e «em cujas espaldas podes apascentar-te de todo fructo de virtude, de toda flor da reverencia e da honestidade». É altar, isto é, alta ara[1]: «alta por sublimidade da contemplação e profundeza da humildade, ara porque ardendo no fogo do divino amor se offereceu a Deus em cheiro de suavidade[2]». É throno de marfim, pois é branca de innocencia, fria sem o ardor de algum desejo. É solio revestido do oiro da pobreza, pois a pobreza reveste a alma de virtudes de que a desvestem as riquezas[3]. É mar amargo, não porque lhe caiba o amargo gemido da penitencia, mas porque o Senhor a abeberou de amargura[4], e «no presagio da paixão do Filho bem lhe acertava o nome de amargura[5]».

Como palpita luz e amor, o mais sentido, o mais prostrado dos amores, n'estas breves phrases que nem

---

1 Mais um exemplo de etymologia engenhosa, mas phantastica.
2 Dominica XII post Trinitatem.
3 Dominica V post Trinitatem.
4 Dominica in Ramis Palmarum.
5 Dominica infra octavam Epiphaniae.

a solidão e o esquecimento injusto de sete seculos conseguiram extinguir, esfriar de todo!

Talvez este amor infindo, á lembrança das infindas angustias que foram, por mysterios insondaveis, o quinhão de Maria n'este mundo, se converte em piedade immensa. A voz aljofra-se-lhe de lagrimas, que a mão da Virgem agradecida ha de tornar um dia em margaritas, e o Poeta condoido exclama:

«Houve na Virgem Maria um parto duplo. Um na carne, outro no espirito. Foi o virginal da carne todo cheio de alegria, pois a Virgem deu á luz sem dor o jubilo dos anjos. Foi porém o segundo doloroso, impregnado de amargura. Nem admira. Pois se o Filho que por graça do Espirito Santo Virgem concebêra e Virgem dera á luz, o via a dolorida Mãe pregado n'um madeiro, pendente entre dois ladrões[1]!

Seu triste desamparo ao entregar ao mundo, que lhe havia ser tormento e morte, o Rei dos Reis, o Senhor dos Senhores, acorda-lhe n'alma este queixume, digno da mais triste elegia que haja chorado a dor humana: «A cerva, como dizem os naturaes, pare no trilho frequentado, sabendo que o lobo o evita por temor dos homens. Cerva do doce amor, a Virgem bemaventurada trouxe á vida em trilho frequentado, isto é, n'uma estalagem, o hinnulo gratissimo, o pequenino filho que de graça nos fôra concedido no aprazado instante[2]».

Talvez o amor em que arde, pascendo-se nas glorias de Maria, presta a seu coração de filho a alegria da admiração, á palavra alada o tom de Hosanna:

«Maria, segundo se collige de dois Evangelistas, Lucas e João, proferiu ao todo seis palavras. Primeira: Como póde ser assim? Segunda: Eis-aqui a escrava do Senhor. Terceira: Magnifica minha alma o Senhor.

---

[1] Dominica infra octavam Nativitatis Domini.

[2] Dominica III in quadragesima. Sermo II.

Quarta: Filho, porque assim fizeste? Quinta: Não têem que beber. Sexta: Fazei quanto vos disser. São ellas como seis degraus no throno de marfim de Salomão. Seis folhas no Libano. Seis braços no candelabro. Tens na primeira o proposito firme da inviolavel virgindade. Na segunda, a insignia da obediencia e da humildade. Na terceira, a exultação da graça recebida. Na quarta, maternal solicitude. Na quinta, sentida compaixão. Na sexta, a certeza no poder do filho[1].»

E em outra parte: «Bem aventurado o seio da Virgem gloriosa pois mereceu trazer em si por nove mezes todo o bem, o summo bem, a beatitude dos anjos, a reconciliação dos peccadores. Por isso o Filho fallando-lhe, disse (Cantic. 7): É teu seio como monte de trigo, vallado de lirios. O seio da Virgem gloriosa foi montão de trigo. Montão pois n'elle se congregaram todas as prerogativas dos merecimentos e dos premios. De trigo, pois n'elle, como em celleiro, se repoz o pão preciso para que todo o Egypto não morresse á mingua. Trigo por isso que se resguarda puro no celleiro ou porque em grão se pisa e moe. Alvo por dentro, rubro por fóra, como Jesus, que no celleiro do seio da Virgem esteve occulto nove mezes, e na mó da cruz foi triturado. Branco pela innocencia da vida, rubro pelo sangue diffundido[2]».

E logo, em ousada valentia de dicção e imagens:

«Mas é muito para admirar que diga: «Te hão de inebriar», pois nos uberes não ha vinho que inebrie, mas leite que jubila. Ouve porque o Esposo, seu Filho, louvando-a, diz (Cantic. 7): Quão formosa, e aprazivel, ó carissima em delicias! é a tua estatura como a palma, são cachos os teus seios. Quão formosa és na alma, quão gentil no corpo, minha esposa, cerva carissima

---

1 Dominica II post Epiphaniam.

2 Dominica III Quadragesima. Sermo II.

em delicias, isto é, nos premios da perpetua vida! Nota que a palma é em baixo aspera na casca, mas formosa na cima pelo aspecto e o fructo que, segundo Izidoro, lhe vem centuplicado. Assim a Santa Virgem foi n'este mundo aspera na casca da pobreza; mas no céu formosa e triumphante, porque é rainha dos anjos, e o fructo centuplicado que é dado ás virgens, a mesma Virgem das Virgens sobre todas as virgens mereceu lograr».

Pareceu-lhe a imagem da vide sobre todas singular para gentilissimo louvor da Mãe de Deus. De novo a usou. Quanto ella podesse exprimir em applauso de tão santa e enamorada cousa, quanto as prendas e graças de Maria, bom era que o exprimisse:

«Tem a vide gomos, flores e cachos. Tudo isto tem applicação á Virgem. Chama-se a vide d'este nome porque tem a força, *vis,* de mais depressa radicar ou porque mais e melhor se enleia e estreita. É ainda a Virgem Santa que entre todos mais depressa e fundo se radicou em o amor á verdadeira vide, isto é, a seu filho, ao qual inseparavelmente se enleou. Não tem o parto da Virgem Santa exemplo no fructo ou sexo das mulheres, mas tem similhança na natureza das cousas. Tres braços d'esta vide foram a saudação angelica, a descida do Espirito Santo e a insondavel concepção do Verbo. D'estes tres braços se propaga e multiplica todos os dias pela fé em todo o mundo a prole dos fieis. Os gomos na vide são a humildade e a virgindade de Maria. As flores, a fecundidade sem corrupção, o parto sem dor. Tres cachos, a pobreza, a paciencia e a abstinencia. Estas são as uvas maduras das quaes mana o vinho odorifero que inebria e inebriando torna santas as almas dos fieis[1]».

---

[1] Dominica III Quadragesima. Sermo II.

Mais e mais exemplos se citaram, expressivos de quanto o amor da Virgem Santa fez poeta o poeta e orador que admiro. Os citados sobram, creio.

No canto trigesimo primeiro do *Paraiso* adverte Dante de subito a seu lado, em vez de Beatriz que se foi ao distante logar que lhe convem na gloria, S. Bernardo, o qual por ella o acompanha e ampara de seu alto espirito, mas sem nunca desfitar os olhos de Maria, unico objecto de seu amor no céu, como na terra fôra outr'ora unico objecto d'elle. Eu só entendo no empyreo a Santo Antonio na rendida attitude do glorioso e santo velho, que esculpiu em seus tercetos de oiro o visionario immenso...

O ASCETA

Dois homens houve sobre a face da terra n'esse tempo,—duro tempo por signal, seculo de ferro e sangue quanto o nosso de papel e lodo,—dois homens que são a viva incarnação da ascese nas cogitações da alma, no ardor inexprimivel da palavra, na pureza e heroicidade do viver. Dois! Tem ás vezes Deus d'estas prodigalidades, que desnorteam—oh! os desdens do céu!—no orgulhoso lidar nosso juizo estreito. Dois! E ambos na Italia, n'essa Italia retalhada a ferro de batalhas, requeimada a fogo de odios, desangrada ao extremo, mas tripudiando em opulencia e vicios sem embargo d'esse ferro, d'esse fogo e sangue.

Era um d'elles certo moço da perugina Assis, berço de Propercio, hoje celebrada por nataes mais bellos, filho de um Pietro Bernardone, negociante opulento, bufarinheiro em grande, de fazendas. Chamaram-lhe antes João, depois Francisco, quasi por alcunha: seu pae, o bufarinheiro, era assaz propenso á França onde lucrava á larga[1]. Na desperdiçada mocidade, homem de vaeda-

---

[1] Escreve Michelet (*Hist. de France,* liv. IV, cap. VIII): «On appelait cet italien François, parce qu'en effet il ne parlait guère que français». Irreflexão do historiador brilhante—e leve. Quando lhe

des, muito gracejador, bufão e galante—assim o pinta ao menos seu seductor biographo, um mystico, historiographo e poeta, homem do céu e para o céu, mero passante na terra que, á maneira de seu biographado, desamava tanto—[1]. De cabeça roliça, testa breve, olhos negros sem malicia, supercilios direitos, nariz delgado, orelhas pequenas, dentes juntos, brancos e iguaes, labios delgados, barba rara, pescoço esguio, braços e pernas secas, dedos e unhas longas, pé curto, carne pouca ou nenhuma, não era de formosura rara; mas ocioso e gastador, dado a festas e banquetes, a vinho e danças, a luxo e galas. Immerge-se em prazeres faceis, este rei de festins de que desce de bastão em punho, coroado de flores, semi-ebrio, a cantar na rua. Tem porém ás vezes tedios subitos, pouco explicaveis; e foge então dos futeis que alimenta e que o celebram; perde-se todo em si, sonha, quer armas, anceia nome, gloria, poder, applauso, quanto alegre e doure a vida. Será um grande principe. E fulge-lhe o rosto em jubilo[2].

De subito o céu manda-lhe visões. «Não vês, Francisco, que minha casa cae em ruinas? Vae e repara-a»[3]. E elle transmuda-se. Quanto amava até ali, detesta agora; quanto detestava, procura e quer.

Odiára e temera mais que tudo a lepra, fugia-a; tapava os olhos e o nariz se se lhe defrontava acaso o monstro odioso. Quando lhe acudia,—acudia sempre—era de longe, por outrem, desviando os olhos, torcendo a cara, em tedio e nojo. Hoje busca os lepro-

---

foi imposto o nome, ainda *esse italiano* não fallava. As chronicas do tempo assignam varias rasões ao nome. A mais provavel é a razão que adopto. V. Bolland. Die IV Octobris, *S. Francisc. Commentarius Praevius,* §§ 72–75. V. *Legenda,* cap. I.

[1] Thomas de Cellano, *Acta SS. octobris,* pag. 687-706. Michelet, *l. c.*

[2] *Legenda,* cap. II.

[3] *Ibid.,* cap. V.

sos, sauda-os reverente, dá-lhes de perto esmola, beija-lhes a mão agradecida. Fôra um louco do mundo e para o mundo; será um louco do céu e para o céu. Lançára dinheiro ás mancheias pelas janellas, na alegria e crapula; lança-o agora, com igual profusão, com maior ruido, com desvanecimento santo, com ostentação divina, nos mealheiros tristemente vasios dos pobres e dos santos[1]. Para gosar a inteira liberdade de ser divinamente louco entrega tudo a seu pae, a propria roupa que vestia; tudo despe[2], o proprio pae até. Não dirá mais: «Meu pae, Pietro Bernardone». Não precisa d'elle; sobra-lhe o que tem no céu[3].

Mendiga a principio com farrapos emprestados[4], por ensaio; depois a valer, na miseria de seu trajo, com alegria. Ora, e seus olhos enchem-se de sangue[5]. Soluça, geme, queixa-se, ouvem-o, e á pergunta: se padece, responde: «Choro a paixão de meu Senhor pelo qual não devera ter pejo de ir em gemidos pelo mundo». Não bebe, não come, para que lhe não falte o appetite das lagrimas e da dor[6]. Lança cinza na comida e finge crer que *nossa irmã a cinza* purifica. Um dia á mesa ouve dizer que a Virgem achara muita vez a custo alimento para o filho amado e suspira e levanta-se e come no chão um pouco de pão secco. Canta como outr'ora nas ruas, mas agora os louvores do Senhor[7]. Quer restaurar a igreja de S. Damião e apregôa: «Quem der uma pedra terá um premio; quem duas, dois pre-

---

1 *Ibid.*, cap. III.

2 «... insuper etiam nec femoralia retinens totus coram omnibus denudatur. Thomas de Celano, *Vita prima, etc.*, cap. II, apud Bolland.

3 *Legenda*, cap. VI.

4 *Ibid.*, cap. III.

5 Depois, perdeu do muito chorar a vista. «Per il tropo piangere», dizem expressamente os *Fioretti* (cap. V).

6 *Legenda*, cap. V.

7 *Ibid.*, cap. VII.

mios; quem tres, tres premios». Creem-n'o louco, e mofam n'o, e apedrejam-n'o, puxam-lhe pelo habito, riem. D'elles choram enternecidos. Tão outro do que era! Certo sacerdote diz-lhe: «Queres viver como os pobres? vae de escudella em punho, e pede de porta em porta.» E foi. E elle, feito a regalos e prazeres, sente regalo e prazer em comer a repugnante mistura da escudella. Amaldiçoava-o, humilhado de tudo isto, o rico bufarinheiro, mais amigo da França que de Deus. E elle, em resposta a um pobre que para isso o acompanhava: Faze sobre mim o signal da cruz e abençoa-me[1].

Ainda lhe parecia pouca esta loucura por Deus, a elle que tão louco fôra, ou suppunha haver sido, pelo mundo. Ouve um dia á missa no Evangelho: «Não tenhas oiro, nem prata, nem sacco, nem sapatos; não tomes comtigo bordão, nem duas tunicas». Pergunta se ouviu bem e ao saber que sim, tira os sapatos, despe a tunica, desataca a correia dos eremitas, e descalso cinge com uma corda um pobre habito[2]. «É isto que quero, exclama, é isto que procuro»[3]. Outra vez com Bernardo Quintavalle e outro companheiro amado, um Pedro que tambem anhelava á perfeição, exora a Deus que indique o mais prompto caminho para Elle. Abre o Evangelho no altar, ante o qual os tres se ajoelham, e lê: «Se queres ser perfeito, vae, vende tudo que possues, dá-o aos pobres e terás um thesouro no céu». Quer em honra da Trindade consultar duas vezes mais o livro santo. Á segunda lê: «Não leves comtigo viatico». E á terceira: «Quem quizer vir apoz mim renuncie a si mesmo». Eis, exclama para os dois, nossa vida e regra[4].

---

[1] *Ibid.*, cap. VIII.
[2] *Ibid.*, cap. VIII.
[3] Thom. de Celano, *Vita prima, etc.*, cap. III, apud Bolland.
[4] *Legenda,* cap. VIII.

E então sua loucura segundo o mundo toma desvairadas proporções. Vae o santo louco ao Egypto. Quer convertido o sultão. Não entregará a Escriptura Santa ás disputações de quem não crê. Mas façam uma fogueira e entrará n'ella[1]. Saírá d'ella tão incolume quanto saíra da refrega a fé. Hoje convidado a jantar pelo cardeal Ugolino, bispo de Ostia, limita-se a comer á mesa o pão que pediu pelo caminho[2]. Um dia, porque o Beato Pedro Cathaneo[3] fazia finado já milagres que chamavam multidões a Santa Maria dos Anjos, com turbação da paz dos frades, colloca-se sobre seu tumulo, e: Intimo-te, lhe diz, pela santa obdiencia que não faças mais milagres[4]. A certo frade que responde com dureza a mendigo impertinente, manda-lhe que se prostre desnúdo a seus pés, se declare culpado, peça perdão e orações[5]. A provar dois postulantes, põe-se na horta a plantar couves, enterrando-lhes a rama[6]. A um frade desobediente manda despojar das vestes, lançar n'uma cova e cobrir de terra. Quando só tinha a cabeça por enterrar, pergunta: Estás morto, irmão, estás morto? — E o réu, penitente da desobediencia: Estou, padre, estou morto. — Surge então se estás morto e a teu prelado, como deves, obedece[7].

---

1 *Apoph.*, LIII.

2 *Colloq.*, cap. VI. A esmola era-lhe pão dos anjos, «panis angelorum». Colloq. XXXVIII.

3 É a este mesmo Pedro que S. Francisco, ao renunciar o generalado, humildemente pediu que o substituisse, e que, como pae e senhor, lhe indicasse irmão a quem obedecesse em tudo, como a seu representante. Obteve deferimento a sua supplica. E nunca depois, na rua, em casa, na igreja, fez qualquer cousa sem licença d'elle. *Colloq.*, XXII.

4 *Apoph.*, cap. XLV.

5 *Colloq.*, cap. XV.

6 *Colloq.*, cap. XXVI.

7 *Colloq.*, cap. XL. — A famosa phrase sobre a obediencia attribuida a Santo Ignacio está em parecidos termos em S. Francisco. V. Exemplum I.

Não era só grande, suspeitavam-n'a tambem communicativa, terrivelmente communicativa, esta loucura santa. Fugiam d'elle muitas vezes as mulheres com medo que seu exemplo as arrastasse á que reputavam insensatez e não tinham por divina. O rapazio atirava-lhe lama, puxava-lhe em riso o habito, agarrava-se-lhe ao capuz[1] por mofa. Quem é este homem? perguntava o povo meio espantado, meio commovido, e o que nos quer?

O que vos quer? Quer-vos para aquelle Deus que elle ama do coração, da alma inteira e absorta, sobre todas as pessoas, sobre todas as cousas concebiveis; para aquelle Deus a cujo nome sua alma se fundia, convidando o céu e a terra a inclinar-se-lhe submissa; para aquelle Deus que lhe enviava á Alvernia um seraphim de seis azas, e crucifixo erguido entre ellas, com os pedidos estygmas da Paixão; para aquelle Deus, a Quem supplicava: «Absorva, Senhor, a minha mente, apartando-a de quanto existe sob o céu, a fogosa e meliflua força de teu amor, para que eu morra por amor do amor de ti, que te dignaste morrer por amor do amor de mim[2]».

E esse santo e infinito affecto que o tornava desprezivel á louca sabedoria dos homens, fazia-o quasi igual aos anjos[3], respeitado, amado das creaturas todas, que sentiam n'elle o que quer que é de Deus, do Creador Infindo e Bom. Queriam-lhe as ovelhas cujos balidos imitava ao pronunciar o nome augusto do Menino de Belem[4]. Amavam-o as pombas, que sua carinhosa inter-

---

[1] *Legenda*, cap. x.—«Onde estiver o vituperio e o vilipendio está nosso lucro.» *S. Francisco,* Apoph. LI.

[2] *Oratio ad impetrandum divinum amorem.*

[3] *Fioretti,* cap. III e cap. XXIX.

[4] «Ao pronunciar taes nomes lambia gostosamente os labios o santo de Deus, como se elles lh'os ungissem em mel puro. Queria ternamente a todas as creaturas; chamava irmãos o sol, a lua, os animaes, os proprios vermes, pois de si dissera o Salvador: «Eu sou verme e não homem». Thom. de Celano, *Vita prima, etc.,* cap x.

ferencia salvava da venda e morte, e com elle conviviam, e só d'elle se partiam quando, abençoando-as, lhes dizia que partissem[1]. Amavam-o as andorinhas, ás quaes em Carmano impunha silencio para poder fallar de Deus á multidão attenta e que lhe obedeciam[2], e as demais avesinhas que se abeiravam d'elle e o ouviam e lhe roçavam carinhosamente o roto habito com as pontinhas das azas abertas e frementes. E até os proprios animaes ferozes, como o lobo de Gubio[3], que seu olhar cheio de doçura e bem domesticava de prompto e para sempre, se agradavam e amansavam n'elle.

Tal era aquelle sol de que falla S. Thomás ao Dante no canto decimo primeiro do *Paraiso*, pelo qual Assis devia appellidar se Oriente e não Assis.

O outro, o segundo dos dois grandes, tambem sol, é Santo Antonio, cuja humildade o subtrahíra eternamente a nosso pasmo, se o mesmo Deus se não faz o pregoeiro de seus meritos nos prodigios com que lhe contradisse os propositos humildes.

Filho, companheiro e co-igual d'aquelle, é só na apparencia menos louco. A sombra a que se acolhe vela-lhe piedosa a insensatez. Mas o mesmo intenso affecto por Christo e pela cruz produz n'elle a mesma sem-rasão sublime.

Nascêra em Lisboa, no occidente extremo, ao cabo do mundo, promettedoramente, á beira e sombra de uma igreja, a primeira igreja na futura capital do recemnado reino. Exerceu n'elle o sanctuario acção potente.

Deixa tudo, ainda moço, e recolhe-se ao silencio e paz de um claustro. Era n'esse tempo no pequeno Estado cada qual heroe. Quando não combatia nos campos de batalha os inimigos da cruz e da patria — tão unidas

---

[1] *Fioretti*, cap. XXI.
[2] *Ibid.*, cap. XV.
[3] *Ibid.*, càp. XX.

andavam sempre estas palavras que pareciam designar a mesma cousa — combatia nos claustros os inimigos da mesma cruz e da alma.

Era de agostinhos o convento; fez-se agostinho o heroe. Ahi nas horas feriadas de deveres graves, de orações e meditações, embrenhava-se nas sombras e asperezas da philosophia, na leitura dos poetas, nos mysterios da Escriptura Santa. Lidava com a solicitude e mudez da abelha, da fulva e fecunda abelha que lhe ministrou depois tanta comparação feliz. Ninguem tinha de seu saber nem noção vaga. Os favos trasbordavam nos alveolos de mel fulvo; mas escondiam-se, amantes de silencio e sombra, no recato da colmeia.

A esse claustro regio não era todavia o mundo cabalmente alheio. Traziam-lhe enfadonhas recordações de suas pompas os amigos e conhecidos que lhe haviam permittido o claustro, mas não a ausencia ou o total esquecimento. Fuge, diz S. Francisco aos que entedia o mundo. Segue-lhe o conselho o novo conego. Retira-se a Coimbra, asylo bom de estudo e paz. Ahi, em Santa Cruz, segue na lida, celestial abelha, e na colmeia de sua alma faz o mel com que adoçará depois tanta magua de outras.

Entra um dia a seu gentil retiro commovente nova. Cinco frades de nova ordem, ordem de penitencia, pobreza e humildade, — a humildade era desde sempre a alma d'essa alma que só quer o céu — haviam sido martyrisados em Marrocos. Seus ossos trazidos por infante portuguez[1], restituido ao reino, ahi lhes estavam attes-

---

[1] Dominus Petrus Infans. *Vita et miracula, etc.*, cap. IV. — É este infante o irrequieto filho de Sancho I que foi conde de Urgel, rei de Malhorca, e depois de novo simples infante portuguez, quando em 1244 pensou ser governador de Portugal nas contendas de que se originou a deposição de D. Sancho II. Seu espirito aventureiro levou-o a combater em Marrocos entre os campeões do crescente, a elle infante e portuguez. «Estylo que se usava n'aquelle tempo

tando o sacrificio e a gloria. Atea-se no juvenil coração ancia de lucta, de martyrio e morte. Começavam os portuguezes a ver na Africa a terra onde tinham de destruir vidas pela espada ou de salvar almas pela cruz. Lançára de si o moço religioso a espada; tinha porém a cruz e a palavra que tambem é espada, que assacalava no cilicio e estudo. Empregar a palavra, e o saber em Africa, onde d'elles não ficasse vestigio senão em seu sangue e morte, que invejavel sonho!

Entra na nova ordem, em pequeno oratorio sagrado ao grande eremita, ao grande asceta, ao iniciador glorioso de Phaium e Aphrodite, o qual lhe empresta o nome que vae usar, e tanto honrar desde hoje. A Africa. Estorva-lhe n'ella a febre a palavra e a acção. Começa Deus a transtornar-lhe os propositos humildes. O moço heroe de compleição fina, talhe delgado, mãos feminis e brancas[1], regressa definhado á patria. Esconderá a mágua que o roe em soledade e sombra. Mas a tormenta leva-o á Italia que tinha de illustrar. Tenta occultar-se, e todavia o sol de sua eloquencia irrompe em Forlia subitas e banha em luz sem quebra os poucos, mas cheios annos de uma vida de lucta, pregações, milagres.

Falla, e as multidões escutam-no embevecidas. Acham-lhe a palavra tão do céu quanto os milagres. Uma e outros saram, illuminam e podem-se tanto que se não sabe ás vezes onde ha mais prodigio. Exhorta um dia ao respeito e reprehende asperrimo o villão que ousára bater na propria mãe com o pé irreverente. Toma o reprehendido um machado e, na angustia de seu baixo crime, corta cerce o pé que o perpetrára. Á dor da mãe,

---

antigo, e no presente não seria louvavel» diz Fr. Antonio Brandão, com claro acerto *(Mon. Lusit.*, liv. xv, cap. ix), d'este infante, incorrigivel e incançavel batalhador.

[1] Na morte «as suas mãos sobrepujavam a sua antiga formosura.» *Vita et miracula*, parte 2.ª, cap. i. Trad. de Fr. Fortunato de S. Boaventura.

dor maior que a do proprio criminoso em sangue, acode o prégador potente, e com o roçar da mão bemdita lhe repõe e sara o pé. Brada um dia á multidão que freme ouvindo-o, que o avaro cujo corpo ali torreja em pompa posthuma e cujo louvor mentido lhe fôra solicitado, não trazia em si coração, pois o d'elle, como de todo avaro, não está na arca viva do peito, mas na morta arca do dinheiro. Ide e vede, brada. Vão e veem com effeito na bolsa do avarento extincto seu coração sangrando e palpitante[1].

Préga, e os sabios, os pensadores, os philosophos, os herejes, ouvem-o, persuadem-se, convertem-se.

Préga, e os peixes de Rimini, não menos doceis e promptos que as andorinhas de Carmano, escutam-o e applaudem-o dispostos em ordem, com respeito grande[2].

Antonio, observa radiante um seu biographo, quer dizer altitonio, *altitonans*. Cumpria que uma derivação phantastica additasse a gloria do orador insigne. Era tuba vehemente, diz, fundando a imagem na derivação fingida, — tuba vehemens — a trovejar a palavra de Deus[3]. Mas antes de ser uma tão grande e sonorosa cousa é tido por sem prestimo com grande alegria de sua sentida humildade[4]. Um provincial da Romanha, Fr. Graciano, — pobre Fr. Graciano tão provincial então e tão esquecido hoje, ou só lembrado em razão d'esse noviço de tão pouca utilidade —, leva-o para o instruir a seu pedido «nos rudimentos da doutrina espi-

---

1 S. Boaventura, sermão I, de Santo Antonio Paduano.

2 *Fioretti*, cap. XXXIX. — Um francez, M. Emile Eude, em estudo recentemente publicado na *Revue Britanique* ácerca de *Les Poètes Mystiques du Portugal*, onde a par de inevitaveis erros ha indiscutivel saber e juizos certos, traduz um romance sobre o *Milagre dos Peixes*, cuja ingenuidade nativa lhe recorda a do grande Lafontaine.

3 *Vita et miracula, etc.*, cap. IV.

4 «... homo novitius ac parvae, ut arbitrabatur, utilitatis». *Vita et miracula, etc.*, cap. V.

-itual» que elle, o homem para pouco, tanto conhecia por esforço proprio e inspiração divina. «Captiva toda a sciencia e talento em obsequio de Nosso Senhor. Só quer saber, anhelar e abraçar o mesmo Senhor e este crucificado». Esconde-se no ermo de Monte Paulo[1]. Basta-lhe cella aberta em lapa escura. Ahi passa o tempo, o tempo livre do capitulo, do officio, das outras obrigações cenobiticas, com um bocadinho de pão e um jarro de agua, em retiro aspero. Ahi prolonga, ahi multiplica vigilias e macerações. Attenua o corpo, então delicado — que a corpulencia, a pesada e queixosa corpulencia, veiu depois. Definha-o. Nas pernas que tremem ameaçando queda, vacilla a cada passo. Muita vez, só arrimado a seus irmãos, póde voltar, com custo grande, á mudez da lapa.

Mas este mancebo, pela penitencia absolutamente debil, pela humildade apparentemente idiota[2], traz cousas dos anjos para dizer aos homens. Não basta que o salve sua, aliás escusada, penitencia, importa que salve os outros seu dizer illuminado. Préga de uma vez em Padua quarenta dias successivos. E apesar das continuas molestias em que influia sua já então pesada corpulencia, ensina, confessa, sem ter para isso de quebrar um jejum que espanta. Um dia, o demonio de que triumpha, a morte que seu lidar e padecer continuo apressam, aperta-lhe em visão terrivel a garganta, e é a propria Virgem que lhe acode, perfumando e embebendo-lhe em luz do céu a cella lobrega[3].

Affluem os povos de distantes sitios, em tropel, alta noite, e aguardam, sem fadiga, a hora de ouvil-o e vel-o. Ouvem e correm a despir-se de seus atavios, e

---

[1] «In cacumine Montis Pauli in Æmilia secessit, ubi divinis contemplationibus, jejuniis et vigiliis diu vacavit», etc. De seu officio na *Liturgia Franciscana*, lição IV.

[2] *Vida et miracula, etc.*, cap. IX.

[3] *Ibid.*, cap. XI.

tomam o habito. Cortam-lhe as mulheres e as creanças pedacinhos da remendada tunica. Feliz quem toca a orla de seu vestido. E elle, atterrado do bulicio que produz, da gloria que lhe vem d'ahi, foge. Cercam-no valentes e decididos moços, não para o guardarem de odios, mas para o protegerem do amor e enthusiasmo que provoca.

Desfaz onzenas, restitue roubos, compõe inimizades. As pessoas que leva á penitencia, são tantas que os frades e clerigos não bastam. Visões de Deus advertem peccadores: procurem o prégador do céu. Conspira o Senhor assim com os homens para a gloria do homem que só na humildade, na mudez, na sombra, acha prazer e gloria.

Aperta-o emfim a saudade da morte, a ancia da outra vida, a nostalgia do céu. Para mais d'elle se avizinhar, d'esse céu a que aspira e que havia conquistado, arma a cella nos torcidos troncos de nogueira docil. D'ella desce porém em breve, a custo: tocara-o o frio sem igual da morte. E expira pobre, humilde, no pó, como o pó. É-lhe a morte um triumpho entre os anjos, entre os homens, um triumpho. Disputam-lhe o corpo extincto ameaças de lucta e armas. Pede Padua a sua canonisação, pede-a o proprio céu. Tem Gregorio IX, tem o sacro collegio levemente avesso á pressa que se implora, visões instantes. E a serie de prodigios começada em vida, prosegue na morte, no correr dos seculos. Não será o menor que esse orador sublime que viveu e morreu longe da patria, onde de sua vida de lucta e penitencia pouco — podia escrever nada — logra recordal-o, vive de perenne e affectuosa vida nas duas mais bellas cousas que póde ter e tem um povo: a phantasia e o coração.

*

Exprimem assim estes dois homens as duas mais altas virtudes que á mesquinhez humana é dado realisar na terra, e em que se resume toda a mystica, toda a ascese[1].

Praticamente não quer mais a ascese que a elevação da alma a Deus, a sua absorpção tão perfeita e cabal quanto possa entendel-a a frouxa mente do homem sem a cessação da humana na divina natureza, absorpção que, segundo as palavras de Piccarda de' Donati[2] se perfaz pela absoluta conformidade da humana com a divina vontade:

Perch' una fansi nostre voglie stesse.

Para a realidade d'essa elevação é forçoso na alma o desapego de quanto é terra e homem. Por outras palavras: o espirito, a intelligencia, a vontade antes de affirmar a sua união estricta com Deus tem de negar a sua estricta união com o mundo e comsigo. É o primeiro e indispensavel passo á perfeição em cujas azas a alma ascende a Deus pela penitencia, pela oração, pelo jejum, pela meditação, por quantos actos constituem a ascese pratica.

Para este vôo da alma — para todo se requerem duas azas quando menos — para este vôo são precisas tambem duas que se denominam a pobreza e a humildade. Chama-lhes o Santo irmão e irmã, esposo e esposa, e bem chama. Por unidas e inseparaveis.

Ambos em ambas são insignes. Mas cada um se

---

[1] *Ascesis* indica em geral toda pratica, todo exercicio e esforço, para fim prefixo, e significa em particular os laboriosos exercicios e difficeis praticas pelas quaes o luctador se preparava para o combate e para a victoria. Os ascetas eram christãmente denominados *agonistikoi,* combatentes. V. S. Paulo, I ad Cor., IX, 24-27.

[2] Dante, *Paradiso,* III.

sobreleva e excede n'uma. Amava S. Francisco ternamente a humildade, é certo. Desata-se para ella em gentis phrases seu gentil coração. Feliz, exclama, quem é posto em grandeza contra seu querer e deseja estar sempre sob os pés dos outros[1]. A quem lhe supplicava, um dia, mitigação na aspereza da ordem que creára, respondeu: Irmãos meus, irmãs meus, o senhor chamou-me pela humildade e simpleza[2]. Uma vez, asseverou: Hei de vencer o mundo pela abjecção e humildade. Não cumpria em seu conceito frequentar os grandes, mas «humildemente viver entre os humildes em logar humilde[3]». Affirmava outra vez a Fr. Maffeo que o preferíra Deus «por ser o maior peccador, o mais insipiente e vil dos homens». Attesta, não raro como seu vigario — assim se comprazia em chamar a Santo Antonio[4] — a inseparavel união das duas virtudes summas, recommendando a seus filhos em Jesus que sigam a humildade e a pobreza, e que sirvam a Deus em ambas. Não podia em seu conceito dizer mais em louvor da alheia esposa do que pôl-a a par da propria. Ás duas, com effeito, e só ás duas virtudes, chama regias.

Mas a sua virtude, direi caracteristica, a que o engrandeceu na vida e immortalisou na morte, na admiração, no amor de todos, é sem duvida a pobreza, a doce pobreza, a senhora pobreza, como elle reverente, como elle rendida, como elle carinhosamente a denomina. Era a companheira santa e amiga predilecta, a esposa estremecida de sua alma, alma da profundeza do mar, que se não sonda, da immaculada suavidade da saphira, que nos cobre e se não escruta. *Francesco e povertà,* diz o Dante em sua inegualavel concisão que os *Fioretti,* o poema ineffavel, conseguiram igualar: *Fran-*

---

1 *Verba sacra admonitionis, etc.*, cap. VII.
2 *Colloq.*, V.
3 *Colloq.*, XXIV.
4 *Fioretti,* cap. XXXVIII.

cesco poverello[1]. A ella todas as prostradas, adorações de seu amoroso espirito, a ella todas as desabrochadas flores de sua phantasia extatica, a ella todas as ineffaveis doçuras de sua palavra extrahida dos mais suaves nectarios, a ella o mais vivo de seu sangue, o mais sentido e sensivel de sua alma.

Assim cantam alguns requebros do rouxinol divino: A pobreza é a suave rainha das virtudes, Santa e Senhora. Thesouro preclaro, do qual com humilde affecto se não julga digno. Formosissima virgem, esposa regia. Beatifica essencia que somos indignos de trazer nos vilissimos vasos de nosso ser. É ella que nos prende ao Senhor, que nos sobe da terra onde vivemos a tratar com os anjos. Ella que se une a Christo na cruz, que se esconde com Christo no tumulo, que resurge com Christo do sepulchro, e acompanha Christo até o céu. Ella que, ás almas que a desejam, concede o dom da agilidade para voarem acima do proprio céu[2]. Ella, a raiz da obediencia, a mãe da renunciação, a morte da propria complacencia, a extirpadora da vaedade e da cobiça[3]. Quel-a quasi superior á Virgem Santa, á propria Mãe de Deus, que só esteve aos pés da cruz, emquanto ella subiu a abraçar-se com Jesus na morte. E rompe em tal dizer em oração, que é de certo das mais bellas que pode elevar a terra[4]: Ó Senhor Jesus, mostra-me os caminhos de tua dilectissima pobreza... A pobreza que tudo calca é a rainha de tudo... Eu me abrazo em seu amor, nem posso descançar sem ella»[5].

---

[1] *Fioretti,* cap. I.

[2] *Oraculum,* IV.

[3] *Oraculum,* XXIV.

[4] Vide nota VII.

[5] Crendo-o um dia á morte «de grave e molesta dôr de estomago», supplicaram-lhe os frades, consternados, que os abençoasse. Eis sua principal recommendação, abençoando-os: «Amem e pratiquem sempre a minha senhora pobreza». Benedictio V.

Ha assim em seu affecto intenso toda a cegueira, toda a allucinação do verdadeiro amor.

Tambem Antonio é doce e meigo á esposa de seu padre e mestre. O espirito invencivel d'essa dura amante tambem o avassalla e doma. E vemol-o, como seu grande patriarcha, embora com menor ostentação divina, e sem os gloriosos apupos do rapazio que o apedreja e insulta[1], mas não sem o applauso dos anjos, que só a terrivel cupula de culpas que nos cobre não deixa ouvir na terra, dar costas ás riquezas, ás honras e á gloria a que podia aspirar no pequeno Portugal, que já a esse tempo começava a ser grande por virtudes e ai! tambem por vicios, enclausurar-se n'um mosteiro, trocar depois a correia, o habito e murça de Santo Agostinho em cuja pobreza luz ainda o que quer que é do mundo, pelo cordão de S. Francisco, o grosseiro burel de S. Francisco, os desprezos de S. Francisco, os pés descalços de S. Francisco, em que só explende o céu. Vemol-o abrir os labios ungidos do Eterno Bem, em louvor da graciosa dama: Não ha verdadeira liberdade senão na pobreza voluntaria; alenta, esforça a alma a pobreza alegre e procurada; a pobreza traz Jesus aos hombros[2], — expressões nada inferiores em calor e luz ás que a doce amante inspira ao sagrado pobrezinho, ao mendigo-rei de Assis.

Mas sua virtude predilecta, a esposa que elegeu para si, para absoluto enlevo de sua alma e a que foi tão inteiramente fiel, que a não deixou na morte ou pela morte, a formidanda e nunca vencida amante, que o requestava para o céu, foi a humildade[3]. É a ella que

---

[1] «... era scacciato con pietre e con fango». *Fioretti,* cap. I.

[2] Dominica infra Octavam Nativitatis.

[3] «Praeter ceteras virtutes humilitatem tam impense coluit ut», etc., de seu officio na *Liturgia Franciscana,* lição IV. «Quia Beatus Antonius humilis fuit in conversando, humilis in suam scientiam abscondendo», etc. S. Boaventura no primeiro sermão de Santo Antonio.

consagra o enamorado mystico os mais ternos arrulhos de sua alma.

«Ó humildade, exclama, ó estrella do mar sobre todas radiante, que illuminas a mente e encaminhas ao porto. Quem te não tem, hesita e titubeia; facilmente naufraga e se afunda no mar do mundo. Ó estrella do mar, ó humildade do coração, que convertes o mar amargo e horrido em lago jucundo e placido. Ó que doce amargura, que leve tribulação que os eleitos supportam por amor de Christo». Depois, como recordando-se da esposa dilecta de seu grande pae, e unindo-lhes as imagens no mesmo affecto: «Eis o irmão e a irmã, José e Maria, o esposo e a esposa, a pobreza e a humildade. Quem tem esposa é esposo. Bemaventurado o pobre que toma por esposa a humildade». Mas, para que não haja duvida de que á pobreza sobrepõe em amoroso conceito a humildade suavissima, nota que se a pobreza eleva Jesus nos hombros, a humildade mais fervorosa, nos braços e ao colo o transporta ao céu[1].

A seducções taes não se resiste: cedeu a embevecida amante. E a sua união na terra foi cabal e ininterrupta.

Quiz Deus assim que as duas mais sublimes virtudes, que podem elevar a Elle uma alma, achassem sua expressão perfeita em dois dos maiores santos de que se honra a Igreja, em dois dos maiores homens de que se ufana o mundo.

Ambos em summa grandes, ambos grandissimos. E é o espectaculo de ambos, intimamente unidos entre si por meio das virtudes, que tão vivamente exprimem, por meio das esposas que tão ternamente amaram, que eu apresento ao respeito e lição de todos n'estas

---

[1] «Paupertas ergo in humeris portat (Jesum), humilitas vero ad pectus et in brachiis». Dom. infra Octavam Nativitatis.—V. Feria III in Passione. Feria III Hebdomadae secundae in Qadragesima.—V. nota VIII. Rasões da humildade. Brutal mas bello.

paginas cheias na apparencia apenas do «maravilhoso servo do Espirito Santo[1]», Antonio de Lisboa. É que não haveria no mundo tão grande santo como este, se no mundo não tivesse havido santo tão grande como aquelle. É regenerador, é fortificante da alma este espectaculo digno até de Deus — ecce spectaculum Deo dignum — contra as suggestões de preconceito nascido de commum leveza de juizo, roborado do orgulho teimoso em não pensar. Ninguem mais que o voluntariamente pobre é genuinamente rico. D'elle não ha suspeitar, como do opulento, que seja, na admiravel expressão de Santo Antonio, não possuidor mas possuido da riqueza[2]. Não é escravo do mal quem o subjuga. E quem mais nobremente altivo — fallo segundo a sabedoria do mundo — do que o humilde, segundo a cruz e o céu, que desdenha tanto o que ha no homem de terreno e humano que ainda em si proprio o desdenha? E por ultimo: quem mais livre do que aquelle que ninguem e nada prende que não seja Deus? Aos magistrados de Assis empenhados a pedido de seu pae em salval-o da vida da carne e mundo de que tão duramente se apartava, respondia S. Francisco: «Sou livre pela graça do Senhor: só dependo de Deus omnipotente». Como um rei[3].

Que espectaculo pois mais nobre, mais bello do que o do humilde dos humildes, o do pobre tão rico que ninguem e nada logra empobrecel-o, que o do pobre dos pobres, o do humilde tão altivo que a ninguem e nada é licito humilhal-o?

Não entendo que possa resolver-se na ingenita fraqueza do juizo humano, na pequenez do coração que

---

[1] *Fioretti, etc.*, cap. XXXVIII.

[2] «Non possessor est sed possessus». Dom. II post Trinitatem.

[3] *Legenda, etc.*, cap. VI. — Santo Antonio só parece admittir servidão para com Deus. Para elle o servo é filho, e não servo, do homem. V. nota IX.

tudo agita e turba, qual d'estes dous grandes é maior. Nas ouriçadas serranias, os pincaros que entestam no azul e se perdem na bruma eterna das alturas, não podem ser medidos pelo fraco e incerto olhar dos homens: não os descortina bem de baixo e longe. E se alguem ousa elevar-se n'ellas para os ver e medir de perto, na turbação que traz a delgada rareza do ar altissimo, tem de desistir vencido.

Sei apenas que é da propria natureza da virtude grande em que foi grande Antonio, esconder-se e esconder em ciume angustioso seus cultores. Tenta a vista scrutar, e cede e cega antes de apurar cousa de valia. E creio saber tambem, e ingenuamente o digo, que das duas virtudes que immortalisaram na terra e, o que é mais e melhor, no céu, os dois gentis trovadores, os dois rutilantes seraphins, o de Assis e o de Padua, ou mais exacto e justo, de Lisboa, a humildade é a maior, a mais ardua e, conseguintemente, a mais meritoria, á luz fallivel e fallaz da terra. Negar e abnegar do mundo, que é riqueza e pompa, gala e prazer que absorve e por fim abysma, é muito; mas negar e abnegar de si, do humano orgulho, da soberba humana que é tanto mais estranhamente dominadora quanto é mais breve e exiguo o homem, lodo, pó, miseria, nada, — é tudo.

Grande, cruel inimigo é por certo o mundo, a riqueza, mãe dos prazeres que enervam e apodrecem a alma; não está em todo caso em nós; mas «o cruel orgulho que concebeu o intento de subir mais alto do que as nuvens e sobrepôr seu throno aos astros do céu», que temos de vencer para nos vencer, esse está em nós, é nós mesmos. E não ha mais terrivel inimigo que nós mesmos quando nos somos inimigo. Póde o homem vencer o mundo sem se vencer a si; não ha vencer-se a si sem ter vencido o mundo.

De quanto fica dito se conclue que temos em Santo Antonio um pensador insigne, a cujo espirito fundo e

culto não foi estranho quanto scrutou, sentiu e viu a Escola de seu tempo; um orador grandissimo, quer quando moralista forçava o seu seculo a ouvil-o e a corrigir-se pelos dictames de palavra que das profundezas fulgidas do céu lhe descia á alma e aos labios, quer quando, sabedor na sciencia de Deus e na dos homens, excogitava rasões para melhorar os debeis ou decaídos, quer quando poeta impregnava de luz, de perfume e graça as lições mais duras da moral; um asceta incomparavel, ou só comparavel ao louco seraphim de Assis, o que equivale a ser incomparavel. E não se devia celebrar-lhe o centenario![1]

Tinhamos em nós tres rasões subidas para o applaudir em reverencia e pasmo; n'elle tres excellencias, cada uma das quaes bastára de per si a tornal-o uma das mais nobres glorias, talvez a mais pura e immaculada de quantas nos deu Deus e nos confirma cabalmente a historia. E não se devia celebrar-lhe o centenario!

São maus, disse-o, não o contestará quem quer que seja, são maus os nossos dias. Eram maus os que presencearam as santas acções de Antonio, os que lhe ouviram a palavra augusta. Mordem e roem tristemente nosso tempo os mesmos males que corroeram tristemente o seu. Tornam ou persistem com frequencia na decrepidez os erros e vicios dos annos juvenis. As causas que os produziram e produzem são diversas: dias de ferro e sangue não são dias de papel e lodo; mas ha a mesma soberba nas almas, o mesmo egoismo e avareza nos corações, a mesma impudicicia nos costumes. Na propria natureza inanimada causas oppostas

---

[1] «Francisci patris aemulus». *Liturgia Franciscana,* do XIII seculo. — Na visão que um noviço teve quando se dispunha a desamparar a ordem em que espontaneamente entrára, duas figuras fulguravam com mais vivo brilho entre renques de anjos entoando hymnos: S. Francisco e Santo Antonio. *Fioretti,* cap. XX.

geram muita vez iguaes effeitos: escalda e requeima a um tempo o calor intenso e o intenso frio.

Purificou Santo Antonio os dias em que viveu com os effluvios de sua alma, que Deus se dignára repassar de Si, encher de amor e graça, com as magias de sua palavra, com as suavissimas violencias de seus actos. Póde sua memoria sinceramente acatada, póde seu exemplo seguido sinceramente quanto couber em nossa pequenez, depurar costumes, corrigir corações, illuminar consciencias. E não se devia celebrar-lhe o centenario!

Porque é preciso que se diga e que se rediga, que se affirme e se reaffirme na consciencia absoluta do bom conceito que se exprime, da acção meritoria que se faz: uma cousa principalmente commemoram nossas festas, acclamo nosso applauso: a virtude sem par de um grande portuguez. Não é tanto ao poderoso mystico, ao illuminado prégador-poeta, quanto ao Grande Humilde, quanto ao intemerato asceta, feito de fé e amor, que applaudimos da alma e coração.

Tem com frequencia o genio seus dias de celebridade e applauso: tenha-os uma vez ao menos a virtude augusta. O genio não é todo luz boa. Tem ás vezes reflexos que são sangue esparso, tem ás vezes brilhos que são lagrimas. A virtude é toda luz santa; tem sempre céu em seus reflexos.

Na vida, na acção, na palavra, na alma,—em nada de nosso augusto celebrado ha sangue ou lagrimas. Ou se ha lagrimas, são as que derramou por suas suppostas culpas e pelas culpas reaes dos homens; se ha sangue, é o que verteu sua carne rasgada pelos cilicios da mais crua penitencia. Quanto mais vale entre tantos applaudidos centenarios este centenario, onde não ha negras manchas que esconder para a gratidão, ou Deus sabe o que, acclamar sem pejo serviços ou esplendor de genio. Genio! Que vale sua luz intermittente e frouxa ao pé da sempiterna luz, da aurora perennal do Bem? Voam mais alto os anjos do que as aguias, disse Hugo,

o poeta illustre — que eu nem sempre applaudo. E outro poeta bem maior do que elle, talvez o maior de todos, affirmou algures na ingenua prosa de sua lingua que quasi fez sósinho: «Nada magnifica, isto é, faz grande o homem, quanto a grandeza da bondade que produz e conserva as mais grandezas. Não póde homem ter maior grandeza que a da virtude»[1]. O Dante applaudiria pois o centenario, reparando talvez uma injustiça E o Dante applaudo eu sempre.

---

1 Dante. *Convito,* tratt. I, 10.

APPENDICE

I

Sermão no dia da Parasceve

«Será Jesus entregue ás gentes e escarnecido e flagellado e cuspido, e depois de flagellado, trucidal-o-hão». É o que se lê em alguns passos do Evangelho.

«Oh! captiva a liberdade dos captivos! Escarnecida a gloria dos anjos! Flagellado o Deus de todo ser! Cuspido o espelho sem macula! Vilipendiado o candor da luz eterna! Morta a vida dos que morrem! A nós miseros, que nos resta, senão ir com elle e com elle morrer? Ó alma, pranteia amargamente a morte do Unigenito, a paixão do Crucifixo! O Deus innocente e santo, entregue pelo discipulo, escarnecido por Herodes, flagellado pelo pretor, cuspido pela bôca dos judeus, crucificado pela cohorte dos soldados!

«Entregue pelo discipulo! O que me daes, lhes disse, e eu vol-o entregarei. Ó dor! Posto assim a preço o que é sem preço! Pretendes vender, ó Judas, o filho de Deus como vil escravo, como baixa creatura, e consultas para isso o ancioso querer dos compradores! O que me daes e eu vol-o entregarei. E que posso eu dar-te? Désse-te Jerusalem, a Galilea, a Samaria, embora, poderia acaso comprar Jesus? Désse-te o céu e os anjos, a terra e os homens, o mar e quanto n'elle existe, podéra comprar acaso o filho de Deus, em que se

contêem todos os thesouros da bondade, todas as grandezas do saber de Deus? Não, por certo. Póde a creatura comprar ou vender acaso o creador? E ousaste propor a seus desejos: Que me daes e eu vol-o entregarei! Dize-me: em que é que te fez mal Jesus? Esqueceste a incomparavel humanidade e pobreza do filho de Deus? A sua affabilidade e brandura? A sua doce prégação e feitura de milagres? As suas lagrimas tão cheias de piedade por Jerusalem, por Lazaro, seu finado amigo? O privilegio com que te elegeu apostolo e quiz seu familiar? Isto, e tudo a isto comparavel, devia amaciar teu coração e trazel-o a misericordia para não ousares dizer: E eu vol-o entregarei.

«Mas, oh! quantos Judas Iscariotes (que significa mercancia) pela mercancia de um commodo temporal vendem a verdade, trahem com o osculo da adulação e se suspendem depois no laço final da eterna condemnação!

«Escarnecido por Herodes! (S. Lucas, XIII): «Desprezou-o, porém, Herodes, com seus soldados e o escarneceu vestindo-o de uma roupa branca». Desprezado o filho de Deus por essa raposa que se chama Herodes. «Ide (S. Lucas, XIII) e dizei a essa raposa e aos seus soldados, etc.» Escarnecido por Herodes Aquelle a quem a vozes proclamam as cohortes angelicaes: Santo Senhor dos exercitos, Aquelle a quem (Daniel, VII), assistem e ministram centenas de milhares e milhares de milhares de anjos. E escarneceu-o, diz, vestindo-o de uma roupa branca. Vestira-o seu Pae, é certo, de uma roupa branca, de carne limpa de toda macula, de carne assumida da immaculada carne de uma Virgem. Deus glorificára seu filho e Herodes desprezou-o. Vestiu-o seu pae de uma roupa branca e Herodes, vendo-o assim vestido, escarneceu-o.

«Oh! é o que tanto se faz agora. Herodes quer dizer gloria da pelle, e significa o hypocrita que na apparencia apenas como na pelle externa se gloría, quando toda

a gloria da filha do rei celeste, quer dizer, da alma, reside na verdade eterna. Despreza o actual Herodes e escarnece tambem Jesus. Despreza quando préga o crucifixo, mas não traz em si os estigmas do crucifixo. Escarnece, quando se esconde sob a gloria do que é externo para enganar os membros gloriosissimos de Christo...

«Flagellado por Poncio Pilatos, (S. João, XIX). «Então tomou Pilatos a Jesus e flagellou-o...» Para que vos não colha esse flagello, pelo qual se significa a morte eterna ou o poder do demonio, o Deus de todo ser, o Filho de Deus, foi como ladrão atado a uma columna e atrocissimamente flagellado até derramar sangue dos açoutes! Ó mansidão da divina piedade! Ó paciencia da vontade paterna! Ó profundo e insondavel arcano do juizo eterno! Viste, ó Pae, teu unigenito e co-igual atado á columna dos ladrões, lacerado de açoutes só dados a homicidas! E que fizeste? Graças te rendemos, ó Pae santo, pois pelas prisões e açoutes de teu filho amado nos livraste das prisões da culpa e dos açoutes do demonio!

.....

«Cuspido pela bôca dos judeus. (Matheus, XXVI). «Cuspiram-lhe no rosto, e deram-lhe punhadas. Outros esbofetearam suas faces». Ó Pae! fustigada com uma canna a cabeça de teu filho! O rosto que os anjos almejam por contemplar desfeiado pelo cuspir dos judeus, coberto de cruas bofetadas, arrepellado nas barbas, lacerado nos cabellos! E tu, clementissimo, calas e dissimulas e antes queres que teu filho, em que teu ser se compraz, seja cuspido e esbofeteado do que padeça toda a humana geração! Gloria e louvor a ti, que dos golpes e affrontas de teu filho fizeste a triaga destruidora do veneno de nossa alma.

«Crucificado pela cohorte dos soldados. (S. João, XIX). «Os soldados tendo-o crucificado tomaram suas vestimentas, etc.» Ó vós todos que passaes pelo caminho,

attendei e vêde se ha dor igual á minha dor! Fogem de mim meus discipulos, de mim se afastam meus amigos e conhecidos. Nega-me Pedro. Corôa-me de espinhos a synagoga. Crucificam-me os soldados. Os judeus escarnecem-me e blasfemam-me. Dão a beber á minha sede vinagre e fel. Vêde se ha dor igual á minha dor. As suas mãos torneadas (como diz a Esposa dos Cantares, v) feitas de oiro e cheias de jacintos, atravessadas de agudos cravos! Os pés, a que o mar sotopunha o dorso aquietado, pregados duramente á cruz. O rosto fulgente como o sol no espaço, transmudado no palor da morte. Cerrados de todo os olhos, aos quaes nenhuma creatura é invisivel. Vêde se ha dor igual á minha dor. N'estes duros trances sómente seu Pae lhe prestou amparo, seu Pae em cujas mãos encommendou o espirito, dizendo: «Pae, em tuas mãos encommendo meu espirito. E dizendo isto inclinou a cabeça, por não ter onde a reclinar, e entregou-lhe o espirito».

II

Do sermão da segunda feira da primeira semana da Quaresma

. . . . . .

«Serão as multidões peremptoriamente citadas e chamadas perante Elle. Por isso diz: e todas as gentes se hão de congregar. Todos, ordenado está, havemos de comparecer no tribunal de Christo. Como isto se fará é cousa duvidosa. Diz o commum dos doutores que primeiro se mostrarão aquelles espantosos signaes de que nos falla Christo em S. Marcos. Ha de ser então tamanha a sécca e com a sécca a esterilidade que a maior parte dos homens e das bestas morrerá de peste e de penuria. Pois por muitos annos, quatro contam os santos, não cairá do céu gota de chuva, nem apparecerá

por todo esse tempo o arco celeste, fallecendo de todo a causa de sua apparição. Será então certo estar vizinho o juizo. Esta sécca, segundo querem os Santos, disporá tudo mais depressa á inflammação e combustão das cousas. E serão alem d'isso, n'esse tempo, tantas as tumescencias de vapores seccos, que parecerá que todas as estrellas vão cair do céu. E então se hão de revelar aquelles quinze signaes que S. Jeronymo diz haver achado nos annaes dos hebreus, os quaes são:

«No primeiro dia erguer-se-ha o mar á maneira de muralha sobre a altitude das montanhas, não quarenta covados, como alguns pretendem, mas quinze, o que claramente manifesta que nem no tempo do diluvio se levantaram mais alto as aguas, segundo Santo Agostinho (*De civit. Dei,* liv. xx, cap. xviii.) Esta ascensão do mar significa a ascensão da abominação e dos peccados commettidos.

«No segundo dia descerão as aguas de sorte que não poderão ser vistas, para significar que os peccadores serão sobrecarregados de penas e mettidos nos abysmos, d'onde mais d'elles não virá memoria.

«No terceiro, os animaes marinhos, tornando o mar ao seu leito, subirão á superficie das ondas e soltarão contra a mesma natureza mugidos e clamores horrorosos, como se quizessem implorar vingança dos peccadores, pois na transgressão do primeiro homem escaparam á maldição, que nesse tempo só a terra foi maldita.

«No quarto, o fogo abrazará o mar e as aguas, e então tudo que nellas existe morrerá, e por isto advirtam os peccadores como serão envolvidos na sentença crua.

«No quinto, todas as aves do céu se ajuntarão, pois por temor e dor não mais poderão voar, mas morrerão pelos campos e chorarão e lamentar-se-hão á maneira dos homens, sem comerem nem beberem.

«No sexto, sulcarão raios todo o ar do oriente para o occidente, as estrellas, tanto as fixas quanto as errantes, lançarão de si espantosas caudas.

«No septimo, haverá terremotos horrendos e geraes, com que todos os edificios sobre a terra se despenharão.

«No oitavo, as pedras, grandes e pequenas, se entrebaterão nos ares e todas se partirão em quatro partes, representando a futura resolução em quatro elementos de todos os mixtos, firmes e solidos.

«No nono, todas as plantas, todas as folhas distillarão gotas de sangue, querendo significar que a terra inteira está banhada e infecta de sangue e crueldade. Ante este luto os homens se sumirão nas cavernas e será tão grande seu temor que entre si se apertarão uns aos outros e muitos se sentirão oppressos, e suffocados morrerão.

«No decimo, todas as cumiadas dos montes e collinas ruirão desfeitas em cinza, para significar a humilhação dos soberbos.

«No decimo primeiro, virão todos os animaes das selvas para os descampados soltando altos clamores e desdenhando todo alimento. E então os homens se sairão das cavernas, e andarão como loucos sem trocarem entre si palavra, mas mordendo-se com frenesim e em furor, como cães raivosos.

«No decimo segundo, os ossos e cinzas dos mortos recolhidas pelo ministerio dos anjos serão separadas para reintegração dos corpos.

«No decimo terceiro, hão de abrir-se as sepulturas de par em par, á espera da futura resurreição, e nesse mesmo dia todo homem morrerá.

«No decimo quarto, o fogo da geral conflagração não só expurgará todo o mundo, e purificará os ares a fim de que não haja logar contaminado, onde Christo tem de achar-se com toda a multidão dos bons; mas tambem colligirá todas as fezes do mundo e comsigo as levará para o abysmo eterno.

«No decimo quinto, tudo se renovará e os mortos ouvirão a voz do filho de Deus, e a seu mandado resurgirão tanto os bons quanto os maus. Os bons em ver-

dade resurgirão segundo a plenitude da idade de Christo; não porém assim os maus, conforme creio. Os maus resurgirão com as suas deformidades... Cada qual se demorará algum tempo, no logar onde seu corpo tiver jazido. E então á voz dos archanjos que presidem ás provincias do passado mundo todos peremptoriamente serão citados. Ó voz formidanda aos peccadores, que no tempo se negaram a ouvir a voz da correcção. Era essa voz tremenda que aterrava a S. Jeronymo, o qual nos diz commentando S. Matheus! «Toda vez que considero n'essa voz, estremeço em cada fibra de meu corpo. Quer esteja comendo, quer bebendo, quer occupado de outro modo, hei de sempre sentir em meus ouvidos aquella trombeta terrivel a bradar: «surgi mortos, vinde a juizo»[1].

III

Sermão da Ceia do Senhor

«O pão que eu hei de dar é minha carne, a qual darei pela vida do mundo. (S. João, VI, 51).

Se a prova do affecto está, segundo affirma S. Gregorio, na qualidade do acto, quanto Christo, filho de Deus, haja amado a humana geração mostram-no evidentemente estas palavras do Evangelho e do Senhor, pois são palavras escriptas no citado capitulo de S. João; mas saídas dos labios d'Aquelle que é a verdade infallivel, a via rectissima, a felicidade sem limites. Ora, nosso Salvador, que procedeu do Pae desde a eternidade, como a palavra procede da alma, do sol procede a luz, da nascente o rio, assumindo carne e nascendo de uma virgem, veiu misericordiosamente restaurar o genero

---

[1] No sermão da XII Dominga depois da Trindade allude a este passo de S. Jeronymo, referindo-se ao justo que ouve sempre «na tristeza de seu coração» este som terrivel.

humano esbulhado da gloria da immortalidade pela culpa de seus primeiros paes. As palavras extrahidas do livro de S. João evidentemente o exprimem e declaram, dizendo o Salvador: O pão que eu hei de dar é minha carne, a qual darei pela vida do mundo.

N'estas palavras tres cousas se manifestam, que tornam esta sacratissima ceia recommendavel, acceita, digna de toda a reverencia.

A primeira, é a nobreza da iguaria. A segunda, a sublimidade do sacramento. A terceira, a extincção do prejuizo. A iguaria ministrada é refectiva da alma. O sacramento instituido, curativo de todo mal. O prejuizo destruido, depressivo da humana geração.

Prova a nobreza da iguaria sua qualidade. O Salvador diz: O pão que eu hei de dar. Prova a sublimidade do Sacramento a transubstanciação maravilhosa, pois acrescenta: É minha carne. Prova a extincção do prejuizo a humana redempção, por isso que declara: Pela vida do mundo. Diz com effeito o Salvador: O pão que eu hei de dar é minha carne, a qual darei pela vida do mundo.

Mas a sagrada letra, revelada pelo Espirito Santo, como diz Hugo, e ministrada por varões santos, como diz S. Pedro, affirma ser multiplo o pão que ao genero humano dá o Salvador do mundo. Dá-nos o pão material, dá-nos o pão sapiencial, dá-nos o pão sacramental, dá-nos o pão celeste. O primeiro é o pão da natureza. O segundo é o pão da doutrina. O terceiro é o pão da Eucharistia. O quarto é o pão da gloria. O pão da natureza é pão de todos. O pão da doutrina é pão de convertidos. O pão da Eucharistia é pão de eleitos. O pão da gloria é pão de bemaventurados.

Trata a sagrada pagina em primeiro logar do pão da natureza. Foi este pão dado ao homem após a quéda

de seus primeiros paes em recompensa do pomo da arvore da vida, que perdeu por suggestão do inimigo, consentimento da mulher e cumplicidade propria. Por isso Chrysostomo, fallando do prejuizo causado pela mulher, diz: É esta a mulher, etc. Jeronymo adverte-nos tambem que vivàmos sempre na lembrança d'este damno, quando diz: Nem poderás ser mais santo que David, mais sabio que Salomão, etc. Carpindo este peccado, impreca Job (III, 3): «Pereça o dia em que nasci», o que explana Gregorio nas palavras: Vira o varão santo, etc.

Mas esse bem, igualmente o perdeu o homem pela ancia de saber, segundo diz Bernardo tratando da Ascenção do Salvador. A ambição do poder, diz, privou o anjo da companhia de seus pares: a ancia de saber esbulhou o homem da gloria da immortalidade.

Foi, com effeito, a muitos occasião de ruina a ancia de saber. Por isso cumpre seguir o conselho do Apostolo quando adverte que não se saiba mais do que convem.

Se alguem quizer ser perfeito no saber, ensina o sacro doutor Gregorio, embeba-se de sciencia santa que não só se não faz occasião de soberba e de ruina, mas se torna regra e via de perfeita justiça a quem segundo ella pretende viver. Pois diz: (nos Moralia): Consiste a perfeita justiça em viver n'este mundo e nada ter da concupiscencia d'elle, não desejar o que é alheio, não receiar o que é proprio, dispensar os applausos do mundo, amar os opprobrios padecidos por amor de Christo, etc.

D'este pão natural e material ministrado ao homem após a queda, escreve o Genesis (III, 19): No suor de teu rosto comerás teu pão. Como se Deus dissesse ao homem decaído já: por amor do preceito que transgrediste, por amor do peccado que commetteste, por amor da mulher a quem mais obedeceste do que a mim, no suor do corpo, na inquietação da alma, no pavor da

morte, na dor e no trabalho de teu rosto, comerás teu pão, pois perdeste o pomo da arvore da vida, o qual pela virtude que lhe fôra conferida, te podéra (se não tens peccado) conservar a vida.

Aqui temos o pão da natureza.

*

Vem depois o pão da sabedoria e da doutrina.

Falla d'este pão o sapiente (Eccl., xv, 3). Saciou-o com o pão do entendimento e da vida e com a agua da sapiencia salutar o dessedentou. Diz: o dessedentou, a saber, ao varão fiel, ao varão humilde, ao varão desprezador do mundo, ao varão amador de Deus. A esse alimenta Deus com o pão da vida, com o pão da sabedoria, com o pão da graça. Diz o Psalmo: Alimentou-nos com o pão das lagrimas. E adverte que diz: alimentou; porque assim como o pão material é alimento do corpo, assim tambem o espiritual, ou o do dizer divino, é alimento da alma. Por isso nota S. Gregorio em certa homilia: As palavras de Deus que receberdes no ouvido, conservaes-as na alma, pois é alimento da alma o dizer de Deus. A palavra que depois de ouvida se não mantem no ventre da memoria, é como o alimento que se não conserva no estomago doente. Pois o pão da doutrina sara a mente, robustece a alma, esclarece o espirito. Por isso S. Gregorio (Moral., VIII): Assim como a fome do corpo e a ausencia da refeição, assim tambem a fome da alma e a mudez da locução divina. Se a palavra divina desampara a mente do homem, é então que mais vale contra ella a tentação da carne. Esclarece o espirito. Affirma o Propheta: «Esclarece a manifestação das tuas palavras».

Alimentou-o com o pão do entendimento e da vida, pois a palavra divina illumina o entendimento, ao passo que o Espirito Santo illumina o coração, como diz S. Gregorio (Moral., XXIX, cap. XIII, da pessoa da sa-

bedoria increada): Emquanto abrando os duros corações, mitigo os asperos, inclino os rigidos, accendo os frios, assento os leves, confirmo os vagos, fortaleço os debeis, observa, se pódes, despido de carnaes cogitações, por que vias a todos illumino e alento.

Alimentou-o com o pão do entendimento e da vida. A isto se segue logo: «E com a agua da sapiencia salutar o dessedentou».

Attende que designadamente disse: da sapiencia salutar. Pois ha sabedoria salutar e sabedoria prejudicial, sabedoria dos do mundo, e sabedoria dos do céu. Esta dupla sabedoria distingue S. Gregorio ao fallar d'aquelle passo de Job: «Será escarnecida a simplicidade do justo quando adverte (Moral., lib. x, cap. xxvii): A sabedoria d'este mundo enreda de machinações o coração, escurece o sentido das palavras, demonstra falsas as cousas verdadeiras, declara verdadeiras as que o não são. Esta é a prudencia que os moços aprendem, esta é a prudencia que ás creanças se insinua. Os que a sabem, inchados de soberba, desprezam os que a ignoram, os que a ignoram offerecem-se em tudo submissos e timidos. Esta ensina aos que a cortejam a procurar as mais subidas honras, a folgar na vaidade da vida temporal, a retribuir com males os males infligidos, a jamais ceder quando á resistencia sobrem posses. Como, porém, fallece a possibilidade da virtude, o que pela maldade se não póde effectuar, pela simulação da paz e da verdade se realisa. Esta é a sabedoria cheia de tumidez, cheia de vaidade, cheia de maleza. Por isso diz Santo Agostinho: «Os sabios da natureza das cousas são ignorantes de Deus.»

Reconhece tambem S. Gregorio uma sabedoria dos do céu, que é a sabedoria digna de louvor, de imitação, de desejo, quando ahi mesmo diz: «A sabedoria dos do céu nada ostenta e nada finge; abre o occulto sentido das palavras; ama as cousas verdadeiras, e afasta de si as falsas; faz o bem pelo bem, e mais tolera o mal

do que o pratica; a ninguem irroga injuria e julga de proveito padecer affrontas pela verdade.» Esta é a sabedoria cheia de caridade, cheia de santidade, digna de ventura eterna. Por isso S. Thiago (cap. III, 17): «A sabedoria que vem do alto é primeiramente pura, depois pacifica, moderada, suasiva, propensa ao bem, cheia de misericordia e de bons fructos, julgando sem parcial accepção». Dessedentou-o com a agua da sapiencia salutar.

*

Em terceiro logar o pão da Eucharistia.

E este é o pão celico, o pão angelico, o pão bemaventurado. Deu Christo este pão aos apostolos n'esta ceia sacratissima, segundo expõe S. Matheus: «E ceando elles, tomou Jesus o pão, abençou-o, partiu-o, e deu-o a seus discipulos, e disse: Tomae e comei; este é o meu corpo.» Diz: ceando elles, a saber, os apostolos. Ceou o Salvador assim com seus discipulos em presença corporal; ceia agora em união espiritual, ceará no fim em recompensa perennal. «Bemaventurados, diz João (Apocal., XIV, 9) os que são chamados á ceia das nupcias do cordeiro». Ceando elles, tomou Jesus o pão, Jesus que é saude dos que morrem em rasão da culpa, porque se a Elle querem tornar-se, saram. Por isso Pedro de Ravenna tratando d'aquelle dizer de Lucas (I, 31): Chamarás seu nome Jesus. «Este é nome, diz, que paira sobre todo nome, que deu vista aos cegos, ouvido aos surdos, passo aos coxos, falla aos mudos, vida aos mortos e desviou dos corpos obsessos todo o poder do mal». É tambem Jesus remedio para os enfermos de chagas e pestilencias da alma. Nenhum remedio mais efficaz, segundo S. Bernardo. «Este nome de Jesus, diz, é medicina que enfreia o impeto da ira, desfaz o tumor da soberba, sara a ferida da inveja, suspende o fluxo da luxuria, extingue a chamma da cobiça, modera a sêde da avareza».

É tambem Jesus o nosso preço. Deu-se por nós a trabalhos, a vigilias, a affrontas numerosas, de que devemos lembrar-nos com S. Bernardo, que diz: «Lembrado serei sempre, emquanto vivo for, dos trabalhos que passou prégando, das fadigas vagueando, das vigilias jejuando, das visões orando, dos prantos padecendo, das ciladas ensinando; finalmente, accrescenta: lembrado serei dos escarros, das bofetadas e dos cravos, etc.

Tomou Jesus o pão. O pão que é Christo é pão que vivifica, pão que letifica, pão que fortifica. É Christo pão que vivifica os que a elle tornam. (João, VI, 4): «Eu sou pão vivo que desci do céu». É pão que letifica os penitentes. (Sap., XVI, 20): «Ministraste-lhes sem pena o pão dos céus, tendo em si toda a deleitação e a suavidade de todo sabor». É pão que fortifica (João, VI, 52): «Se alguem comer d'este pão viverá eternamente».

Tomou Jesus o pão e abençoou-o e partiu-o. Em tres partes Uma parte que se mistura com o sangue, significa os que meditam. Uma das duas que assentam na patena, significa os que caminham. A outra significa os fieis que dormem no sepulchro.

E deu-o a seus discipulos. Dá Deus ao homem muitos dons nobilissimos, conforme diz Santo Agostinho: Deu Deus ao homem a alma com as potencias, o corpo com os membros, o mundo com os elementos, a fé com os mysterios, a si proprio com os tormentos. E accrescenta: «Acceitae, como dom que engrandece, e comei, como alimento que salva. Este é o meu corpo».

Este é o meu corpo, a saber este é o corpo concebido pela virtude do Espirito Santo, este é o corpo formado em um instante, este é o corpo atado com vinculos, este é o corpo açoutado cruamente, este é o corpo levantado n'uma cruz, este é o corpo dessedentado com fel, este é o corpo atravessado com uma lança.

Tudo isto que por nós soffreu Jesus, deviamos sempre contemplar, como nota S. Bernardo. «Contempla, diz, alma fiel, contempla a figura de teu Christo e ver-

lhe-has as espaduas flagelladas, o peito atravessado, a cabeça pungida de espinhos, os pés e mãos duramente cravejados. Volve e revolve, accrescenta, todo o corpo do Senhor, da cabeça aos pés, de lado para lado, e acharás por todo elle sangue e dor».

Eis aqui o pão da Eucharistia.

*

Temos, finalmente, o pão da gloria.

É este pão que refaz, pão que sustenta, pão que nunca falta. D'este pão diz S. Lucas (cap. XIII): «Bemaventurado quem comer pão no reino dos céus». Bemaventurado com effeito pela amenidade da pousada, pela saciedade do amor, pela certeza da beatitude, pela suavidade da visão.

Bemaventurança, segundo Agostinho, é estado perfeito pela congregação de todo bem. Em verdade, todo bem ahi se encontra, porque segundo S. Bernardo, «ahi ha o dia sem a noite, o certo sem o incerto, a vida sem a morte». Ahi será alegria sem molestia, tranquillidade sem fadiga, segurança sem temor. Ahi formosura sem senão, fortaleza sem defeito, rectidão sem ruindade. Ahi verdade sem doblez, caridade sem malicia, ventura sem miseria.

Guie-nos a tal ventura Salvador, que se dignou de assumir carne para nos remir, padecer morte e triumphar com os mortos, Elle que com o Pae e o Espirito Santo vive e viverá pelos seculos sem fim. Amen.

*

Nem sempre, advirta-se, logrei distinguir, na frequencia excessiva das citações, onde estas terminavam e onde recomeçava o texto. Na impossibilidade de verificar todas as transcripções, estabeleceu-se o que pareceu mais provavel. Se o leitor aventar erro, corrija-o.

NOTAS

Nota I—Pag. 10

Mysterios

Discute-se entre os theologos o que deva precisamente entender-se por mysterios. D'elles querem que sejam por modo generico só as verdades da fé, que conhecemos pela revelação divina, contrapostas ás que a rasão de per si póde descobrir, ou descobriu, em parte quando menos, antes de Christo, que houvera chegado a descobrir sem o auxilio singular de Deus. Para estes só os dogmas puros, *dogmata pura,* são uma e a mesma cousa que mysterios. Outros, na preoccupação do eterno distinguir, caro aos theologos, dividem os mysterios em mysterios em geral e em mysterios propriamente ditos. Para estes, mysterios propriamente ditos, mysterios mysterios, são os que ainda depois de revelados permanecem obscuros. Um terceiro grupo reputa só mysterios os que os do segundo grupo denominam mysterios propriamente ditos. A estas distincções e classificações, cuja sagacidade não ouso contestar, oppõem-se todavia as opiniões precisas de alguns Padres, santos luminares da Igreja primitiva, que é obrigação e prazer de todos acatar, e que dizem mysterios todas as verdades do Christianismo. «Por mais que remontemos a serie dos Padres até os mais antigos, todos, Lactancio, S. Cypriano, Tertulliano, Origenes, Clemente, S. Ireneo, S. Justino, S. Ignacio, são do mesmo parecer (Mattes, em Wetzer e Welte).»

Não foi do caracter de invencivel obscuridade das verdades da Fé, disse-se já, de sua impenetrabilidade á rasão humana por mais culta e privilegiada que seja, que lhes vem tal nome. A origem parece clara: «Os christãos dos tempos primitivos faziam segredo de sua vida religiosa propriamente dita, do culto, das ceremonias sacras e dos dogmas da fé que lhes eram fundamento, aos judeus, aos pagãos, aos cathecumenos; o que assim mantinham occulto

figurava como mysterio analogo aos antigos mysterios dos pagãos» (Mattes, *l. c.*). S. Gregorio Nazianzeno ensina que a maior parte dos mysterios se não deve revelar aos que estão fóra da Igreja. Por isso se chamou ás verdades da revelação christã, mysterios. Entre os christãos o segredo provinha do receio justo de verem profanados os objectos do culto e as verdades da fé, do receio justo que por fraqueza os cathecumenos pouco firmes, embora sinceros, por perfidia os que hypocritamente tivessem vindo solicitar a iniciação primeira, entregassem á profanação, ao insulto, ao escarneo, á perseguição, as pessoas e cousas da religião nascente. É o que se diz no texto.

Confirma este modo de ver a etymologia da palavra. Mysterio vem do grego *Myo*, que significa primariamente emmudecer, estar calado, e só secundaria e posteriormente ser obscuro. As cousas intencionalmente assim occultas não eram obscuras em si, mas obscurecidas pelo silencio sacramental que forçosamente as cingia. A palavra teve na origem entre christãos esta mesma accepção primaria. Só insensivelmente a foi mudando, por isso que não eram simplesmente os mysterios verdades que se calavam, mas tambm verdades por sua natureza inaccessiveis á rasão humana. Assim se veiu a suppor com o tempo que os dogmas christãos eram chamados de tal nome por serem incomprehensiveis.

As verdades resguardadas tinham na technologia christã o nome de *disciplina arcani*. Foi em tempo moda entre protestantes duvidar da existencia d'essa instituição. Imaginava-se quebrar com a duvida uma arma poderosa nas mãos da Igreja. Mas hoje reconhecem-a sabios protestantes, como Ricardo Rothe, de Heidelberg, e Credner, de Giessen.

Nota II — Pag. 23

Do Regresso a Deus

«*Entrando em minha casa descansarei com ella, pois não tem amargor*, etc. O homem espiritual ao regressar da solicitude das cousas temporaes, da inquietação das cogitações, entra na casa da propria consciencia, e cerrada a porta dos cinco sentidos, descansa com a sabedoria, entregando-se á contemplação divina. Ahi prova a paz de uma doçura suprema. A conversação e trato dos sapientes não tem amargor, isto é, a deleitação do peccado; nenhum veneno estrue o paladar que a procura; nenhum fastio o embota, pois as delicias espirituaes augmentam o desejo, e quanto mais d'ellas absorve o espirito mais avidamente as ama. Ahi ha prazer e alegria, pois bem aventurada a casa, feliz a consciencia

que captiva o gosto da sabedoria. Ahi descansa a mesma sabedoria que diz: *A minha casa será chamada casa de oração.* Adverte que se compõe a casa de tres cousas, a saber: fundamento, paredes e tecto. No fundamento se observa a humildade; o grosso das virtudes nas paredes; no tecto, a caridade. Onde estas cousas se harmonisam, ahi tem a casa assento estavel».

(Expositio mystica in libr. Sapient., cap. VIII.)

Nota III — Pag. 43

Jerusalem

«Adverte que existe uma triplice Jerusalem: a allegorica, isto é, a igreja militante; a moral, isto é, a alma fiel; a anagogica, isto é, a igreja triumphante. Occupemo-nos de cada uma d'ellas. Na citada auctoridade de Tobias se dispõem quatro pedras, a saber: a saphira, a esmeralda, a pedra preciosa, a pedra limpa ou candida. Por estas quatro ordens da igreja militante entendemos os Apostolos, os Martyres, os Confessores e as Virgens. A saphira semelhante ao céu sereno significa os apostolos, que pelo desprezo do que é da terra mereceram dizer *a nossa conversação e nos céus.* A esmeralda, que é de si tão verde que excede o verdor das hervas, torna verde o ar ambiente e verdes as imagens que alcança a vista a que se antepõe, designa os Martyres que regaram com o seu sangue as almas que plantou no horto da Igreja o trabalho dos Apostolos para perdurarem no ardor da fé. Da saphira pois dos Apostolos e da esmeralda dos martyres se formaram as portas da Igreja Militante para que por ellas se patenteasse a entrada ao reino celestial.

A pedra preciosa significa os confessores que á maneira de muralhas se ergueram pela defeza da casa do Senhor contra os herejes. A pedra limpa ou candida, as Virgens que fulgiram na pureza interior e na brancura externa, que na humildade e no martyrio se prostraram ante o Senhor.

Moralmente: na saphira o desprezo das cousas visiveis e a contemplação das invisiveis. Na esmeralda, a compuncção das lagrimas com a confissão das culpas. D'estas duas se formam as portas da alma, pelas quaes se abre entrada á graça do Espirito Santo. Por ellas se abre tambem entrada ao desejo de gostar a suavidade de Deus, a circumspecção de si, o desprezo do mundo. Na pedra preciosa se significa a paciencia que é muralha da alma, que bem munida a defende de toda perturbação. Na pedra limpa e candida se manifesta a castidade e a humildade com que se devem expurgar as cogitações da alma e as affeições da mente.

Anagogicamente: na saphira se designa a contemplação da indizivel Unidade e Trindade; na esmeralda, grata aos olhos, a visão jucunda de toda a Igreja triumphante; na pedra preciosa, o goso eterno dos celestes jubilos; na pedra limpa e candida, a glorificação da *dupla stola,* da alma e do corpo.»

(Dominica I infra octavam Epiphaniae.)

*

Não sei o que Tobias (XIII, v. 21 e 22) e Santo Antonio que o commenta, entendem por pedra branca e pedra preciosa. A pedra preciosa póde ser a margarita, a que Santo Antonio dá algures (veja-se adiante a nota VI) este improprio nome, e a pedra branca o jaspe de que o Apocalypse (XXI, 19) diz ornados «os fundamentos do muro da cidade», á Nova Jerusalem. Tambem me lembro que seja a pedra preciosa de Tobias a calcedonia do mesmo passo do Apocalypse, isto é, a agatha azul ou amarellada. Na duvida que não logrei esclarecer, mantive o mero dizer do texto.

Nota IV — Pag. 58

S. Francisco e a Sciencia

Nada mais vulgar que attribuir a S. Francisco profunda e confessa animadversão a letras e sciencias. É certo que são communs em seus escriptos phrases como estas: «Guardemo-nos da sabedoria d'este mundo e da prudencia da carne» *(Regula Prima,* cap. XVII). «Quero, irmãos carissimos, que taes sejam os ministros da palavra de Deus, que entregues de todo a praticas espirituaes, se não embaracem com outras occupações» (Collatio XVII. De conditionibus et laude boni praedicatoris). «Não quero que meus irmãos sejam cobiçosos de sciencia» (Collatio II. De vocatione Fratrum minorum). É certo ainda que interrogado por um irmão que livro devia ler: «Lê no livro da cruz, lhe respondeu, para te não entregares á sciencia curiosa e vã» (Collatio XIX. Quod fratres non vocantur magistri), e negando a um noviço a faculdade que lhe pedia de conservar um psalterio: «Quererás depois o breviario e outros livros para aprender» (*Apoph.,* LV). Parece censurar os frades «que põem todo o seu zêlo e solicitude em adquirir sciencia» (Collatio XVI. De vanis et tumidis praedicatoribus). Mas tendo entrado em Allemanha, Italia e França muitos doutores na Ordem, foi perguntado se lhe prazia que se dessem ao estudo: «Praz-me em verdade, comtanto que não omittam o estudo da oração, seguindo o exemplo de Christo do qual se sabe que mais orava do

que lia» *(Colloq.*, xv). E outra vez ao aconselhar a um irmão : «Lê no livro da cruz, para te não dares á mundana e vã sciencia», accrescentou : «Feliz de quem se abstiver d'ella por amor de Deus.»

D'estas duas ultimas referencias é licito concluir que nenhuma antipathia votava o grande Santo á sciencia em si. Sabe-se que a pedido de um frade dominico commentou um passo de Daniel. Reputava-a um perigo quando mundana e vã, adquirida sem fim util e por mera curiosidade. Na carta que escreveu a S. Antonio auctorisando-o a ler as Sagradas Paginas em Tolosa lembra-lhe o perigo de esfriar na oração. Não reputava a sciencia despicienda em si, suppunha-a perigosa muitas vezes[1]. Não lhe tinha odio, tinha medo. É diverso. Mas quem ousará contestar que a sciencia curiosa e vã é, sob qualquer aspecto que se considere, prejudicial ao espirito?

Nota V—Pag. 60

Os grous

Sejamos pois misericordiosos imitando os grous, dos quaes se diz que, quando se esforçam por vir a logar certo, sobem ás alturas, observam de longe e alto as terras que procuram. Precede um guia o viajeiro bando, pune a preguiça no vôo, collige a vozes os que se afastam. Se enrouquece, outro lhe succede no empenho, acode e cuida de todos que o cansaço prostra. Se desfallece algum, concorrem todos a sustel-o, e amparam os que fraquejam até que de todo recobrem as forças.

(Dominica IV post Trinitatem.)

Nota VI—Pag. 43 e 60

As perolas

«Dizem os tratados das cousas naturaes que nas conchas marinhas nascem pedras preciosas que se chamam perolas, as quaes em certas quadras do anno cobiçam, como esposo amado, o orvalho do ar. Quando do luar este desce gotejante, ellas, no desejo vivo, abrem, como um bocejo, as valvas e bebem com sofreguidão o humor appetecido. Assim concebem, e, se é limpido o que reco-

---

[1] «... Ita tamen ut neque in te, neque in ceteris, quod vehementer cupio, extinguatur sanctae orationis spiritus ...» Carta de S. Francisco a S. Antonio. V. *Analecta de S. Francisco*, apud Bolland. Die IV octobris.

lhem em seu seio, as perolas que geram são de extrema alvura, se torvo, de enferma palidez, ou manchadas de vermelho; assim é mais do céu que do mar a sua concepção. Se o relento desce na aragem da manhã, faz-se mais alva a perola; se na brisa da tarde, mais escura. Quanto mais orvalho absorve a concha, tanto mais cresce a perola que contém, em grandeza e graça. Se a subitas lampeja vivo brilho, comprime-se em geito intempestivo. Na propria concha como que reside um sentido: não quer maculado o que gerou; e quando mais arde e estua o dia, afunda-se no mar resguardando-se da calma para que lhe não creste por intensa as perolas. São estas molles na agua, duras na terra e nascem e vivem solitarias; donde o nome, que bem lhes cabe, de *unio*. Receia-se a concha dos laços e traições dos pescadores e por isso se alapa no fraguedo, e, se lhe convem nadar, nada de conserva sob caudilho certo.

Moralmente. As conchas assim chamadas, por serem concavas, são os penitentes pobres e humildes de espirito que se escondem na concavidade, isto é, na humildade do coração. Têem tambem sêde de orvalho como de esposo. D'ahi dizer-se: *Teve minha alma sêde de Deus, fonte viva.* O orvalho da graça celeste fecunda como esposo, com o proposito das boas obras.»

(Dominica XVII post Trinitatem.)

Nota VII — Pag. 97

Oração de S. Francisco de Assis para pedir a pobreza

«Ó Senhor Jesus, mostra-nos os caminhos de tua dilectissima pobreza. Sei que é figura do Novo o Velho Testamento. Tu prometteste: Todo logar que vosso pé calcar, será vosso (Josué, I, 3). Calcar é desprezar. A Pobreza tudo calca, logo é rainha de tudo. Mas, ó meu Senhor, misericordioso Jesus Christo, tem compaixão de mim e da senhora pobreza; pois eu me abraso em seu amor, nem posso descansar sem ella. Ó Senhor meu, tu o sabes, tu que d'ella me enamoraste. Ella porém está sentada em tristeza, repellida de todos; *é como viuva a senhora das gentes* (Thren., I, 1); vil e desprezivel, com ser rainha de todas as virtudes; e lamenta-se sentada no esterquilinio, porque todos seus amigos a desprezaram e se tornaram seus inimigos, e desde muito se revelam adulteros e não esposos. Vê, Senhor Jesus, que a Pobreza é rainha das virtudes desde que desceste á terra, deixada a estancia dos anjos, para com perpetuo amor a desposar e gerar todos os filhos da perfeição n'ella, d'ella e por ella, que se uniu a ti com tanta fidelidade—no ventre de tua mãe começou seu obsequio—emquanto tiveste um

corpo animado, o minimo de todos. Ella te recebeu recemnascido em stabulo e presepio santo, e emquanto lidavas pelo mundo tanto te privou de tudo que até careceste de travesseiro onde reclinar a cabeça. Fidelissima consorte, emquanto travavas a guerra de nossa redempção, acompanhou-te fielmente, e no proprio conflicto da Paixão, inseparavel escudeiro, te assistiu, e ao tempo que te fugiam os discipulos e negavam teu nome, não se apartou de ti, mas se te juntou fielmente com todo o cortejo de seus principes. Mais: emquanto tua propria mãe (que te assistiu fielmente e com tão ancioso affecto se uniu á tua paixão) sendo tal mãe, não conseguiu tocar-te, a senhora pobreza com todas as suas penurias, como donzellinha gratissima, a ti esteve mais do que nunca estreitamente abraçada, unida do coração em teu penar. Não se occupou em acepilhar, ou em compor a cruz em modo rustico, nem fabricou os cravos (como se crê) em numero sufficiente para as feridas, nem os aguçou, nem poliu; mas preparou tres, rudes, asperos e obtusos, para auxiliar o teu supplicio. E emquanto morrias queimado da sêde, a mesma fiel esposa solicitamente te assistiu para que não tivesses nem uma gota de agua; e por impios satellites preparou um calix de tal amargura que mais o podeste provar do que beber. Perdeste a vida nos estreitos amplexos d'esta esposa. E ás exequias de tua sepultura não te faltou em sua fidelidade, nem permittiu que tivesses no sepulchro, de unguento e lençoes, cousa que não fosse emprestada de outros. Tambem não falleceu a esposa santissima á tua resurreição: resurgindo gloriosamente em seus braços, desamparaste no sepulchro tudo que era alheio e de emprestimo. A ella só transportaste ao céu, deixando ao mundo quanto do mundo era. E então confiaste á senhora Pobreza o signal do reino dos céus para assignalar com elle os eleitos, os que quizessem proceder no trilho da perfeição. Ó que haja alguem que não ame sobre todos a senhora Pobreza! Peço-te que me assignales com este privilegio, desejo ser enriquecido com tal thesouro. Supplico que a mim e aos meus, ó pobrissimo Jesus, seja para sempre concedido por amor de teu nome nada possuir sob o céu e ser sustentado de alheias cousas, vivendo, emquanto viva, de penurias esta misera carne. Amen.»

(Oratio Beati Patris pro obtinenda paupertate.)

Nota VIII — Pag. 99

Rasões da humildade

«Pobre corpo meu, que nú, cego, lacrimoso n'este exilio entras, e nú, e cego, e misero, partes d'este exilio, — queira Deus que não para a morte eterna — sujeito á necessidade da fome e do frio,

afflicto de enfermidades, cheio de immundicies e torpezas. D'onde pois, te vem, a ti, pobre, infeliz, essa soberba? D'onde essa gloria? Se queres ensoberbecer-te, ensoberbeces-te da suja cloaca que em ti mesmo tens. Ó triste pobresinho, que tanto de ti fazes! Tanto de ti te jactas! Não foste gerado acaso de germen fetido na escuridade do ventre de tua mãe? Ahi te apascentaste nove mezes de tal sangue que se fosse comido pelos cães os faria raivosos desde logo. D'onde pois tua soberba? Acaso do sangue de teus paes? Se d'isso, ensoberbeces-te da immundicie que te gerou. Acaso das riquezas? Ensoberbeces-te do alheio, que ellas não são tuas senão por emprestimo. Estreitissimo é o orificio da morte, por elle apenas poderás passar, pobre e nú; mas teus peccados, que nada são, irão comtigo. Glorias-te acaso do saber e da eloquencia? Não é tua a gloria, mas só d'Aquelle que dá a lingua e o saber, que faz fallar os mudos e ouvir os surdos. Ó misero, ó mesquinho corpo, que posto como estás em tanta pobreza e carestia, tanto te ensoberbeces e glorías! Que farias se fosses rico? Bemdito o Deus que humilhou, ferindo-o, o soberbo. Seccou o mar, a agua do abysmo vehemente. Prostrou o dragão, depoz o potente, deu-te o ruim em vez do odor suave, em vez do cinto a corda, a calvicie nua em vez da crespa cabelladura[1].»

(Dominica XI post Trinitatem.)

*

Attenuei de leve na versão a rude aspereza d'este trecho.

Nota IX — Pag. 100

Servo e filho

Servus tuus et filius ancilae tuae. Teu servo e filho de tua serva. Adverte servo e filho, pois se é filho, é servo (quia cum servus, ideo filius). Ó suave temor, que fazes do servo filho, ó benigno e verdadeiro amor, que fazes do filho servo! filho, diz, de tua serva. Portanto, ó homem, se queres desfructar liberdade, embebe teu collo na gargalheira do temor e teus pés em suas algemas. Não existe alegria comparavel á da liberdade, que não pódes conseguir sem metter a cerviz da soberba na gargalheira da humildade e os pés da affeição carnal nas algemas da mortificação. Só então poderás dizer: eu, teu servo.

(Expos. Myst. in psalm. Psalm. CXV.)

INDICE

Introducção 3
O Mystico 5
O Orador 27
O Rhetorico 36
O Moralista 46
O Sabedor 53
O Poeta 64
O Asceta 83
Appendice 105
Notas 119

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
BR
0032299

826-564

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 10 11 05 006 3